

ROMANCE ESPÍRITA DE
CLOTILDE FASCIONI



PERFUME
DE
Magnólia





Clotilde Fascioni

Nascida em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, em agosto de 1946, é viúva, possui quatro filhos e seis netos, residindo, atualmente, em Tupã, Estado de São Paulo.

No ano 2.000, participou de uma “Coletânea de Contos dos Grandes Escritores do Cone Sul” e, em 2.002, foi classificada em 3º lugar no Concurso Literário Fundação André Luiz, com a história “Tim por Tintim e Tintim por Tim”.

Já tem publicado dois livros infantis: “Pisca-pisca Vaga-lume”, pela Editora Papa-Livros e “Reunião de Bichos”, pela Editora Mundo Maior.

Escreve sob inspiração desde muito jovem, possuindo o sadio hábito de observar e ouvir pessoas, com as quais diz muito aprender, sempre à luz da Doutrina Espírita, colocando em seus escritos, as emoções que lhe tocam o coração, no mais profundo de sua alma.

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Fascioni, Clotilde Maria de Souza, 1946-

F26p Perfume de Magnolia / Clotilde Maria de Souza
Fascioni, Araras, SP, IDE, 1ª edição, 2011.

320 p.

ISBN 978-85-7341-564-3

1. Romance 2. Espiritismo I. Título.

CDD-869.935

-133.9

índices para catálogo sistemático

1. Romance: Século 21: Literatura brasileira 869.935
2. Espiritismo 133.9

PERFUME
DE
Magnólia

©2011, Instituto de Difusão Espírita

1ª edição - novembro/2011
5.000 exemplares

internet:

<http://www.ideeditora.com.br>

e-mail: comentarios@ideeditora.com.br

Capa:

César França de Oliveira

Todos os direitos estão reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida
ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios
(eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação)
ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados
sem permissão, por escrito, da Editora.

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av. Otto Barreto, 1067 - Cx. Postal 110

CEP 13602-970 - Araras/SP - Brasil

Fone (19) 3543-2400

CNPJ 44.220.101/0001-43

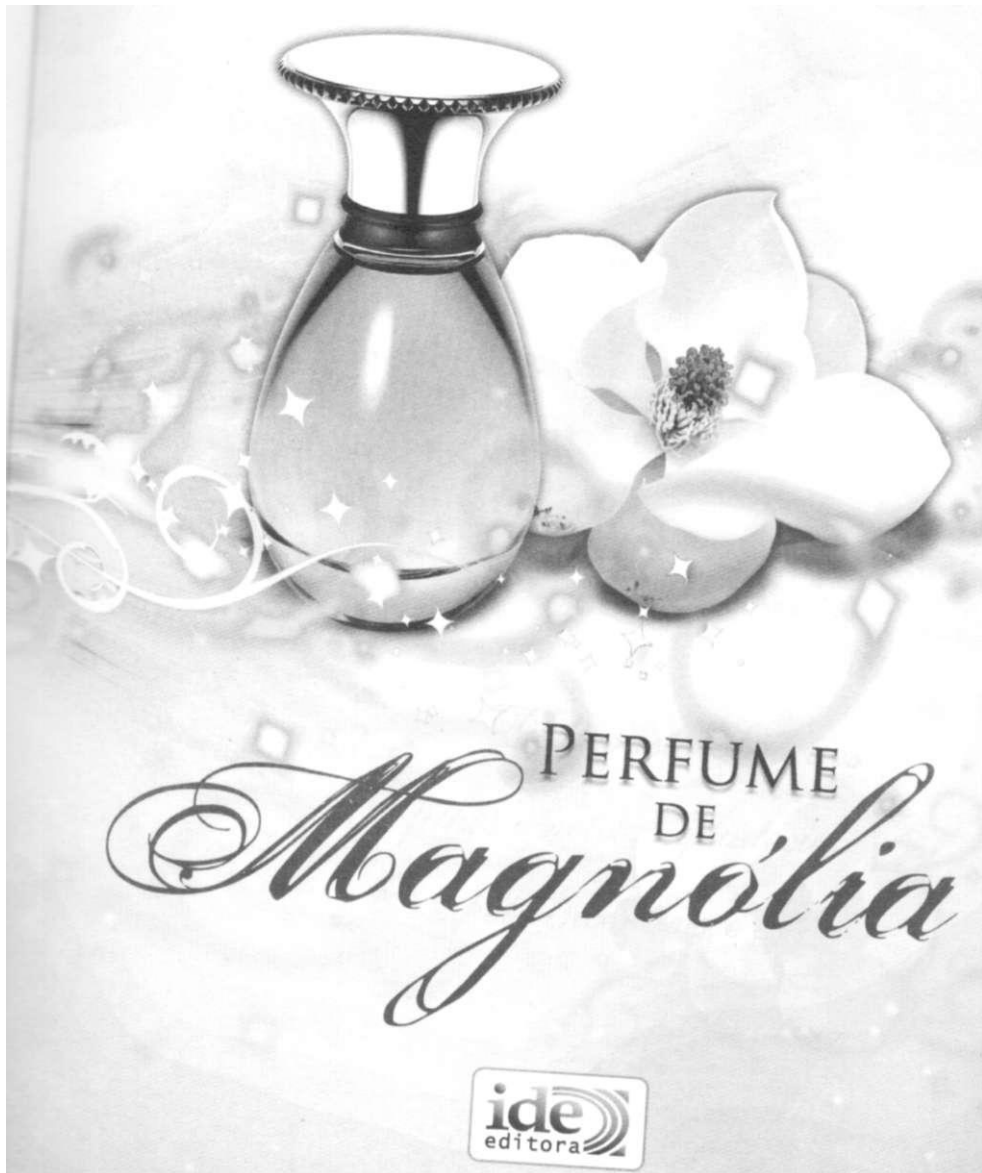
Inscrição Estadual 182.010.405.118

www.ideeditora.com.br



IDE EDITORA É APENAS UM NOME FANTASIA UTILIZADO
PELO INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA,
ENTIDADE SEM FINS LUCRATIVOS, QUE PROMOVE
EXTENSO PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, O QUAL
DETÉM OS DIREITOS AUTORAIS DESTA OBRA.

ROMANCE ESPÍRITA DE
CLOTILDE FASCIONI



PERFUME
DE
Magnólia



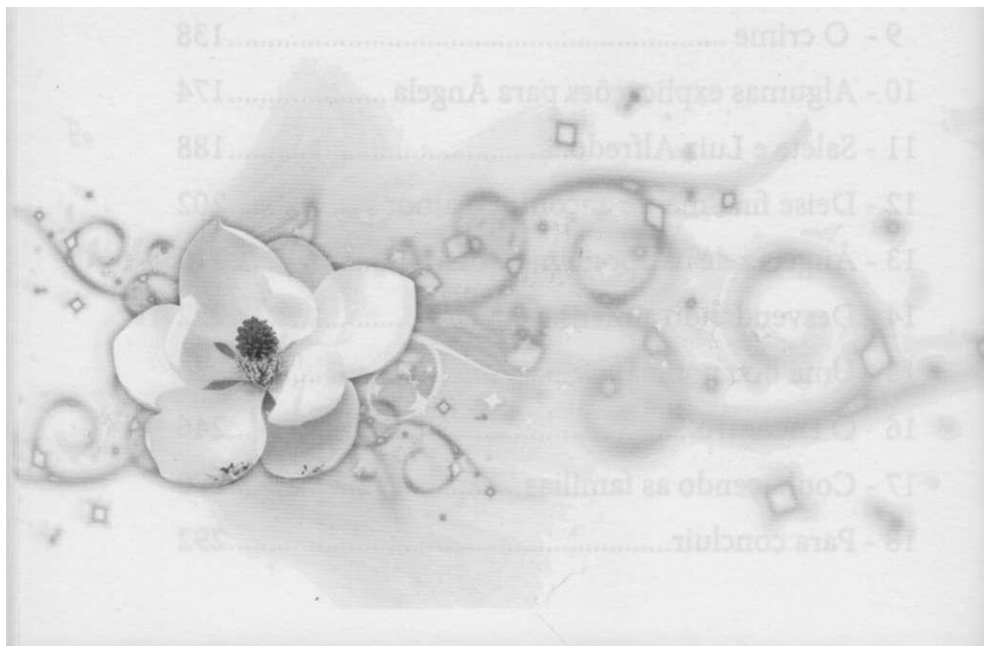
SUMARIO

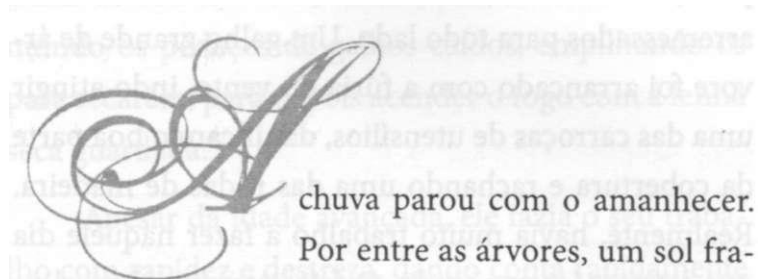


1 - O nascimento de Alma.....	10
2 - Regressão espontânea.....	30
3 - Reencontro na juventude.....	40
4 - A regressão de Ângela.....	50
5 - Leon vê Ângela e Ângela vê Leon.....	62
6 - Conhecendo Deise.....	76
7 - Padre João e Angelina.....	84
8 - O encontro no mosteiro.....	110
9- O crime.....	138
10 - Algumas explicações para Ângela.....	174
11 - Salete e Luiz Alfredo.....	188
12 - Deise finalmente encontra o amor.....	202
13 - Ângela relê os apontamentos.....	210
14 - Desvendando a mensagem.....	222
15 - Uma boa notícia.....	236
16 - O encontro.....	246
17 - Conhecendo as famílias.....	270
18 - Para concluir.....	292

Capítulo 1

O NASCIMENTO DE ALMA





co se infiltrava pálidoamente, iluminando aquele começo de manhã, trazendo uma alvorada ainda desbotada e combalida por tantos e tantos dias cinzentos de inverno, e que se instalava pouco a pouco.

Com passos lentos e cansados, o velho Yanno saía do interior do pequeno bosque, visivelmente desolado. Chegava devagar, andar pausado, segurando duas lebres pelas orelhas numa das mãos e, na outra, uma velha espingarda. Olhava tristemente de um lado para o outro, avaliando que teriam muito trabalho pela frente naquele dia, para limpar todo o acampamento de ciganos. O pátio, no centro de um semicírculo de carroças, e mais as imediações do acampamento que se estendia até o bosque onde se instalara aquele grupo de ciganos, estava em situação lastimável. O temporal tinha sido violento. Por dois dias e três noites,

a chuva caiu impiedosamente, acompanhada de um vento gelado que açoitou com tanta fúria, que muitos pedaços de árvore foram arrancados com violência e arremessados para todo lado. Um galho grande de árvore foi arrancado com a fúria do vento, indo atingir uma das carroças de utensílios, danificando boa parte da cobertura e rachando uma das rodas de madeira. Realmente, havia muito trabalho a fazer naquele dia que estava só começando. O frio estava se despedindo com todas as honras, deixando para trás dias cinzentos e gelados. Pelo menos era o que parecia, e o que todos do acampamento esperavam, já cansados do longo inverno. Alguns passarinhos já davam seus pios avisando o alvorecer e, para breve, a chegada da primavera.

Sobre uma mesa improvisada feita com um tronco grosso de árvore serrado a pouco mais de meio metro do chão, Yanno descansou as lebres mortas e a velha espingarda encostada ao lado. O lugar foi limpo ligeiramente com pano para retirar os restos da chuva. Ali eram servidos e preparados os alimentos. Em seguida, dirigiu-se para a carroça-oficina onde ficavam guardados todos os utensílios e ferramentas de trabalho do grupo. Mexeu e remexeu alguns caixotes, separando algumas ferramentas e, pegando um enor-

me facão e uma machadinha, levou-os para fora, depositando-os sobre o degrau da carroça. Só então deu início ao seu trabalho, recolhendo, cortando e diminuindo os pedaços de galhos caídos, empilhando-os para secarem, para depois acender o fogo com a lenha seca guardada.

Apesar da idade avançada, ele fazia o seu trabalho com rapidez e destreza, dando conta rapidamente dos afazeres. Foi ligeiramente limpando o lugar para novamente levantar a barraca onde faziam as refeições e se reuniam a maior parte do tempo, pois ela tivera de ser retirada assim que começou o temporal. Com o barulho que fazia com o machado e o facão, ora com um, ora com outro, foi atraindo o restante do pessoal que ainda estava nas carroças, dormindo ou aguardando o tempo melhorar.

- Olha só para isso, Yanno, meu velho! Poderíamos ter morrido, levados pela força da tempestade. Nesses meus anos de vida, nunca vi nada igual!

- falou Valáquio, um outro cigano do grupo, que se aproximou do velho, um tanto assustado.

Enquanto conversavam, outros companheiros

foram chegando para ajudar, enquanto observavam ao redor, com olhos assustados, o grande estrago.

- É, foi um dos piores temporais desses últimos tempos, e agora temos muito trabalho pela frente. Todos estão com fome e precisamos arrumar tudo rápido e acender o fogo para as mulheres fazerem a comida. Já cacei duas lebres que corriam aqui perto, antes do amanhecer. Pelo menos as crianças terão um caldo quente para se alimentar até que tudo volte ao normal. Felizmente, parece que todo o grupo está com saúde, ninguém ficou doente e não se teve muito prejuízo. Só aquela carroça quebrada pelo galho da árvore, mas não é nada, diante do que aconteceu nesses dias por aqui e do que se vê ao redor.

- É mesmo. Nossa Senhora nos guardou.

Enquanto todos os outros homens comentavam com Yanno e Valáquio o estrago, ouviram um gemido alto, quase um uivo e, logo em seguida, um grito lancinante. Todos os demais foram saindo de suas carroças, assustados, e foram rapidamente se aproximando da carroça de onde havia saído o grito de dor. A porta se abriu, deixando passar um homem ainda jovem, com expressão desesperada.

- Ajudem, Zara está parindo e não me pare-

ce nada bem. Vou chamar Zoraia - falou, assustado, caminhando em direção a Yanno, abraçando-o, num gesto aflito a pedir ajuda ao velho amigo. Olhou-o profundamente, com os olhos cheios de lágrimas, e falou, com um soluço trancado na garganta:

- Oh! Meu amigo, Zara não pode morrer, pois eu também morreria.

- Nem pense nisso, meu amigo Antonio. Tenha fé em Deus e em Nossa Senhora. Fique calmo, ela não vai morrer. As mulheres são fortes, e ter bebês, às vezes, é complicado mesmo. Vá chamar Zoraia; ela sabe o que fazer.

Em seguida, o jovem homem saiu correndo em direção à carroça de Zoraia, a mais velha cigana daquele grupo. A matriarca era quem sempre dava a última palavra em todas as situações que envolviam o grupo. Tudo era resolvido por ela, tinha sempre a decisão nas mãos. Nem Yanno, o homem mais velho do grupo, tinha mais autoridade que ela. Nada era resolvido sem o seu conhecimento e o seu consentimento. Eram os costumes ciganos que vinham passando por gerações através dos seus ensinamentos e conselhos. A cultura cigana não é escrita, é passada dos velhos para os jovens através de palavras e ensinamentos. E

antes que Antonio chamasse pela velha cigana, ouviu-se mais um grito horrível, que fez todos se arrepiarem e se benzerem quase instintivamente.

Com o grito, os outros integrantes da caravana, homens, mulheres e algumas crianças, se juntaram assustados diante da carroça de Zara e Antonio.

Zoraia, atendendo aos gritos aflitos, finalmente saiu de dentro dos seus aposentos, ouvindo com o cenho franzido as explicações do homem angustiado, antes de correr, junto com ele, para a carroça de onde vinham, agora, mais gritos agudos e desesperados. A velha cigana apressadamente se benzeu, fazendo sobre a própria frente o sinal da cruz, em sincera reverência. Enrolou-se mais ainda num grosso xale de lã, enquanto percorria a curta distância acompanhada de Antonio, e Yanno, que vinha logo atrás. Antes de entrar, ela virou-se para todos que a olhavam apreensivos e falou com segurança e energia, sacudindo os braços, fazendo tilintar as muitas pulseiras de ouro que os adornavam:

- Graças a Deus, finalmente o temporal passou. A Terra estava mesmo necessitando ser lavada. Os homens a emporcalham com os seus pecados, todos os dias e já era hora de uma limpeza geral. Vamos atender a Zara, que está prestes a dar à luz, e todos vocês

vão pegar as ferramentas e vão trabalhar; o que estão olhando? Temos muito o que fazer. Este é apenas mais um cigano que vem ao mundo com a Glória de Deus e a ajuda de Nossa Senhora. Enquanto eu o ajudo a chegar, vamos todos ao trabalho! Não quero ver ninguém parado. Retirem tudo de dentro das carroças. Vamos limpá-las para que as vibrações Divinas possam renovar nossas energias e nos trazer muita saúde. Lavem também todas as roupas, até as que estão guardadas sem uso. Vamos renovar o ar e mudar as carroças de lugar para tomarem muito sol de todos os lados. Vi nas minhas cartas que muitas coisas estão por acontecer e uma grande peste vai assolar o mundo. Temos que nos proteger pedindo ajuda a Deus e a Nossa Senhora, e nos limparmos com muita água e muito sol. Cada um sabe o que fazer, então façam!

Falando isso, entrou na carroça onde, transpirando muito, gemendo e intercalando gritos, uma linda e jovem mulher se encontrava em adiantado trabalho de parto.

- Calma, minha filha, vamos ver o que temos para hoje. Finalmente a chuva parou e o inverno se vai. Está um lindo dia lá fora. A primavera está chegando. Ouça os pássaros, pense no calor do sol, respire fundo

e solte o ar bem devagarinho para se acalmar. Vai dar tudo certo com a ajuda de Nossa Senhora.

Zoraia sorria, enquanto passava a mão carinhosamente pela face da jovem cigana, tranquilizando-a por uns momentos, ao mesmo tempo em que procurava a melhor posição para atendê-la ali, naquele lugar tão apertado. A prática de tantos anos trazendo bebês ao mundo deu-lhe certa habilidade para fazer um parto num lugar exíguo e tão pouco iluminado. Confiava tanto na natureza que, naqueles casos, agia praticamente sozinha. Zara e Zoraia, lutaram durante muitas horas, agora, ajudadas por outras mulheres do grupo, que se revezavam e oravam, enquanto outras corriam de um lado para o outro nervosamente, pressentindo o pior, lavando, arrumando e cozinhando. Finalmente, ao pôr do sol, nasceu uma menina. Apesar dos esforços de Zoraia, a jovem mãe não sobreviveu a uma violenta hemorragia no parto, deixando órfã sua pequena filha, que sequer chegou a conhecer.

O pai da menina, Antonio, marido de Zara, homem novo, apaixonado e inexperiente das coisas da vida, ficou tão desesperado de dor que, após o enterro da mulher amada, montou num cavalo e saiu pelo mundo, desarvorado, nem se dando conta da filha recém-nascida que deixava entre os amigos. Nunca mais

voltou. Zoraia, penalizada, assumiu a menina para si como se fora uma filha, talvez uma neta. E assim, junto do velho amigo Yanno, promoveu todos os rituais ciganos de batismo e escolheu o nome de Alma para a menina. Também seguindo os rituais, prometeu-a em casamento ao filho do líder de outro grupo de ciganos de suas relações, para casá-la aos quinze anos, como também fazia parte dos costumes e rituais ciganos.

E assim, durante muitos dias, aquele acampamento cigano viveu momentos de tristeza pela morte de Zara e, ao mesmo tempo, momentos de euforia com o trabalho de recuperação dos pertences danificados pela chuva e pelo longo inverno, conduzidos e orientados sempre por Zoraia e Yanno. Alma foi sempre muito amada pelos pais que a criaram e por todos os demais ciganos do grupo, que não lhe poupavam mimos. Passaram-se quase quinze anos daquele triste dia de final de inverno. Muitas coisas boas e ruins aconteceram entre eles. Uns nasceram, outros casaram, e mais alguns morreram de uma epidemia que assolou parte do mundo. Mas, aos poucos, tudo voltara a se aquietar e corria novamente dentro da ordem, naquele grupo nômade.

Estranhamente, tudo se parecia com aquele dia do nascimento de Alma, a ciganinha, filha de Zara e

Antonio. O cenário era quase o mesmo. Final de inverno, o dia tinha amanhecido cinzento, com um Sol tímido tentando esquentar a terra, que havia passado por um vendaval e chuva gelada por vários dias. A desolação era total. Zoraia acordou, saiu de sua carroça e relembrou cada detalhe daquele dia tão triste, que foi o nascimento de sua querida Almita, sua menina. Olhou ao redor com tristeza, dirigiu seus olhos ao céu que se abria devagar e respirou fundo, jogando a ponta do xale de lã, num gesto que lhe era tão peculiar, fazendo tilintar suas muitas pulseiras de ouro. Em seguida, novamente como hábito, ao som de fortes palmas daquelas mãos determinadas, todos foram clamados a lavar e limpar tudo para receber os raios de sol e completar a limpeza que Deus fez no mundo, como dizia a velha cigana.

Enquanto ela estendia umas mantas ao sol, duas lindas garotas adolescentes, alegres como passarinhos, vestidas com roupas coloridas e flores de tecido nos cabelos, se aproximaram de Zoraia com aquela euforia e felicidade que só os jovens conseguem expressar.

- Zoraia, nós podemos ir à grande feira que vai haver na cidade? Estamos loucas para dançar. O inverno foi tão rigoroso, que nem sei mais dançar. Olhe só, estou com as pernas duras.

E imitou um trejeito duro, caricato e deselegante de dança.

Zoraia riu do exagero da garota, que ela recebera como filha, quando sua jovem mãe morreu de complicações no parto, em seus braços. Abraçando-a com ternura, falou:

- Vamos todos, minha querida Almita, pois já é hora de voltarmos às nossas atividades. Precisamos de dinheiro e vamos todos à grande feira da cidade. Vamos vender nossas coisas que foram feitas durante o inverno, fazer nossas compras e vocês podem dançar à vontade. Até ficarem bem cansadas e gastarem os pés - respondeu rindo, com os olhos brilhando de carinho e muito amor, por aquela criança doce que viera parar nos seus braços num começo de primavera. Um verdadeiro presente de Deus. Para alegrar a sua vida e a de Yanno.

Alma e Nereida saíram felizes, correndo, para escolherem as roupas que usariam na feira onde sempre havia dança. As duas eram primas, tinham agora quase quinze anos e, ainda este ano, iriam conhecer os seus futuros maridos. Elas eram prometidas ao nascerem aos filhos de amigos de outros grupos de ciganos. Era um costume acatado por todos da raça, e as

meninas sabiam que tinham que aceitar os escolhidos por seus pais. E até ansiavam por esse dia, para conhecerem seus futuros maridos. Enquanto elas saíam correndo, felizes, em direção às suas carroças, Yanno e Zoraia conversavam, observando as meninas.

- Precisamos começar a preparar a festa de casamento de Alma e Nereida. Dario e Juan já estão prontos e logo estarão aí. Na próxima lua é uma boa data, não achas, Zoraia?

- É, pode ser... Com as chuvas ficou tudo mais difícil, mas ainda dá tempo. Ainda faltam mais de duas semanas. Vi nas cartas, que coisas muito boas estão por acontecer. Muitas coisas boas... O futuro de nossa Alminha, que eu vi nas cartas quando nasceu, já está chegando e trazendo a felicidade para a nossa menina.

- Ainda bem, que Deus a bendiga sempre.

Passaram-se os dias rapidamente. Depois do corre-corre dos preparativos, chegou a grande data tão esperada por todos daquele acampamento. O dia da chegada dos noivos. O Sol radiante e soberano se fez presente naquele dia maravilhoso e limpo de primavera, onde o cheiro doce de flores e frutos pairava no ar. Desde cedo, mal o Sol apareceu, tudo virou festa. Muitas flores, muita comida, muita gente trabalhando,

indo e vindo e, principalmente, muitos tocando instrumentos musicais. As inseparáveis primas tagarelavam agitadas o tempo todo, enquanto se preparavam para conhecer seus maridos. Uma tenda maior foi armada no centro do acampamento e foi cuidadosamente preparada para a recepção, onde tecidos finos, coloridos, brilhantes, faziam as vezes de "paredes". Também tinha lugar de destaque uma poltrona de espaldar alto e detalhes dourados, parecendo um trono.

Algumas almofadas maiores, de cetim, descansavam sobre um autêntico tapete persa de bom tamanho, para conforto dos convidados que nelas se acomodassem. Zoraia se encontrava ladeada de outras ciganas tão bem vestidas quanto ela, de veludos, sedas, rendas e tecidos finíssimos, adamascados com fios dourados, ornamentadas de muitas jóias de ouro da melhor qualidade, com lenços e flores nos cabelos ondulados, caídos em cachos negros sobre os ombros. Elas formavam um grupo de mulheres bonitas e cheias de alegria. Enquanto isso, os homens assavam carnes de caça em enorme fogueira, bem no centro do acampamento, que ficaria, assim, acesa dia e noite até o último dia de festa. Tomavam vinho, tocavam música, cantavam canções românticas e dançavam, principalmente ao som de violinos.

Os noivos e outros convidados ainda não haviam chegado. Eram esperados para a hora do almoço. Uma mesa foi colocada só para homens e outra, mais distante, só para as mulheres e crianças, que só começariam a comer depois de os homens estarem servidos. Este era outro costume deles, como tantos outros. As mulheres tomavam um chá feito de frutas e temperado de vinho, quando ouviram os gritos anunciando que os noivos haviam chegado. Alma e Nereida, em grande expectativa, sem saírem do lugar em que estavam, ficaram observando de longe as nove carroças coloridas e enfeitadas para a festa entrarem pelo acampamento ruidosamente, acomodando-se no lugar que estava reservado para elas. Os cavalos foram desatrelados rapidamente e levados para a beira do rio para beberem água, pastarem e descansarem sob os cuidados de um dos homens da caravana. Enquanto isso, os ciganos mais velhos se abraçavam e se cumprimentavam escandalosamente felizes, enquanto as ciganas matriarcas se reencontravam e se abraçavam, tagarelando contentes. As meninas prometidas, nervosas e, agora, com muito medo de não agradarem aos noivos, que não poderiam de jeito nenhum recusar, torciam as mãos com lágrimas nos olhos, pedindo a Nossa Senhora que pelo menos eles não fossem muito

feios ou esquisitos. Assim, ficaram meio escondidas e esquecidas por uns minutos, enquanto todos se confraternizavam pelo reencontro e pelo momento tão especial de mais uma vez casarem-se uns com os outros, mantendo assim mais uma tradição cigana. Por outro lado, os dois moços olhavam todas as meninas, tentando descobrir qual estava reservada para cada um deles. Juan estava muito nervoso. Ele era muito romântico e sempre sonhava com uma moça especial que o fizesse feliz, e que o amasse muito. Vibrava o coração, só de pensar. Já Dario era um homem prático e falava sempre para o amigo:

- Eu só faço questão de que ela não seja horrorosa, que cumpra com as suas obrigações de esposa e que me dê, pelo menos, um filho varão para me continuar, que o restante a gente dá um jeito.

Falava, rindo alegremente. As meninas estavam ainda meio escondidas na barraca central, apoiadas nas costas da cadeira de Zoraia, quando entrou o velho Yanno, liderando a comitiva de visitantes, parando diante da cadeira ocupada pela matriarca para darem início à festa e aos rituais. Batendo palmas fortes, Yanno pediu silêncio a todos, no que foi obedecido pronta e respeitosamente.

- Meu amigo Lenuir, neste momento, entrego em suas mãos, para passá-la ao seu filho Juan, o que muito me honra e a todo o nosso grupo, a minha filha Alma, com todo o dote por nós combinado. Prometendo, por ela, conforme nossos costumes, honrar o marido e as nossas tradições, e desejando que eles sejam muito felizes e nos dêem um herdeiro pelo menos, para continuar nossa raça, nossos costumes e as tradições.

Seguindo o ritual por eles estabelecido, respirando fundo, visivelmente comovido, respondeu o outro cigano:

- Muito me honra receber de suas mãos a sua filha Alma, que passarei ao meu filho Juan, que fará tudo para respeitá-la e fazê-la muito feliz e, como reza a nossa tradição, vai levá-la com toda a honra para o nosso acampamento, para viver junto de nós, passando a fazer parte do nosso grupo de agora em diante.

Alma, então, trazida pela mão de Zoraia, viu-se frente a frente com Juan. Olhando-o nos olhos profundamente, estremeceu; não de medo, mas de uma certeza de que conhecia aquele homem. Mas como? Se, ao mesmo tempo, sabia que nunca o tinha visto?! Seu coração batia enlouquecidamente no peito quase

infantil. Teve vontade de abraçá-lo ali, diante de todos, mas não podia. A tradição mandava que tivesse que se manter recatada e de olhos baixos. Pelo menos nesses primeiros momentos, muito ao contrário do que estava sentindo. No máximo, hoje, iria dançar para ele, e depois com ele, em volta da fogueira. Mas com que prazer dançaria para ele! Parecia que todos ali poderiam ouvir o seu coração batendo, de tão forte ele pulava no seu peito. A mesma coisa Juan sentiu. Olhou-a rapidamente nos olhos, como convinha à tradição e estremeceu. Queria abraçá-la muito, ali, diante de todos. Sentia saudade e alegria, como um reencontro de amantes. Queria levá-la para longe dali, daquele lugar, ficar a sós com sua amada para viverem juntos o mais profundo e sincero amor. Ela era exatamente a mulher que ele esperara a vida toda e tinha certeza de que ela também sentia o mesmo. Ambos não sabiam como disfarçar, um pouco, pelo menos, aquela emoção que explodiu com toda força dentro deles naquele momento, mas agora não podiam demonstrar. Guardar-se-iam para o momento próprio, no mínimo dali a uma semana, quando fosse realmente efetivado e consumado o casamento propriamente dito, e a festa das bodas. Mas já se sentiam muito felizes. Juan não via a hora de tê-la em seus braços e sentia até o

suave perfume de flor que ela exalava. Foi realmente uma grata surpresa encontrar a mulher da sua vida, e o mais incrível é que ela já estava guardada para ele desde que nascera.

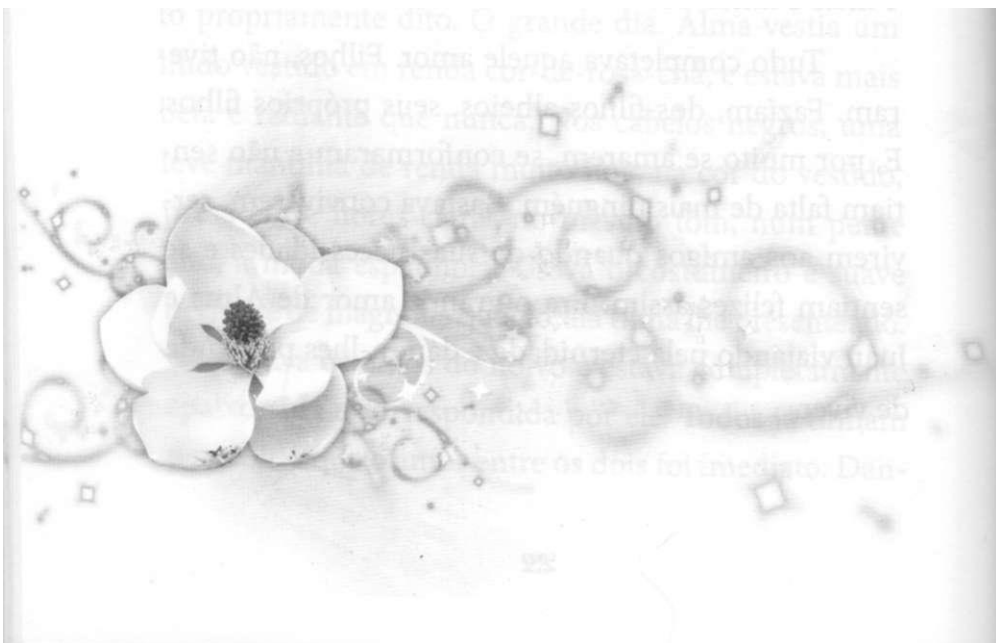
A cerimônia continuou e Nereida também foi apresentada a Dario, com o mesmo ritual entre os pais, dote, etc. Tudo aconteceu dando continuidade à festa, como acontece em todos os casamentos ciganos. Muita dança, muita música e muita comida. E, principalmente, muita alegria. Tudo isso acontecendo durante uma semana inteira. Os convidados iam e vinham olhar as carroças, cada uma mais bem ornamentada que a outra, principalmente a dos noivos, com muitas flores, presentes e tudo mais. Assim rolou aquela semana de primavera, até que chegou o dia do casamento propriamente dito. O grande dia. Alma vestia um lindo vestido em renda cor-de-rosa-chá, e estava mais bela e radiante que nunca. Nos cabelos negros, uma leve mantilha de renda muito fina, na cor do vestido, presa entre flores claras no mesmo tom, num pente alto, à moda espanhola. Usava o costumeiro e suave perfume de magnólia que Zoraia tinha lhe presenteado. Não tirava os olhos do noivo e estava completamente apaixonada e correspondida por ele. Todos já tinham percebido que o amor entre os dois foi imediato. Dan-

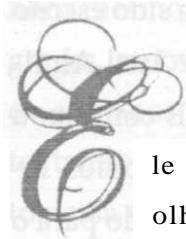
çaram juntos e depois ele tocou violino para ela dançar para ele, no que foram aplaudidíssimos por todos. Havia um encantamento no ar. Depois do ritual do casamento, Alma foi embora na carroça de Juan para morar com aquele grupo, do qual dali em diante ela passou a pertencer. Mas isso não a preocupava ou a aborrecia de maneira nenhuma. Eram costumes e ela aprendeu com Zoraia, desde pequena, que um dia seria assim. Mas não deixava de imaginar que iria sentir muita saudade, principalmente de Zoraia e Yanno, seus pais, e de Nereida, sua amiga e confidente. Mas a partir do momento que conheceu Juan, só queria estar junto dele. E, com ele, iria para qualquer lugar do mundo, para o céu ou para o inferno. Estavam cada vez mais apaixonados e, a cada momento, crescia mais e mais o amor dos dois.

Tudo completava aquele amor. Filhos, não tiveram. Faziam, dos filhos alheios, seus próprios filhos. E, por muito se amarem, se conformaram e não sentiam falta de mais ninguém. Bastava conviverem, servirem aos amigos quando de suas necessidades e se sentiam felizes assim. Era o grande amor de Alma e Juan viajando pela eternidade e dando-lhes plenitude de viver.

Capítulo 2

REGRESSÃO ESPONTÂNEA





le acordou e ficou ali, deitado, inerte, de olhos fechados, se deleitando com o calor dos lençóis enquanto deixava seus pensamentos correrem de um lado para o outro, parando aqui e ali, como todos nós fazemos quando deixamos as lembranças voarem. Sonhava acordado.

- Ah! Como é bom estar apaixonado - resmungou alto, bocejando e, ainda de olhos fechados, enfiou preguiçosamente a cabeça debaixo do travesseiro macio, sentindo cada vez mais prazer com aquele momento tão especial. Seu coração transbordava como o de um garoto que acabava de se apaixonar pela primeira namorada. Era como se sentia agora, apesar de já estar perto dos trinta: um adolescente. Dali a poucas horas, sairia orgulhoso da igreja com a sua muito amada esposa pelo braço, diante de quase toda a cidade, que fora convidada para fazer parte dessa felicidade. Como era linda a sua Alma de Luz: a filha

dos espanhóis comerciantes do fim da rua em que morava! Eram vizinhos desde muito jovens, desde os tempos de colégio. Ela era a mais doce pessoa que já conhecera. Diziam que o amor deles tinha sido escrito nas estrelas. Como amava a sua Alma de Luz! Alminha, como a chamava carinhosamente. E continuou sonhando acordado, preguiçosamente, de olhos fechados para o mundo, mas aberto, escancarado para o coração, embalado pelo amor. Pelo imenso amor que vivia tão intensamente.

De repente, a porta foi escancarada e uma mulher, visivelmente irritada, foi sacudindo-o com firmeza, quase aos empurrões, e, com uma voz levemente irritante aos seus ouvidos, gritava:

- Mas o que está acontecendo? Já estou esperando-o no salão de refeições há mais de meia hora e você não aparece? Já fiz ginástica, já nadei, e você aqui, dormindo? Até que horas pretende ficar aí, deitado? E por que está com essa cara? Parece que está vendo um fantasma!

- Quem é você? De onde você veio? - falava gaguejando, com os olhos desmesuradamente abertos.

- Ah! Acordou espirituoso, o meu garoto! Pois

bem, meu amor, vou entrar na sua brincadeira. Eu, Marinalva, digníssima esposa do digníssimo senhor Leon de Alencar Montinni que, caso não saiba, é o senhor mesmo, em passeio de navio a caminho das ilhas gregas, renovando nossas juras de casamento depois de seis anos de altos e baixos, mais baixos que altos, tentando reabilitar pela última vez o nosso casamento nessa viagem; portanto, aguardarei mais um pouco, meu preguiçoso maridinho, por mais meia hora só, para comer. Se não aparecer, não reclame, pois a sua amada esposinha já encontrou alguém que está muito a fim de lhe fazer companhia durante o almoço e um pouco mais, ok?!

Falou tudo isso num fôlego só, gesticulando muito e finalizando com as mãos na cintura, visivelmente irritada. Após dar um beijo na palma da mão e soprar na direção dele, com ar de deboche, saiu pela porta rindo alto e deixando-o mais assustado ainda.

- Oh, meu pai! O que será que aconteceu, o que será que está acontecendo? Não estou entendendo nada! Quem é essa pessoa que eu juro nunca ter visto na minha vida e que diz ser minha mulher? O que aconteceu? Hoje é o dia do meu casamento com Alma de Luz, mulher da minha vida, que não tem nada a ver

com essa... o que está acontecendo comigo? Só pode ser um pesadelo! Como posso ser Leon, se meu nome é João Marcos?

Foi até a porta, abriu-a, olhou pelo corredor atapeitado de vermelho para ver se via alguém, algum conhecido, quando se deparou com a roupa que vestia e levou outro susto, correndo de volta para o quarto.

- Que roupa estranha é esta? Curta demais e, ainda por cima, de seda. Parece roupa de mulher! Por que será que dormi só com a parte de baixo? Estou quase nu!!! - falava sozinho, enquanto andava pelo quarto exíguo, de um lado para o outro, atarantado, quase à beira da loucura. Tomou a colcha para se cobrir um pouco e voltou a olhar pela porta para ver se via alguém conhecido, pelo menos isso. Viu um homem se aproximando carregando uma bandeja entrar por uma porta. Ficou esperando ele sair e chamou-o discretamente:

- Por favor, cavalheiro, preciso lhe falar.

- Pois não, senhor, o que deseja? Em que posso servi-lo?

- Há quantos dias estamos viajando?

- Saímos do Brasil na quarta-feira, senhor. Hoje

é sábado, ainda de manhã, ou melhor, já passa das doze horas - respondeu, conferindo o relógio de pulso, e continuou: - O senhor está precisando de um remédio, ou um alimento leve, talvez um caldo...?

- É... Não... Quer dizer... Estou muito bem, talvez só um pouco confuso. Também estou um pouco esquecido, não sei o que está acontecendo comigo... Não sei... - falou meio sem jeito.

- Temos médico a bordo, senhor...

- Não, obrigado, estou bem... Verdade... Parece...

- Não se preocupe, senhor, isso é mais comum nessas viagens do que se imagina. É sempre festa o tempo todo, então é natural e compreensível que se perca um pouco a noção do tempo. Mas, talvez, um suco de frutas ou de tomate, vá fazê-lo sentir-se melhor.

- Não sei, estou confuso, estamos num navio, não é mesmo? Em que dia e ano nós estamos?

Disfarçando o sorriso, o homem lhe disse:

- Em 1999. Acabamos de entrar no ano de 1999. Dois de janeiro de 1999.

Leon ou João Marcos ficou mudo, olhando apavorado para o funcionário do navio, que tratou logo de se desculpar e ir saindo para continuar o seu trabalho.

- Era só isso, senhor? Se precisar de algo, é só pedir. O número da copa está ao lado do telefone. Obrigado e... com licença.

Dizendo isso, fez uma discreta reverência e saiu, disfarçando um sorriso e falando baixinho, quase resmungando:

- Que *réveillon*, hein? Esse esqueceu tudo! Até quem ele é, pelo jeito. Aparece cada um...

Leon fechou a porta e se olhou atentamente no espelho sem se reconhecer. Até que olhando bem, tinha certa semelhança com aquela imagem que o espelho lhe mostrava, mas estava sem a barba e o bigode que sempre usou, e os cabelos estavam incrivelmente aparados. E as roupas, então, nem se fala! Estranhíssimas!

- Que roupas esquisitas, de cores e modelos estranhos. E aquela mulher, então? Que modos vulgares e conversas ousadas para uma senhora, sem falar nos trajes! E ainda diz que é minha esposa! Impossível! O

que está acontecendo, meu pai? Por que eu não me lembro de nada? Só me lembro que hoje é, ou deveria ser, o dia do meu casamento com Alma de Luz. Oh! Alminha querida, onde está você? O que fizeram do nosso casamento, do nosso amor? O que está havendo? Será que morri? Ou será que caí do cavalo, rachei a cabeça e fiquei maluco?

Falava sozinho, resmungando, andando pelo quarto de um lado para o outro, fazendo mil perguntas sem obter nenhuma resposta, querendo entender o que estava se passando. Queria fugir dali, apagar aquele pesadelo como se apagasse uma vela acesa com um sopro. Por fim, enrolou-se novamente no lençol, escondendo a cabeça debaixo do travesseiro e ficou ali deitado, até dormir novamente. De repente, deu um pulo e acordou, completamente lúcido e incrivelmente espantado, com o coração batendo na garganta.

- Será que foi um sonho? Tenho certeza de que já fui casado com Alma de Luz em outra vida, tenho certeza! E agora estou casado com... Marinalva... Mari. Eu a chamo de Mari. Não, não foi sonho, nem alucinação. Tenho certeza de que já vivi aquilo tudo em algum lugar do passado. Era muito real para ser só imaginação. Eu senti tudo como se fosse aqui, ago-

ra, como se fosse realidade. Sei como era aquela vida nos mínimos detalhes, com meu amor, Alma de Luz e sinto até o seu perfume leve e doce. Sei o que sentia, ou melhor, o que ainda sinto por ela. Amor intenso, integral. E agora me lembro de como é a minha vida com a Mari, pouco interessante, aliás, para falar a verdade, nem um pouco interessante. Não vivemos num mar de rosas, há tempo suficiente, para ver que o encantamento acabou e o fim do nosso casamento. Não temos filhos. Também não me lembro se os tive com Alminha. Trabalho na Bolsa de Valores... É, acho que tive uma regressão espontânea. É, isso, tive uma regressão espontânea! Já li alguma coisa sobre isso e até já vi uma reportagem na televisão. Recordei-me de uma vida passada, uma vida que já vivi, como se fosse aqui e agora, com uma nitidez incrível.

Falava consigo mesmo, andando pelo quarto de um lado para o outro. E continuou:

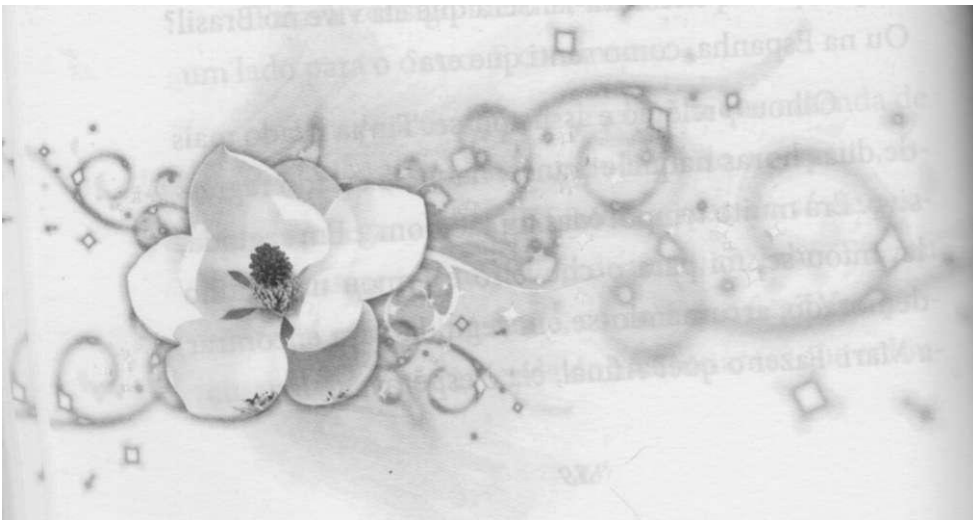
- Vou procurar ajuda de alguém que entenda de regressão a vidas passadas, vou ler tudo a respeito, assim que chegar ao Brasil. Fico desesperado só de pensar em passar por tudo isso de novo, sozinho. E se eu não voltar para o presente, como é que fica? Vou procurar alguém que entenda do assunto antes que enlou-

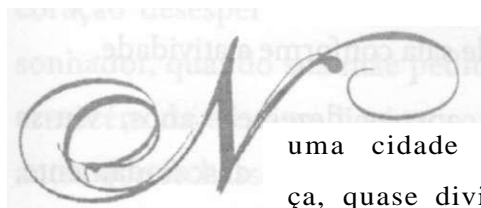
queça. Quero que me ajude a lidar com essa situação. Quero me lembrar de novo de tudo, sentir novamente aquele amor intenso e, principalmente, saber como encontrar o meu amor, mas não quero perder a noção do aqui e agora. Se eu estou aqui noutra corpo, com certeza ela estará também em algum lugar. Como saber? Foi muito bom, muito prazeroso, relembrar como já fui feliz. Muito bom, mesmo. Até que lembrar como se viveu em outra vida é bem interessante, mas se a gente esquece completamente quem é nessa, mesmo que seja por pouco tempo, é apavorante, enlouquecedor. Não posso ficar misturando passado e presente com tanta facilidade assim, senão, vou me dar mal a qualquer hora. Sem falar que fiquei com tanta saudade do meu amor, que nunca mais serei o mesmo. É um amor muito forte, muito intenso. Não vou sossegar enquanto não encontrá-la. Será que ela vive no Brasil? Ou na Espanha, como senti que era?

Olhou o relógio e assustou-se. Tinha ficado mais de duas horas naquele transe, naquele estado regressivo. Era muito tempo! Mas foi tão bom... Em seguida, levantou-se, foi para o chuveiro e tomou um banho demorado, arrumando-se em seguida para encontrar a Mari. Fazer o quê? Afinal, ela o esperava...

Capítulo 3

REENCONTRO NA JUVENTUDE





uma cidade pequena da França, quase divisa com a Espanha, numa vila pouco movimentada, chegara uma família com três filhos, garotos adolescentes.

Tinham chegado de uma outra cidade, e a primeira providência foi matricular os filhos no mesmo colégio, o Colégio Sagrado Coração, único na cidade, que era dividido em grupos de meninos orientados pelos padres, e meninas orientadas pelas freiras. Os garotos entravam pelo enorme portão lateral, enquanto as meninas entravam por um dos dois portões da frente, impedindo assim, um convívio maior entre meninos e meninas. Tudo era muito formal, rigoroso. O recreio acontecia em pátios separados.

Certo dia, um dos garotos foi chamado à diretoria para esclarecer assuntos referentes à transferência dele e dos outros irmãos para aquele colégio. Quando

saía da secretaria da escola, encontrou, num dos corredores, uma turma de alunas que estava, naquele momento, trocando de sala para assistir à outra aula, no outro salão de atividades, como era costume naquele colégio. Mudavam de sala conforme a atividade.

O garoto, de apenas dezesseis anos, viu-se diante do grupo de meninas que, descaradamente, pregaram os olhos nele, fazendo-o ficar vermelho e desesperadamente envergonhado, com as mãos transpirando. Abaixou a cabeça, querendo se enterrar naquele chão envernizado, que estava abaixo dos seus pés. Praticamente saiu correndo pelo interminável corredor que o levaria à sala de aula dele, mas não, sem notar a última garota da fila, que lhe estremeceu o coração, acabando de amolecer as pernas que se negavam a ir com desenvoltura para onde ele queria e precisava ir. Sentiu até o seu doce perfume de flor. Ele também foi percebido de forma diferente pela garota, que ainda teve a ousadia (naquela época era uma ousadia encarar alguém do sexo oposto) de olhar para trás até entrar pela porta da sala. Até o final da aula, um não deixou de se lembrar do outro. João Marcos fechava os olhos e sentia o seu perfu-

me de flor. Para ele, ela era uma flor. Chegou em sua casa, na rua principal da vila, ainda sonhando acordado, lembrando da garota cheirosa que sacudiu seu coração desesperadamente. Entrava em casa ainda sonhador, quando sua mãe pediu que ele fosse até o armazém da esquina, ligeiro, comprar umas coisas, antes que fechasse. Ele, então, foi rapidamente até o final da rua e, qual não foi sua surpresa ao ver que, lá no armazém, ainda de uniforme do colégio, estava a menina.

Quando a viu, sorrindo com naturalidade, recostada pelo lado de fora do balcão, conversando alegremente com o homem que atendia do outro lado, voltou-se rapidamente para sair dali o mais depressa possível, quando o dono do armazém, com um forte sotaque espanhol, perguntou o que ele queria:

- Hei, garoto! Pode entrar, o que deseja comprar?

Quase se esqueceu por que estava ali, ficando um bom tempo de cabeça baixa, tentando se lembrar do que a mãe lhe pedira para comprar, enquanto suas pernas não paravam de tremer, seu coração

querendo sair do peito aos pulos, e o seu rosto ficava cada vez mais vermelho. O homem, já acostumado com os esquecidos, principalmente garotos, falava uma lista de coisas possíveis, aleatoriamente, para ajudá-lo, enquanto a menina ria divertida, pois sabia por que o garoto estava sem jeito e havia esquecido tudo. Até que finalmente ele se lembrou de que trouxera tudo anotado num papel e se esquecera de apanhar no bolso. Gaguejando, repetiu o que estava escrito, sem levantar a cabeça. E logo que recebeu a encomenda, pagou a compra, trêmulo e desesperado para fugir dali. Ainda de olhos baixos, saiu quase correndo. Quando atravessou a porta do armazém, a menina, mais desinibida que ele, foi atrás e o chamou:

- Hei, qual é o seu nome? É novo aqui na vila?

Ele parou, respirou fundo e, disfarçando como pôde o nervosismo, olhou firme nos olhos dela e falou:

- Sim, me mudei há pouco e me chamo João Marcos, e você?

Nem acreditou que teve coragem...

- Me chamo Alma de Luz. Mas pode me chamar de Alminha.

- Bonito nome

- O seu também.

Ficaram ali olhando um para o outro, encabulados, sem saber mais o que dizer para continuar a conversa, até que ela tomou a iniciativa:

- Amanhã a gente se vê no colégio.

- Está bem, então, amanhã a gente se vê no colégio.

Ali acendia novamente o amor dos dois, que já vinha do passado e corria para o futuro com toda a intensidade. Alma de Luz e João Marcos, um amor grandioso que se consolidava cada vez mais, a cada dia, a cada vida. Os dois completaram os estudos naquele colégio. Festejaram a formatura com noivado, bolo e champanha. Ele estudou ainda um pouco mais, preparando-se para os segredos do comércio, já que iria trabalhar com o sogro no armazém. Até que chegou finalmente o dia do casamento, o Sol amanheceu mais radiante do que nunca. O perfume das flores era

levado pelo vento, encantando e fazendo sonhar os mais românticos. Sua mãe a vestiu de noiva com todo carinho, com lágrimas emocionadas de ver sua filha mulher, não mais uma menina, lindamente vestida para o grande dia.

Prendeu-lhe o cabelo negro na nuca, à moda espanhola, e no alto da cabeça colocou um pente alto trabalhado, que elevava a mantilha de renda que fora de sua avó.

- Agora só falta o seu perfume favorito, Água de Magnólias. Você está muito linda, minha filha. A mais linda de todas as noivas. Que Nossa Senhora, mãe de Jesus, a proteja sempre.

Sua mãe beijou-a, emocionada, e abençoou-a com carinho e lágrimas nos olhos. Pouco depois, rodeada de arranjos de flores brancas, Alma de Luz era conduzida ao altar pelo braço do pai, que mal conseguia conter as lágrimas de tanta emoção. Lá na frente, no altar, diante de todos, ao lado do padre, da mãe e das testemunhas, esperando por ela, mais lindo do que nunca, o seu muito amado João Marcos. Para os dois, foi o mais lindo e perfeito dia

de suas vidas. A festa das bodas foi maravilhosa em todos os detalhes, teve até uma pequena orquestra de violinos, que encantou a todos. Seguiram-se dias de intensa felicidade, que os faziam cada vez mais unidos.

Certa noite, Alma acordou muito agitada, como se estivesse dentro de um pesadelo. Ela estava num lugar muito iluminado e alguém lhe dizia alguma coisa para ela com muita seriedade e ela dizia que sim, que concordava e que não iria esquecer. Mas, quando acordou, só se lembrava daquele salão, de uma iluminação diferente, intensa, e de concordar com alguém que lhe falava. Parecia uma coisa muito séria, que não podia ser esquecida. Isso a deixou angustiada; queria se lembrar e não conseguia. Mas depois de muito carinho e muitos beijos, ela acalmou-se e dormiu novamente nos braços do seu amor. João Marcos não dormiu mais o resto daquela noite e se arrepiou ao pensar que não poderia mais viver sem a sua amada, caso acontecesse algo a ela. Foi uma noite horrível. Meses depois, estourou a guerra e João Marcos foi convocado para defender a pátria. Não houve jeito, maneira, ou forma de ser evitado que ele

fosse. De uniforme sobre um cavalo, ele partiu para a guerra, para tristeza de Alma de Luz, que ficou doente de saudade, e acabou morrendo logo depois de uma falsa notícia de que seu muito amado marido, João Marcos, havia morrido em combate. Desolada, fraca e desesperada, ela preferiu não se proteger durante um ataque e foi morta entre muitos. Deixou-se morrer, suicidou-se, na realidade. Não se proteger é atentar contra a própria vida. E ele, que apenas havia se ferido gravemente, mal se recuperou, regressou feliz para os braços de sua amada Alminha, mas não a encontrou mais. Quase enlouqueceu de dor ao saber das circunstâncias da sua morte.

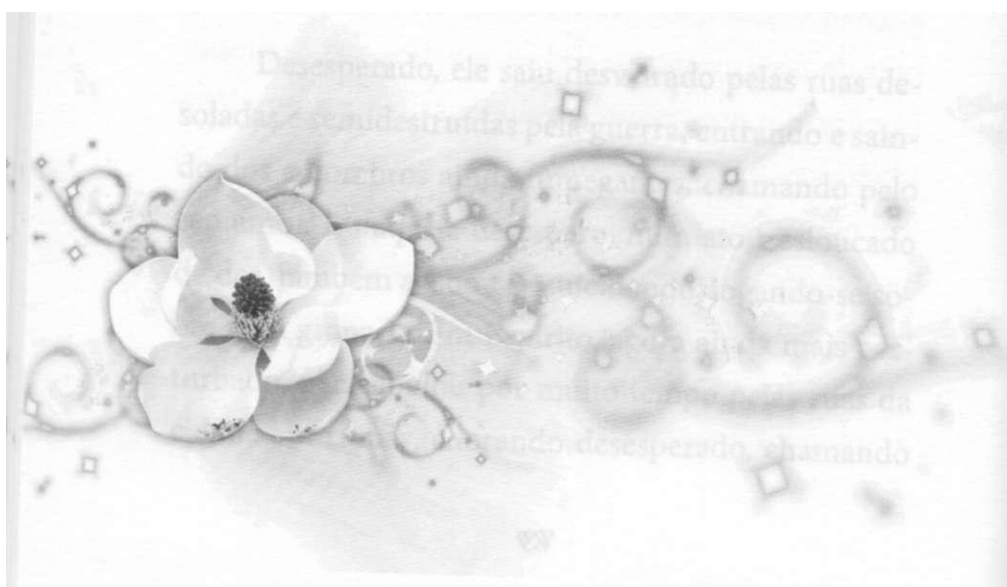
- Por que não morri também? Por quê? Por quê?

Desesperado, ele saiu desvairado pelas ruas desoladas e semidestruídas pela guerra, entrando e saindo dos escombros ainda fumegantes, chamando pelo seu amor. E naquele desespero, num ato tresloucado de dor, também acabou se suicidando, jogando-se sobre uma granada. Em Espírito, agora ainda mais perturbado, perambulou por muito tempo pelas ruas da cidade em ruínas, chorando desesperado, chamando

aos gritos a sua amada, e assim viveu por um longo tempo à procura de Alma de Luz, até ser assistido por um grupo de Espíritos socorristas, que o recolheu para tratamento e recuperação.

Capítulo 4

A REGRESSÃO DE ÂNGELA





e volta ao presente...

Numa fazenda no interior do Brasil, em Minas Gerais, na divisa com o Estado de São Paulo, numa quinta-feira pela manhã, Ângela galopava pelo campo, com seu cavalo negro, num perfeito entrosamento entre mulher e animal, naquele momento de liberdade e prazer. Iam "voando" na direção do vento como se fossem em busca da felicidade. Ao se aproximarem do pequeno bosque que escondia uma parte do rio que passava na propriedade, foram diminuindo a velocidade até o cavalo parar naquele recanto maravilhoso onde se ouvia a água correr entre as pedras, acompanhada pelo som das aves e dos pássaros. Lugar favorito de Ângela que, naquele momento, se despedia das férias, prolongadas pela doença do seu pai e pela ausência dos seus dois irmãos que ajudavam a administrar a fazenda da família. Iria embora naquele dia mesmo, no começo da tarde. Desceu do cavalo,

soltou-o para beber água e comer a vegetação fresca, enquanto ela se sentava preguiçosamente numa pedra, soltando o seu pensamento, que vagava de um lado para o outro. Pensava no pai que se recuperava de um derrame, na mãe, ainda assustada e temerosa, nos seus dois irmãos que chegariam, logo que terminassem o curso que estavam fazendo no exterior, e no trabalho do escritório, que só não tinha parado, graças à ajuda de suas grandes amigas Marta e Néli, resolvendo tudo e telefonando todos os dias para colocá-la a par de tudo. Estava praticamente trabalhando pelo telefone e pelo computador. Não fossem elas, estaria em sérios apuros. Pensou também no seu noivo, Luiz Alfredo, que estivera na fazenda até a semana passada, fazendo-lhe companhia e oferecendo o seu apoio.

Fechou os olhos e deixou que os pensamentos corresse livres em direção à sua infância, viajando cada vez mais longe nas lembranças. Ficou tão tranquila e relaxada, que parecia até dormir. Entre o sono e a vigília, entrou pelo caminho da regressão espontânea.

Sonhou que era filha de espanhóis e que estava em seu quarto, numa casa que ela bem conhecia, mas que era em outro país, mais precisamente numa pe-

quena cidade na França, numa outra época. Ela estava diante de um espelho grande, vestida de noiva e radiante de felicidade. Dali a pouco, estaria entrando na igreja pelo braço do seu pai, rodeada de todos que a amavam, indo na direção do seu grande e único amor, João Marcos. Ela se sentia muito amada, era plenamente feliz. Sua mãe entrou pela porta do quarto, trazendo nas mãos um pequeno pente de dentes longos, tipicamente espanhol, que com habilidade prendeu no puxado de cabelos negros, levantando graciosamente no alto da cabeça a mantilha de renda que, tinha certeza, tinha sido de sua avó, cobrindo o rosto que seria descoberto no final da cerimônia religiosa pelo seu então marido que, em seguida, lhe daria um beijo na testa. Até suspirou fundo de emoção. Tudo estava perfeito. Sentia o perfume das flores que ornavam a igreja, e até avistava o seu amor a esperá-la no altar. Depois, os dois dançavam ao som de violinos, sem tirarem os olhos um do outro. Era maravilhoso. O coração crescia e transbordava de emoção. Lágrimas de felicidade invadiram os seus olhos fechados.

- Você está linda, minha filha, esta mantilha foi de sua avó. Eu e suas tias casamos com ela nos cabelos, assim como você está agora. Deus a abençoe, minha

querida, e que Nossa Senhora lhe proteja sempre. João Marcos a ama muito e a fará muito feliz.

Embalada nessa felicidade tão sua conhecida, que estranhamente sabia que era de outra vida que já vivera, deixou-se ficar ali, quieta e feliz. Puro êxtase. Já tinha revivido aquele momento de regressão algumas vezes, ali na fazenda.

De repente, despertou com um barulho. Aguçou o ouvido e levantou-se com agilidade da pedra onde estava, cambaleando um pouco ao tentar ficar de pé e voltar à realidade.

Chegava alguém galopando. Ainda um pouco atordoada, sem saber direito onde estava, nessa mistura de sonho e realidade de sentimentos por pessoas que ela conhecia tão bem, mas que não estavam mais com ela, respirou fundo e ficou parada, com os olhos bem abertos, sem conseguir responder ao empregado que repetia mais uma vez o recado de sua mãe, informando que o almoço estava servido. Olhava-o pateticamente, com os olhos parados na direção dele, mas parecia que não o via. Até que, depois de muita insistência do homem, ela voltou completamente à realidade, piscando várias vezes e respirando fundo.

- Já estou indo, pode ir à frente, que já vou logo atrás.

- A senhora está bem, patroinha? Está meio esquisita...

- Eu estou bem. Apenas cochilei aqui sentada, me levantei muito depressa e fiquei um pouco tonta. Pode ir andando que já vou.

Este era um segredo só seu. Não queria que ninguém soubesse, enquanto ela não o desvendasse direito.

- Não demore, Dona Ângela, sabe como sua mãe não gosta de esperar, principalmente para o almoço.

- Está bem, vamos indo então.

Afastou-se com desenvoltura de onde estava, respirou várias vezes profundamente e, em seguida, foi até a água fresca que corria entre seixos e lavou o rosto. Completamente refeita do "sonho", montou no cavalo com agilidade e saiu num galope só, como fazia quando era criança, deixando o pobre velho para trás.

- Anda, Duílio! Vê se me alcança, eia... Eia... Amigão, corra! Vamos, vamos!

E lá se foram em direção à centenária casa grande. Ângela galopando na frente, e o pobre e já velho empregado, atrás.

- Minha filha, você vai almoçar assim, cansada e suada feito um moleque levado?

- Ah, mamãe, desculpe a demora, mas foi muito divertido cavalgar com o Amigão pelos campos. Estava precisando disso antes de voltar para casa. Tenho saudade do Toninho e do Augusto, quando a gente andava por aí, pelos campos, apostando corrida com os cavalos. Era tão bom... Aguardem só mais uns minutinhos e já volto para almoçar.

Tomou a direção do quarto, seguida pelo olhar carinhoso da mãe e do pai, que sorriam e sentiam muita saudade da época em que os filhos eram crianças, sempre correndo, entrando e saindo de casa o tempo todo. E já estavam sentindo saudade da filha que hoje voltava para a cidade, onde morava e trabalhava. Voltava para o seu mundo. O mundo que ela construiu para viver logo depois que terminou a faculdade.

Ângela entrou em seu quarto, dirigiu-se até o espelho, e chegou bem perto para observar melhor o rosto. Era semelhante ao outro, só que agora ela tinha

a pele e o cabelo mais claros. Durante todo o tempo em que estivera na fazenda, enquanto acompanhava a doença de seu pai, era a terceira vez que voltava ao seu passado. Precisava muito conversar com Deise para saber mais detalhes desse assunto: regressão ao passado. Pelo telefone era quase impossível conversar sobre isto. Por que será que ela estava regredindo, assim, para outra vida, com tanta facilidade e frequência? Na primeira vez que aconteceu, ficou muito assustada e achou que era cansaço ou nervoso pelo susto, por causa da doença do pai. Mas quando se viu, diante do altar, com seu amor verdadeiro, João Marcos, quando sentiu o coração transbordar de felicidade ao olhar nos olhos do seu amado e se sentir tão viva como estava agora, então teve certeza da verdade: que realmente regrediu para uma vida anterior. Não tinha medo, ao contrário, estava curiosa por detalhes, mas Deise achou melhor conversarem pessoalmente quando se encontrassem novamente. Acabou de se refrescar e voltou para a sala de refeições, sorrindo feliz.

- Prontinho, já podemos almoçar. Acabei de descobrir que estou morrendo de fome.

- Você não come nada, vive fazendo regime e tem coragem de dizer que está morta de fome. Só que-

ro ver o que vai comer... - falou o pai com todo carinho, ainda um tanto lentamente devido ao derrame.

- Não é isso, papai. É que só os que trabalham no pesado é que precisam de mais combustível. Eu vivo na boa vida, só leio e escrevo, e ainda por cima no computador, que é mais fácil e rápido, dá para corrigir, voltar atrás, recortar, colar e arrumar. Quer melhor vida do que essa?

- Mas o cérebro precisa de combustível também, não é?

- Sim, claro! Mas numa quantidade bem menor, eu acho. Talvez, alimentos próprios, que contenham muita água, por exemplo; já que o cérebro é pura electricidade.

- Trocando de assunto, minha filha - diz a mãe -, você vai hoje para a sua casa e não me disse nada até agora sobre como vai o seu noivado. Nem falou mais nisso. O Luiz Alfredo veio, foi, e ninguém falou em marcar uma data, um mês, uma estação ou qualquer coisa. Tudo bem, que naqueles dias em que ele passou aqui na fazenda não havia condições psicológicas para ninguém tratar qualquer coisa que não fosse a saúde do seu pai, mas agora, já dá para começar a se pensar

em alguma coisa. Conferir o que falta no enxoval, essas coisas também são importantes. Vocês vivem dizendo que é cedo, que é cedo, que é cedo...

- Mamãe, para mim ainda é cedo. No momento não quero pensar nisso.

- O tempo passa mais rápido do que se pensa, Ângela.

- Sabe... Eu quero ter certeza primeiro, se é realmente isso o que eu desejo, que o Luiz Alfredo é o homem da minha vida, o homem certo para ser meu marido.

- Mas você ainda não descobriu, depois desse tempo todo? Então, para que ficou noiva? - perguntou o pai, com incredulidade no olhar.

- Papai, é muito difícil explicar...

- Você é muito sonhadora, muito romântica, minha filha. Príncipes encantados não existem.

- Eu sei, mamãe, não se trata disso. É mais sério, mais profundo. Não é uma criancice, um romantismo de adolescente. É uma realidade que eu sinto.

- De que você está falando? - perguntaram os pais de Ângela, quase ao mesmo tempo.

- De almas gêmeas*, meus queridos. Tenho certeza de que a minha alma gêmea está guardada para mim, como eu para esse homem desde sempre, para caminharmos lado a lado de outras vidas do passado para outras vidas no futuro. E isso não é bobagem da minha cabeça. Há estudos seriíssimos a respeito. A vida após a morte, a reencarnação.

Os pais se olharam num misto de espanto e preocupação. Nunca tinham visto a filha falar daquele jeito, muito menos naqueles assuntos. Parecia até um tanto infantil a sua afirmação. Apesar de aflitos, eles se entreolharam e preferiram deixar o assunto morrer ali mesmo. Afinal, ela era adulta e já não podiam interfe-

***Nota da Autora: Sugiro ao leitor uma consulta à questão 298 de O Livro dos Espíritos, na qual os Espíritos respondem que "(...) não existe união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes, segundo a categoria que ocupam, quer dizer, segundo a perfeição que adquiriram; quanto mais perfeitos, mais unidos. (...)". O leitor deve considerar, no caso em questão, a circunstância do diálogo entre os personagens da presente narrativa.**

É interessante buscar também a *Nota à primeira edição* do livro *O Consolador* (editora FEB), inserida no final da citada obra, onde a editora submeteu ao autor espiritual Emmanuel, em obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, questionamentos sobre a temática, em virtude de suas afirmações nas questões 323 a 328 da referida obra. A *Nota* é bastante esclarecedora, inclusive com resumo das questões 291 e 302 de *O Livro dos Espíritos* e com a resposta do autor espiritual ao questionamento da editora, em função dos postulados da Codificação.

rir, muito menos, discutir justamente no dia em que ela iria embora.

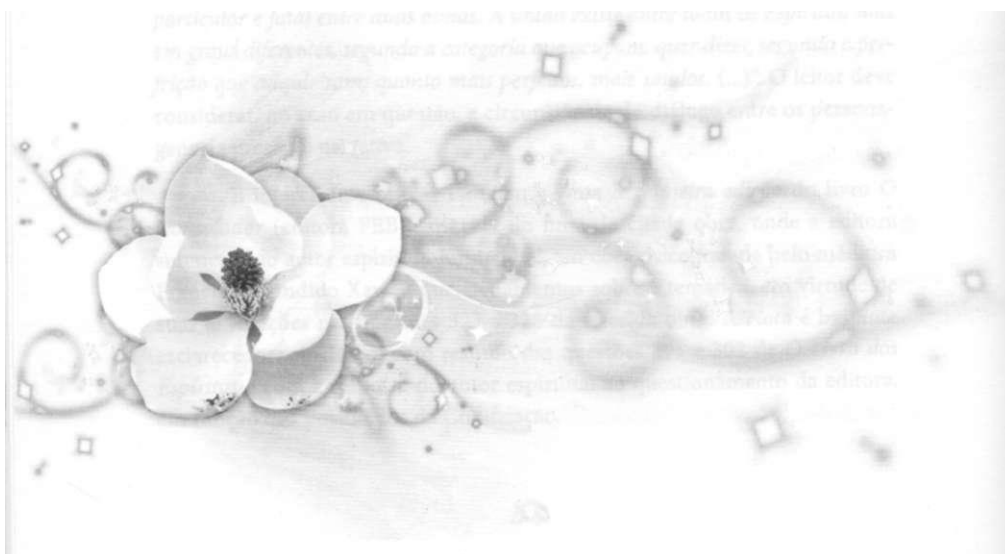
- Olha, querida, mandei fazer sua sobremesa favorita e separei dois vidros para você levar.

- Não precisava, mamãe, assim, além de não voltar ao meu peso, ainda vou continuar engordando.

- Não falei? Ela está sempre fazendo dieta. Minha filha, um dos grandes prazeres da vida é comer o que se gosta, antes que não se possa mais, por ordens médicas - comentou o pai, passando carinhosamente a mão nos cabelos de Ângela, que lhe devolveu o carinho com um beijo.

Capítulo 5

LEON VÊ ANGELA E ANGELA VÊ LEON





uma outra cidade do interior de Minas, relativamente próxima à fazenda onde estava Ângela, Luiz Alfredo entrou em casa, onde a mãe dele estava com algumas amigas na cozinha, enrolando docinhos para um casamento.

- E então, Luiz Alfredo, quando é o casório? Queremos fazer docinhos. Precisa se decidir logo, meu filho, o que está esperando? - perguntou uma das amigas da mãe, uma senhora alegre e, como dizem no interior, "bem sacudida". Ele apenas sorriu e foi até onde estava a garrafa térmica, se serviu de café sendo observado por oito pares de olhos que o deixaram tão incomodado que, simulando não ter ouvido a pergunta, anunciou que iria tomar banho, pois voltaria ainda naquele dia para sua casa.

- Ohhhhüü - todas exclamaram juntas e com espanto.

- Decidiu assim de repente, meu filho? Você não me disse nada na hora do almoço... - perguntou a mãe com olhar de apreensão. Por que não vai no domingo à tarde?

- Não dá. Resolvi ir ao futebol no sábado e é melhor ir ainda hoje, para comprar o ingresso para o jogo. Depois, Ângela também vai chegar e vai querer ir ao supermercado, e eu vou ajudá-la com as compras, é claro.

- Ângela volta também da fazenda hoje, é?

- Ela ligou para o meu celular, confirmando.

- Ah, bem, se é assim, é melhor ir mesmo. Não é bom um casal de noivos longe um do outro por muito tempo; vá com Deus, meu filho.

Distante dali, na cidade, as irmãs Janete e Salete acabaram de almoçar na praça de alimentação do **shopping**, e conversavam animadamente.

- E Ângela, quando volta?

- Parece que chega hoje à noite ou amanhã. Néli me falou que ela telefonou para o escritório avisando

que estaria de volta, mas que só retomaria o trabalho na segunda-feira.

- O pai dela melhorou?

- Parece que sim; você sabe, a pessoa que tem derrame demora um pouco para recuperar a fala e os movimentos e, às vezes, infelizmente, nem se recupera totalmente, permanecendo algumas sequelas. Mas ele está se recuperando rápido com o tratamento e a fisioterapia. Está falando e andando bem, me disse Néli.

- Mas o senhor Antonio, pai de Ângela, é um homem forte, criado no campo e logo vai estar bem, se Deus quiser.

Janete e Salete eram duas irmãs, muito amigas, que dividiam o consultório odontológico no mesmo prédio em que as amigas Marta, Ângela e Néli dividiam um escritório de advocacia, por sinal, muito bem conceituado. Janete era divorciada de Jorge, extremamente ciumento. No momento, estava namorando um homem um tanto misterioso, que não gostava muito de se reunir com a turma delas para assistir futebol, passear ou comer, como era do costume delas havia

muito tempo. Sempre tinha algum compromisso ou arrumava uma desculpa qualquer. Era de temperamento meio arredio, fechado, calado, esquisito mesmo. À boca pequena, todos da turma comentavam que não entendiam aquele namoro. Enfim, vai saber o que leva alguém a escolher "um certo" alguém. Vai saber as razões do coração. Nem a Salete tinha muito o que falar sobre o cunhado. Poucas vezes se encontraram e, mesmo assim, não tinha uma opinião formada. Salete teve poucos amores e nenhum a levava ao altar. As duas irmãs, alegres e divertidas, estavam sempre juntas, rindo o tempo todo, e se entendiam muito bem desde crianças.

No mesmo **shopping**, um dia depois...

Leon descia pelo elevador panorâmico, quando a viu entrar na loja de roupas íntimas. Era ela, tinha certeza, Alma de Luz, sua amada! A mesma do sonho, da regressão no navio, sua inesquecível e eterna amada. Tinha certeza, não tanto pela aparência semelhante, mas pelo que o coração lhe dizia, batendo enlouquecido dentro do peito.

Sentia umas sensações estranhas, maravilhosas,

vibrantes. Amava tanto, que nem a morte e o tempo os separaram. E tinha a certeza também de que era correspondido na mesma intensidade. Haveria de encontrá-la, fosse como fosse. Com o coração batendo na garganta, sem saber nem e como, nem de que jeito, queria que o mundo parasse para ele alcançá-la. Tentou como pôde estancar o elevador, que só se dignou a parar quando quis. Ou seja, no andar de baixo. Ele correu escada acima, atropelando os que vinham em direção oposta, pedindo desculpas às pessoas, que se assustavam e ficavam completamente indignadas com aquela grosseria. Entrou na loja escandalosamente e ficou olhando aparvalhado para as duas únicas senhoras, já bem senhoras por sinal, que escolhiam alguma coisa calmamente sobre o balcão e que o olharam, entre espanto e pena. Pelo menos foi o que lhe pareceu, enquanto pedia mil desculpas, envergonhadíssimo, justificando-se que tinha a certeza de que "ela teria entrado ali".

* * *

- Outra vez essa loucura, Leon? Pensei que isso tivesse passado, que fosse só um exagero alcoólico homérico, de *réveillon* em alto mar, mas pelo jeito a coisa é mais séria. Você agora só faz é falar e pensar nesse

fantasma. Agora a vê andando por aí também, meu camarada? - quem falava era o seu amigo Mauro, que tinha acabado de ouvi-lo contar o que tinha acontecido momentos antes de se encontrarem para tomarem um café ali, como de costume.

- Ora, Mauro, você sabe que sou louco por essa mulher e o que ela representa para mim. E agora posso lhe garantir que não era um fantasma. Ela existe. Você sabe que já regredi mais uma vez lá em casa, depois que voltei, e hoje, mais do que nunca, tive a confirmação de que ela é de carne e osso. Eu a vi, de verdade, você precisa acreditar em mim. Ela está bem aqui perto, deve morar na cidade, talvez trabalhe nesta região, ou resida por aqui, sei lá, não importa. Importa é que eu a vi.

- O que eu sei, é que você está alucinado por um fantasma, isso sim. E se continuar desse jeito, vai se dar mal. Acho bom você fazer uma consulta, uma terapia, um tratamento, qualquer coisa. Isso não é normal. Você anda vendo coisas demais, agora fala em regressão a vidas passadas; você precisa de um tratamento sério, meu amigo. Quando o casamento vai mal, a situação fica complicada e é comum fugir da

realidade por uns momentos, mas no seu caso, tenho a impressão de que é bem mais do que isso. Procure um terapeuta. Vá por mim. Se precisar, sabe que pode contar comigo para o que der e vier. Estou ficando seriamente preocupado com isso tudo. Até agora, achei que era brincadeira sua, mas estou percebendo que você está em crise mesmo. Mas tudo bem; vá a um terapeuta e estarei sempre do seu lado, vou até com você, se quiser...

- Obrigado, Mauro. É muito bom ter um amigo como você, que me ouve com paciência. Talvez tenha razão; vou procurar um terapeuta, mas tem que ser daqueles que entendem de regressão, para me explicar o que está havendo comigo. Só sei que já vivi outra vida com aquela mulher, talvez várias vidas. É muito verdadeiro o que eu sinto.

Mauro olhava o amigo, sem dizer nada, mas no fundo estava com pena, achando que Leon estava ficando desequilibrado, perdendo o juízo. Terminaram o café e saíram em seguida, falando sobre trabalho.

Mauro é aquele amigo que todo o mundo gostaria de ter. Companheiro, fiel, discreto, elegante e edu-

cadíssimo. Bom ouvinte, não julga e não critica, incentiva sempre e ajuda quando é preciso. Descasado, tem uma filha pré-adolescente, e é muito bem centrado na vida. Não pretende casar nunca mais e nem ter qualquer compromisso mais sério. Ele foge, principalmente, de toda mulher, como ele costuma dizer, pegajosa, que cruza seu caminho. Tem verdadeiro trauma de mulher controladora. É amicíssimo de Leon e são amigos, desde os tempos do colegial. Trabalham juntos na bolsa de valores e vão sempre ao futebol e ao cinema juntos.

Bem ali perto, enquanto tomava um sorvete na praça de alimentação, Ângela conversava despreocupadamente ao telefone celular:

- Vai, me conte, Deise, vocês já conhecem o novo namorado da Janete? É? E ele é simpático, agradável, bonitão? Nem tanto? Como assim? Não deu ainda para conhecer direito? E o Jorge, já está sabendo desse novo namorado da Janete? Será que não vai ter outro ataque de ciúme e dar aquele vexame, que a gente já conhece, no aniversário da Salete? Eu Quero me divertir muito e dançar a noite toda, e, em se tratando do Jorge, pode se esperar tudo. Ah! Ela não vai convidá-lo... Sei, mas você sabe que ele nunca pre-

cisa de convite para aparecer onde a Janete está. Sim, claro, é isso mesmo, mas trocando um pouco de assunto, já sabe com que roupa você vai? Ah é? E não achou nada no **shopping**? Não acredito! Mas como? Eu dei só uma voltinha e achei umas coisinhas bem interessantes. Aliás, vi um vestidinho azul-marinho que só não comprei na hora porque vou primeiro dar um balanço nas minhas contas. Mas que eu vou comprar, eu vou, minha cara. Depois desse isolamento forçado na fazenda, estou com os meus neurônios consumidores excitadíssimos. Agora preciso desligar, que está na minha hora. Depois dessas férias prolongadas, estou até os olhos de coisas por fazer antes de voltar ao escritório segunda-feira, inclusive tenho que ir ao supermercado. A gente continua a conversa depois. Tenho novidades para lhe contar com calma e umas perguntas para fazer, mas agora não dá. Não; depois eu conto. Deixa de ser curiosa, é sobre aquele assunto, alma gêmea, o meu "amor-perfeito". Tchau, depois a gente conversa mais.

Enquanto Ângela tomava o sorvete, resolvera ligar para a amiga, pois sentira muita falta dela durante as férias. Elas se entendiam muito bem, desde que se conheceram na faculdade.

Deise estava fora da cidade e, como não sabia se chegaria a tempo de ir à casa da Néli no sábado, como de costume, elas estavam, então, adiantando as novidades. Ângela desligou, levantou-se, devolveu a bandeja e se dirigiu para a saída. Andava olhando para todos os lados com certa curiosidade e até com a nítida impressão de que iria deparar com alguém muito especial: "ele", claro! O seu amor verdadeiro. Sentia a sua presença de uma maneira forte, peculiar, vibrante. Por uns momentos se deleitou com a ideia, mas depois, um sentimento de culpa lhe tomou conta, ao se lembrar do noivo, Luiz Alfredo, bom amigo, bom companheiro, com quem deveria se casar logo que alguns detalhes fossem resolvidos. Só que, de um tempo para cá, não conseguia mais reagir a esse sentimento misterioso que tomava conta do seu ser cada vez mais, transbordando o seu coração, invocando-lhe lembranças cheias de saudades de um tempo passado e que lhe era muito familiar, muito presente, muito vivo, com alguém muito especial, que ela não sabia quem era nesse momento, mas que sentia sua presença com muita força. Era um sentimento tão pleno, que em momento algum, durante a sua relação com Luiz Alfredo, ela sentira. Poderia chamar isso de

traição? Um amor platônico, por alguém indefinido? Era esquisito, muito esquisito, mas também muito bom, e muito gostoso.

- Acho que estou ficando louca. Preciso mesmo conversar urgente com a Deise, mas se isso é um tipo de loucura... É tão bom... É tão gostoso...

Caminhava sorrindo, dispersiva, de olhos abertos, mas sem ver precisamente nada, apenas se deixando levar como fascinada por um encantamento, quando sentiu que alguém a segurou pelo braço com firmeza delicada, obrigando-a a voltar para a realidade.

- Aonde vai tão distraída, meu amor? Vim encontrá-la para irmos juntos ao supermercado como combinamos, está bem? Conte-me, o que estava fazendo? Quando cheguei, você parecia em transe, ou talvez estivesse ouvindo uma música só na sua cabeça? Você vive sonhando acordada, principalmente de uns tempos para cá...

- Era isso mesmo... Ouvia uma música deliciosa...

- Olha que vou ficar com ciúme.

Beijou-a carinhosamente, o que a constrangeu um pouco mais, devido à mistura dos seus sentimentos. E continuaram andando e conversando normalmente, contando as novidades do dia, até que ao chegarem ao estacionamento, Ângela levou um choque. Passou rapidamente, pelo lado dela, um carro com nada menos, que João Marcos ao volante! Mas nem sequer a olhou; acompanhado de um outro homem, conversavam alegremente. Ângela ficou parada por uns instantes, sem fala, estática, no meio do caminho, e só acordou para a realidade quando Luiz Alfredo a puxou delicadamente pelo braço.

- O que foi, viu **alguém conhecido**?

- Vamos, não posso demorar, pois vou aproveitar para deixar meu carro para lavar, vou ao supermercado com você, depois vou para casa ler um processo - tremendo de emoção, mentiu e disfarçou diante do noivo, que nada percebeu.

- Está bem, então, vamos indo.

Ângela saiu do estacionamento no seu carro, na frente do noivo, e ainda muito trêmula, com o coração batendo forte no peito, na certeza de que o seu amor estava por perto, que talvez morasse na cidade e,

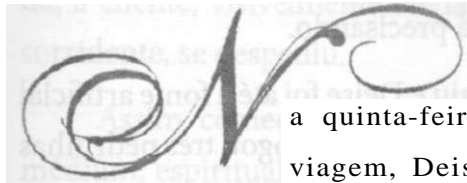
quem sabe, bem perto, e dali a pouco se encontrariam de vez. De repente, se assustou consigo mesma.

- O que estou pensando, meu Deus?! Isso é traição! O Luiz Alfredo não merece uma coisa dessas nem em pensamento...

Capítulo 6

CONHECENDO DEISE





a quinta-feira, ainda cansada da viagem, Deise chegou à sua loja, que ficava no primeiro andar do prédio, cumprimentou ligeiramente, com simpatia, as duas funcionárias que atendiam alguns clientes e entrou em seu escritório, onde estudava, trabalhava e atendia a sua clientela variada e fiel. **Era uma sala** grande e ensolarada, decorada com todos os tipos de artigos que faziam parte do **seu universo místico**, onde um livro antigo de capa surrada **de couro descansava sobre** uma grande mesa **entre pedras amuletos, velas acesas** e apagadas, brancas e coloridas, plantas, ervas, duendes e até uma pequena fonte de água corrente. **E** no momento em que **se sentava à mesa, entrou na sala** uma de suas funcionárias, pedindo licença.

- Eu sei que a primeira consulta está agendada **para daqui a vinte** e cinco minutos, mas tem uma pessoa que já é sua cliente e diz que precisa de

uma orientação urgente. Parece muito aflita. O que eu faço?

- Aguarde só alguns minutos para eu me preparar, fazer uma oração, que eu a atendo. Estou sentindo que realmente ela está precisando.

A funcionária saiu e Deise foi até a fonte artificial que estava num dos lados da sala, jogou três pedrinhas na água corrente, sentou-se no chão sobre um tapete azul-noite, com as pernas cruzadas para dentro, numa postura oriental para a meditação, de frente para a janela e para o sol, que naquele momento entrava direto, Estendeu as mãos ~~para~~ a frente e para o alto, juntou-as diante da testa e concentrou-se. Murmurou baixinho um mantra por uns minutos, tocou uma pequena sineta e só então se levantou e encaminhou-se para a porta, que se abriu imediatamente pela mão da funcionária que trazia a cliente.

- Bom dia! Seja bem-vinda e que o sol desta manhã lhe ilumine e traga paz ao seu coração.

- É disso que estou precisando. De um sol interior e muita paz - falou a cliente, segurando as lágrimas.

Depois de conversarem por algum tempo, Deise

fez-lhe algumas recomendações, como descanso, meditação e preces, além de um chá de ervas calmantes. Aplicou-lhe um passe e lhe agendou outras aplicações para se constituir um tratamento completo. Em seguida, a cliente, visivelmente aliviada de suas tensões e, sorridente, se despediu.

Assim começou aquele dia para Deise Dorff, médium, espiritualista, interessada em estudos transcendentais. Continuou atendendo até o final da tarde os seus clientes, com seus mais variados problemas, quando recebeu, das mãos da funcionária, um fax de Ângela, dando-lhe as boas-vindas, cheia de saudade, dizendo que precisava **muito** falar com ela pessoalmente, pois como lhe tinha dito pelo telefone, "aque-las cenas" tinham voltado e, principalmente, porque Deus permitiu-lhe ver o seu amor de longe e rapidamente...

- **Ah!** Minha amiga Ângela, sempre romântica. Você está prestes **a alcançar** um tesouro que a grande maioria da **humanidade** procura pela vida a fora e daria tudo para encontrar e não consegue, porque ainda não chegou a sua hora. Mas para você, minha amiga, a hora está chegando. Breve vai encontrar a sua alma gémea. E vocês vão reavivar esse lindo e grande amor.

- De quem você está falando? - perguntou a funcionária que a olhava parada, **ouvindo**-a falar, com o olhar no infinito, como se estivesse num transe, ainda com o papel na mão.

- Estou falando de **Ângela**, a amiga que me mandou este fax.

- Ela tem uma alma gêmea?

- Todos nós temos. Só que, por muitas circunstâncias e pelo processo da evolução, livre-arbítrio, etc, nos separamos e levamos muitas e muitas encarnações para nos encontrarmos novamente com ela. E a **hora** de **Ângela** encontrar a dela, chegou.

- Poxa, que maravilha! As almas gêmeas são criadas numa só e divididas, para depois se encontrarem novamente?

- Não! Claro que não! Na verdade, não existem propriamente almas gêmeas. É só maneira de falar. Dizem-se almas gêmeas, aqueles que têm muito amor, um pelo outro, um amor incondicional e principalmente uma quantidade muito grande de afinidades. Criaturas que já viveram juntas, por muitas encarnações, e por isso se conhecem e se afinam muito bem, melhorando e evoluindo e se amando cada vez mais.

Uma pessoa igual à outra, isso é só uma forma de falar, não existe. Todos nós somos únicos e integrais. Por isso, não podemos alegar que não evoluímos porque a "nossa outra parte" não deixou ou não quis, não deu apoio, etc. Cada um é responsável por si próprio perante Deus. A evolução do ser é certa, individual e contínua e nem por isso ele vive só. Todos nós precisamos de alguém, e em algum lugar existe aquele nosso companheiro que chamamos de "alma gêmea", e que um dia encontraremos.

- Que bacana, quero conhecer essa sua amiga, pois não sei quando terei a oportunidade de ver outro caso desses.

- Nem eu, mas você vai ter a oportunidade para isso. Ângela é uma criatura maravilhosa. Agora, mande entrar a outra pessoa, por favor.

- É um cliente. Ele quer fazer o mapa astral para ele e para a empresa dele, e talvez para cada um de seus empregados.

- Então, mande-o entrar...

Deise era outra amiga que fazia parte da turma. Espiritualista, médium, mística, sempre envolvida em reuniões e cursos dessa área. Formou-

se em direito com as amigas Ângela, Néli e Marta. Depois, estudou Psicologia, fez pós-graduação na área e finalmente optou por abrir uma loja de artigos esotéricos, fazer pesquisas, dar palestras, seminários, cursos, estudar óvnis, extraterrestres, reencarnações comprovadas, etc. Os amigos se dividiam entre não acreditar em Deise (o que era falado abertamente para ela e o respeito era mútuo) ou aceitar com naturalidade e crença, como era o caso de Ângela. O que não a incomodava de jeito nenhum, pois achava (e dizia), que cada um está num estágio próprio evolutivo, que lhe permite ou não, entender as coisas. Muito sensitiva e extremamente mística, talvez um pouco excêntrica, mas, acima de tudo, doce e querida por todos. Alto astral, para definir melhor, usando a sua linguagem.

* * *

Sábado chegou, e todos foram para a casa de Néli e Álvaro, menos Ângela e Luiz Alfredo, que tinham outro compromisso. Néli e Álvaro, casados há bastante tempo não tinham filhos, estavam sempre alegres, gostavam de reunir os amigos em casa para verem filmes, futebol na televisão, ou para simples-

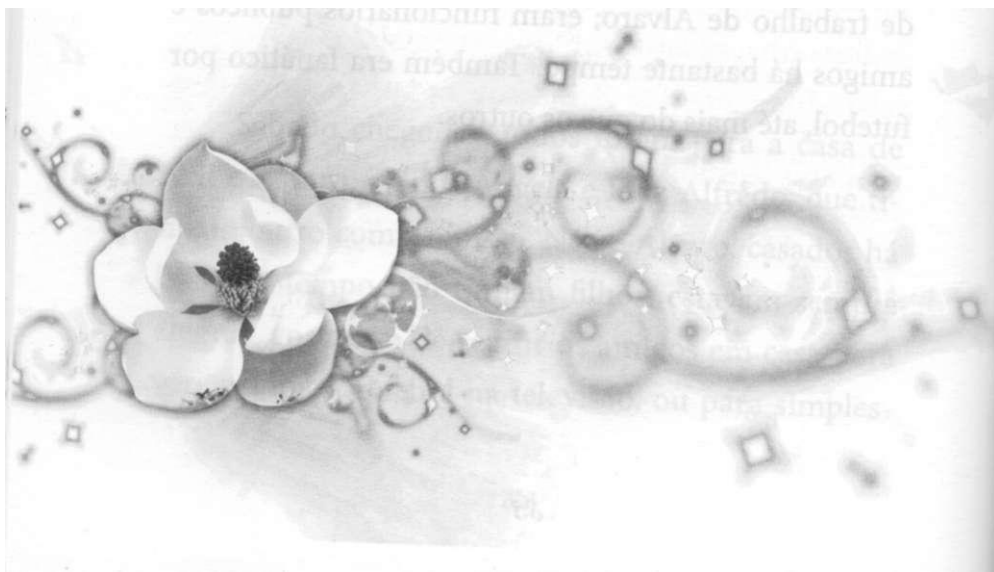
mente comer alguma coisa e conversarem. Os amigos denominavam a casa deles de "quartel-general".

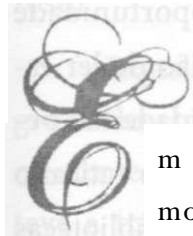
Na segunda-feira, Ângela voltou ao seu escritório toda feliz e saudosa pelo tempo que ficou longe, na fazenda. Trabalhou um pouco pela manhã e Luiz Alfredo veio buscá-la para irem almoçar. Luiz Alfredo também era amigo de todos. Muito alegre, divertido, bem humorado e noivo de Ângela há mais tempo do que gostaria. Por ele, já estariam casados há muito tempo. Esperava que Ângela se decidisse a casar logo e já estava ficando impaciente.

Todos cobravam dele, e, no entanto, era ela quem não se resolvia. Estava sempre adiando as datas marcadas. Afinal, quando um não quer, dois não brigam ou não casam. Dá no mesmo. Ele era colega de trabalho de Álvaro; eram funcionários públicos e amigos há bastante tempo. Também era fanático por futebol, até mais do que os outros.

Capítulo 7

PADRE JOÃO E ANGELINA





Em Portugal, numa pequena cidade entre montanhas, vivia um garoto muito religioso, franzino e pálido, pela bronquite asmática que sempre o acometia no inverno. Naquela tarde ensolarada de outono, acompanhado de sua mãe, saíam pela porta lateral da igrejinha do lugar. Caminhavam sobre um tapete de folhas de castanheira de todas as cores e todos os tons. O ar fresco penetrou-lhes os pulmões fazendo-os lembrar que o inverno se aproximava. O jovem, quase menino, um tanto distraído, ouvia pela milionésima vez as recomendações da mãe que, entre comovida e orgulhosa, o recomendava a agradecer a Deus todos os dias da sua vida, pois tinha conseguido entrar para o seminário. Realizaria o seu grande sonho de ver seu filho Padre, servindo a Deus. E, a partir daquele instante, só queria que Deus lhe concedesse mais um desejo: o de assistir a uma missa ministrada pelo Padre João, seu filho querido. Aí sim, poderia

morrer em paz, pois já teria alcançado o céu em vida. O jovem João, garoto tímido, estudioso das escrituras sagradas e com maturidade além do normal para a sua idade, via na reclusão espiritual a oportunidade de acesso aos livros que não teria ocasião de ler estando aqui, ao lado de sua mãe, numa cidade tão pequena. Tinha sabido pelo Padre Bento, que o vaticano possuía, senão a maior, uma das maiores bibliotecas do mundo.

- Imagine quantos livros poderei ler dali para a frente?

Isso realmente o encantava. Os dois, mãe e filho, cada um perdido em seus pensamentos, seus sonhos, atravessavam a pequena praça sobre as folhas que não paravam de cair.

A poucos quilômetros dali, num outro vilarejo, vivia Angelina, moça tristonha e sem o brilho da juventude, quase reclusa, a cuidar da madrinha doente, pessoa que a criou e a quem lhe devia tudo - o pouco estudo e a subsistência.

De difícil trato, a senhora não deixava em paz a mocinha que, exausta, só conseguia poucas horas

de sono intercaladas de sobressaltos, pelos chamados estridentes e impacientes da velha senhora, o que lhe estampava olheiras eternas no precocemente sulcado rosto.

Naquele momento, a senhora a chamava aos gritos desesperados, e Angelina, mais uma vez, pacientemente se dirigiu para o lado da madrinha e teve a triste experiência de assistir a velha senhora morrer em seus braços, poucos minutos depois. Mesmo não se lembrando de nenhuma alegria naquela casa, não pôde deixar de derramar sinceras lágrimas de piedade naquele momento e, mais tarde, pelo seu triste destino. Fez até uma breve oração pela sua alma. Por alguns dias, socorrida pelas senhoras daquela vila, sentiu-se amparada e protegida, e, sonhadora, se imaginou encontrando um grande amor que a faria muito feliz. Um amor que ela sabia que aguardava em algum lugar. Certa noite, sonhou que uma mulher lhe aconselhava a ser enfermeira. E assim, naquela manhã, foi até a vila e procurou o pequeno hospital cuidado por freiras e se ofereceu para o trabalho. Conseguiu imediatamente ser aceita, pois com as epidemias, havia muitos pacientes e poucas voluntárias. Finalmente encontrou a paz naquele lugar. Mas

principalmente na capela onde se recolhia para orar e agradecer a vida.

Passaram-se muitos anos daquela tarde de outono, onde duas pessoas tão distantes seguiram por caminhos tão diferentes, mas tendo em comum um grande amor que transcendia a barreira da morte.

* * *

No sábado, dia de futebol, Luiz Alfredo foi assistir ao jogo no estádio, com os amigos, enquanto as amigas se encontraram na casa da Néli, lugar em que todos costumavam se reunir. E Ângela dizia:

- Oi, garotas, cheguei! Tudo bem, quais são as novidades? Eu quero saber tudo o que aconteceu por aqui na minha ausência, nos mínimos detalhes. Tudo o que não me contaram por telefone.

- Nada que você já não saiba, trabalhamos como loucas, nos divertimos também, etc.

- Como etc?! É exatamente deste etc que estou querendo saber.

- Sem novidades, garota; mas você nos conte como foi aproveitar todas as mordomias da casa da

mamãe com o noivo ao lado, hein? Aposto que nem sentiu a nossa falta.

- É claro que senti, e nem queiram saber quanto. Ah, mas como é bom ser paparicada. Como é bom, não ter de se preocupar com pequenos detalhes, como preparar refeições, lavar a roupa, etc. Tirando a invasão... A mordomia da casa da mamãe é divina. Comidinhas especiais, mil doces maravilhosos, cachoeira, rio, passeios a cavalo, piscina ali adiante, mas, apesar de tudo, ainda prefiro a vida aqui na cidade e já estava ansiosa para voltar. Demorei um pouco mais, para não desagradar meu pai, que ainda não estava muito bem de saúde e, como vocês sabem, meus dois irmãos ainda estão no exterior se especializando. Agora papai já está melhor e meus irmãos estarão de volta no mês que vem, logo que terminarem o curso. Eles vão assumir de vez o comando da fazenda, aliviando um pouco os meus pais. No fundo, acho que eles ficam muito sós, sentem saudade e acabam ficando doentes. De agora em diante vou procurar visitá-los com mais frequência. Agora me contem as novidades, por favor...

- Ih, não são muitas, são aquelas que já contei,

mas vá lá... Janete está de namorado novo, mas só o veremos ao vivo e a cores, no aniversário da Salete, já que o "gatinho arisco" foi visitar a mamãezinha dele em São João do Sul, de onde veio.

- E onde está a Janete? Foi junto conhecer "a mama"?

- Não, ela foi até a farmácia, mas já volta, e aí conta mais detalhes. Ela parece bem interessada nesse gato.

- São João do Sul? Aonde é que fica isso?

- Não fica, minha querida, porque ninguém aqui sabe. Imagino que fique no sul, é óbvio. - falou Marta, com seu jeito irreverente.

- Ele falou para mim que é lugar de homem valente, e que nada fica sem resposta - completou Salete, dando a entender que ele esnobou a sua valentia para ela.

- Eu hein?! Olha só que cunhado esse!

- Pior é que não o achei muito simpático, não sei explicar, é assim uma coisa astral, sabe? Mas como o namorado é dela, ela é que tem que gostar, ora. De-

pois, ela sofreu muito com o Jorge, vocês sabem... Deixemos que seja feliz.

- Justamente por ter sofrido muito com Jorge é que precisamos ficar de olho neste. Não podemos permitir que isso aconteça de novo.

- Como foi que ela o conheceu?

- Numa viagem de avião indo para um congresso de odontologia, no começo de dezembro; marcaram um encontro para depois que o congresso terminasse e estão namorando desde aí, bem quietinhos, não sei por quê. Logo depois, todos nós saímos de férias, viajamos, e é por isso que ninguém o conhece direito. Ainda não apareceu em nenhuma das nossas reuniões; ele nunca pode. A gente só o vê rapidamente, chegando e saindo, parece muito ocupado. Está sempre atendendo o celular, cheio de mistério. Com certeza ela vai trazê-lo para a turma sempre que tiver oportunidade.

- Em que essa criatura trabalha? Ou vive de renda?

- Parece que é com marketing. Faz palestras, vive em seminários, esse tipo de coisa; pelo menos é o que ele diz, mas é a profissão da moda, vai saber...

Após um pequeno silêncio...

- E sobre o aniversário? Já está tudo preparado? Aonde vai ser a festa? Quero dançar a noite toda e comer coisinhas gostosas, já falei...

Janete chegou toda animada, e já foi entrando na conversa enquanto beijava e cumprimentava a amiga:

- A gente já contratou uma banda que é o máximo! Vai tocar de tudo, para todo o gosto. Bem legal. Eles animaram uma festa que fui com o Jorge, quando ainda estava com ele, e eu guardei o cartão. Tenho certeza de que vão gostar. E quanto às comidinhas, é surpresa.

- Ah! Agora, trocando de assunto: vocês já sabem que Deise vai viajar outra vez? É, e desta vez vai até sair do país, olha só que chique! Primeiro vai até uma cidadezinha chamada São Tomé das Letras, que fica em Minas Gerais, com a turma dela, estudar uns fenômenos. Não é, Deise? Explique aí.

- É, sim, sairemos semana que vem, na quinta-feira, antes das seis da manhã, direto para São Tomé em caravana. Depois de alguns dias que não definimos ainda, vamos até Machu-Picchu, no Peru.

- Olha só, que chique, está ficando poderosa, essa nossa amiga, hein? Viajando para lá e para cá, para o exterior... Ainda outro dia, falei com você pelo telefone, e não me contou nada?

- Não deu tempo de contar sobre a viagem pelo telefone, porque naquele dia eu tinha ligado para saber notícias de seu pai e, no fim, a gente falou de tanta coisa, que até esqueci. E a viagem só foi confirmada ontem, quase no fim da tarde. Elas souberam porque passei no escritório e dei a notícia, só que você não estava. E depois, gente, é só mais uma reunião "in loco" dos nossos estudos esotéricos. Esses lugares têm uma força magnética e uma energia positiva muito grande, muito forte. Perceptível a qualquer pessoa sensível. É perfeito para meditação. A gente encontra respostas para muitas indagações nesses lugares, pois abrimos nossos canais e nos comunicamos com o espaço cósmico, com outras inteligências, trocando conhecimento. É pura telepatia que aplicamos com criaturas inteligentes, que estão ao nosso redor e não vemos fisicamente.

- Mas é preciso ir tão longe para se comunicar? Não pode ser por aqui mesmo? - perguntou Ângela, candidamente.

- É claro que pode, ora. Mas esses lugares mais isolados, especialmente esses que vamos visitar, possuem energias muito sutis, o que nos possibilita esse contato com mais facilidade. No meio da cidade, os pensamentos se misturam e fica difícil uma comunicação perfeita, uma concentração adequada, veja bem, não é que não dê, mas fica mais difícil. Imagine, por exemplo, uma praça onde fossem instalados vários alto-falantes, cada um transmitindo um jogo de futebol diferente e no volume máximo. Não daria para acompanhar nenhum jogo direito, por mais atenção que se desse, a um só locutor.

Todas ficaram por uns momentos silenciosas e pensativas.

- Deise, estou ansiosa para conversar com você e me esclarecer sobre alguns assuntos e saber mais sobre regressão. Aqueles sonhos, que você já sabe, tornaram a acontecer e não sei mais o que pensar. São tão verdadeiros... Seria bom fazer uma regressão e esclarecer logo tudo? Estou começando a ficar impressionada.

As amigas se alvoroçaram com a pergunta de Ângela e começaram a falar ao mesmo tempo.

- Olha só, quem diria, a quietinha da Ângela, que parece não ligar para esses assuntos, querendo se bandear para o lado dos gurus.

- O que será que ela quer saber do passado?! Ou melhor, de vidas passadas? Talvez queira saber se foi uma rainha, uma princesa virgem, prometida e sacrificada aos deuses...? Porte de nobreza e certo mistério ela ainda tem, não é mesmo, garotas? - ironizou Janete, que não levava nada muito a sério.

- E por que não dizer, uma aura luminosa e cintilante... - continuou Néli, emendando a conversa, às gargalhadas, acompanhada de Salete, irmã de Janete.

- Não ligue para elas, Ângela. Depois nós conversaremos sozinhas, pois elas não levam nada a sério. Elas têm que evoluir muito ainda... - concluiu Deise, meio a sério e meio na brincadeira.

- Pois eu quero ver se funciona mesmo, o seu conhecimento - falou Marta, a totalmente incrédula.

Marta era uma das advogadas que trabalhavam no escritório. Era divorciada e tinha uma filha pré-

adolescente desse casamento. Não queria nem ouvir falar em casamento, e nem mesmo em relacionamentos íntimos que poderiam levar a uma vida a dois. Era excelente pessoa, mas também um tanto medrosa. Detestava os assuntos religiosos, místicos, tão ao gosto de Ângela e Deise. Às vezes, ficava visivelmente alterada, irritada mesmo, quando a turma, só para atormentá-la um pouco, continuava falando e aumentando o terror, até que ela se tocava e entendia que só a estavam provocando.

Deise embarcou para a sua viagem de estudos. Néli e Ângela pediram que se comunicasse quando pudesse. Ela prometeu que o faria sempre que fosse possível.

Depois de uns dias, Ângela acordou diferente. É que, durante o sono, em sonho, tinha se encontrado com "ele" novamente, e foi muito lindo. Muita emoção.

Eles passeavam à beira-mar, abraçados, com os pés dentro da água, o que fazia grudar nas pernas a saia longa que ela usava. A Lua, refletida no mar, iluminava parcamente a figura dos dois, abraçados, que

se beijavam e se acariciavam o tempo todo, com muita ternura. Puro êxtase. Logo depois, num certo ponto da praia, sentaram-se com os pés enterrados na areia fria, trocaram confidências e juras de amor eterno sob um céu estrelado. Uma noite especial fazia vibrar a Terra. Era a passagem de um século, eles estavam juntos e festejavam o amor. Estavam sós, quietos, o vento suave passava por seus cabelos negros, enquanto ouviam em silêncio o murmúrio do mar, batendo suas ondas e molhando a areia. O cheiro leve e salgado da maresia pairava no ar. A noite exalava o amor intensamente, profundamente. Essa era mais uma encarnação da vida deles em que eram ciganos e viviam ao sul da Espanha, em Andaluzia. Ângela tinha certeza de cada detalhe.

Acordou com a impressão de ainda ouvir o som de um violino que ele tocava para ela à luz da Lua. Saiu para trabalhar, caminhando como se flutuasse. Parecia que ainda sonhava, tal o bem-estar que estava sentindo. Era uma sensação muito boa. Mas não deixava de ser um mistério. Uma hora ele era um francês e agora, era um cigano. Estava ansiosa pela volta da Deise para lhe fazer uma porção de perguntas.

- Onde será que ela está agora? - pensou.

Entrou no prédio em que trabalhava, sorridente, e, como sempre fazia, foi cumprimentando todo mundo. Era querida por todos. Entrou na sua sala, sentou-se diante do computador e se ligou à rede. Lá estava Deise, conectada, **on-line**.

Era sempre bom começar o dia com boas notícias. Ângela contou à Deise que estava ansiosa pela sua volta, para tirar todas as dúvidas, e também contou que estava muito feliz, apesar de confusa, com o sonho que teve. Como ela podia ser, uma hora, Alma de Luz, uma espanhola, e na outra, uma cigana?

- Ângela, quando chegar, responderei a todas as suas indagações a respeito desse assunto, mas agora preciso lhe contar uma coisa muito séria que aconteceu durante uma sessão de meditação e desdobramento. Eu tive uma revelação que me deixou muito preocupada...

- Como assim? O que foi que aconteceu?

- Não consegui uma comunicação muito clara, mas era um aviso preocupante, tratava-se de um recado, curto e simples: FESTA, CUIDADO! Pode ser comigo mesmo, ou com alguma de nós, porque

eu estava fazendo uma meditação para vocês, para a nossa turma, pedindo proteção, boas energias, bons fluidos para todos, fazendo uma oração de paz. De repente, aconteceu: as duas palavras na minha frente e bem claras, como um anúncio luminoso. Avise a todos, por favor, para tomarem cuidado quando forem a uma festa. Assim, ficarei mais tranquila. Deverei estar aí para o aniversário da Salete, mas não fique tão preocupada com esse aviso, que na verdade é só um alerta, e também pode ser para qualquer outra festa, não sei. Procurarei mais detalhes com os meus amigos da espiritualidade e, se tiver mais alguma informação, volto a me comunicar. Um beijão para cada uma. Já estou com saudades. Gostaria que todos estivessem aqui comigo também. É tudo simples, rústico, e muito lindo. A energia é quase palpável. Assim que eu voltar, vamos tirar as suas dúvidas e, quem sabe, descobrir o seu passado... (uauuuuü!)

- Deise, que história é essa de aviso? O que você viu? Onde você estava? Conte-me mais detalhes, não me deixe assim curiosa e preocupada.

Ângela sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha, o que a deixou muito aflita.

- Ângela, não dá para explicar, aqui e agora, como funciona esse desdobramento que é um fenômeno simples, mas requer tempo para explicar. Eu só vi essas duas palavras envolvidas em uma energia negativa e uma sensação real de perigo iminente. Como já lhe disse, se houver qualquer outra novidade, eu volto a me comunicar. Fique calma. Como disse, não é para entrar em pânico, é só para se prevenir, ter mais atenção e cuidado. Não se esqueça de que nada acontece por acaso e sem a vontade de Deus. Agora eu vou, tchau! Até breve. Estou arrumando as malas para embarcarmos rumo ao Peru, mais precisamente Machu Picchu. Na volta, eu conto tudo. Um grande beijo e até mais.

Saiu, desligou-se.

- Puxa-vida! Eu detesto ficar sem respostas. Ainda mais desse tipo. Vou ligar para a Janete e dar o recado - falava sozinha enquanto discava para a amiga-

- Oi, Janete. Tenho uma bomba para lhe contar...

Contou o que soube pela Deise e pediu que passasse o recado para as outras. Janete achou que o reca-

do não tinha tanta importância assim. Comentou que, se isso fosse mesmo verdade, não seria na festa dela, que estavam preparando, com certeza. Mas por outro lado, Ângela lembrou que, por enquanto, ninguém tinha sido convidado para nenhuma festa, assim mesmo ela argumentou que Ângela estava se estressando à toa e que faria a sua vontade. Avisaria a todos, até porque, não custava nada.

Estava desligando, um pouco mais calma, pelo menos, por ter desabafado com Janete aquela preocupação, quando Marta chegou. As duas e Néli dividiam o escritório de advocacia trabalhista. Estavam sempre entulhadas de trabalho.

- Marta, a Deise se comunicou agora há pouco e mandou um recado, no mínimo, curioso, mas, para mim, muito assustador. A Deise nunca se enganou com as suas intuições em todo esse tempo em que a conheço. A Janete acha que é um exagero da minha parte, ficar preocupada, mas eu fico, você sabe...

- Que recado? Fale logo. Aconteceu alguma coisa com ela? Parece coisa séria, você está branca como papel, ou melhor, você está bege.

- Ela não garantiu que tenha alguma coisa co-

nosco, mas está realmente preocupada com a visão de duas palavras que teve durante uma concentração, um desdobramento, meditação, agora nem sei.

- E que palavras são essas?

- FESTA, CUIDADO! E ainda avisou que, pela energia que rolou na hora, a sensação é de perigo iminente. Está para acontecer a qualquer hora, em qualquer festa. Credo! Até me arrepio só de pensar o que realmente isso quer dizer.

Examinou os pelos do braço, totalmente eriçados.

- Cruzes! Onde foi que ela viu isso? Que aviso mais estranho...

- Pois é. É muito estranho mesmo, mas pode não ser na festa da Salete. De qualquer forma, temos que ficar atentas a todos os convites para festas.

Ângela, apesar de assustada, se repetia, negando sempre, e que nada iria acontecer que pudesse estragar o brilho daquela festa tão esperada por todos.

- Eu vou trabalhar, que é melhor - disse Marta - assim ganho mais. Você sabe que não gosto desses assuntos, que fico apavorada. Quando souber desse

tipo de coisa, nem me conte. Nem me conte! Prefiro não saber. Acho que você não deve ficar pensando e falando nessas coisas. Você é muito impressionável, Angela. Acredita em tudo. Depois não fica sossegada, fica aí toda nervosa e acaba deixando a gente também nervosa, mesmo não acreditando. Néli ainda não chegou?

- Ela deixou um recado que só viria depois do almoço.

- Então, ao trabalho!

- Ao trabalho!

Marta é aquele tipo de pessoa que não gosta e nem acredita nessas coisas e vai logo desligando o assunto, cortando o papo, mas Ângela ficou ainda um tempo pensativa e falando baixinho. Chegou até a balbuciar algumas orações, mas sempre as interrompia para logo após continuar.

- O que será que isso quer dizer? FESTA, CUIDADO!? Será que é com a festa da Salete, mesmo? Ou será alguma outra em que ainda nem fomos convidadas? Ah! Deixa para lá. Não quero mais pensar nisso. Vou orar outra vez para me acalmar.

Voltou ao trabalho, que não era pouco, e conseguiu não pensar mais no assunto.

Leon conversava com Mauro enquanto se dirigiam ao trabalho:

- Você nem imagina o sonho que tive com a minha amada à luz da Lua.

- A Mari?

- Ora, Mauro, você sabe de quem estou falando!

- Ah! Sei, sim. Alminha de Luz! Pelo menos poderia ter outro nome, não é?

- Qualquer dia eu vou arrumar outro amigo com quem possa trocar as minhas alegrias e as tristezas. Você nunca me leva a sério.

- Está bem, vá lá, me conte as últimas do passado. Olha só que estranho! Últimas notícias do passado! Tudo bem, tudo bem; já parei.

Mauro pedia desculpas, mal disfarçando um sorriso safado.

- Acho que não vou contar mais nada. Já perdi

a vontade de lhe contar qualquer coisa da minha vida. Você vai ficar na curiosidade. Posso lhe garantir que você iria morrer de inveja e iria querer estar no meu lugar.

- Pode contar, sou todo ouvidos...

- Não, agora não conto mais. Vamos trabalhar, que é melhor. Hoje vou almoçar com a Mari e talvez a gente decida a separação numa boa, graças a Deus! Já conversamos pelo telefone e nossos advogados já se entenderam. Não temos filhos, então, é mais fácil e rápido.

Entraram no elevador do prédio em que trabalhavam e seguiram em direção à sala, àquela hora, já bem agitada.

Janete e Salete tinham um consultório odontológico no mesmo prédio comercial em que ficava o escritório de Ângela, Marta e Néli.

Deise também tinha um consultório de atendimento espiritual no primeiro andar do mesmo prédio e a loja "Templo dos Deuses", onde dava consultas, vendia livros e artigos ligados à área mística. Era uma grande amiga e estava sempre por perto, literal-

mente, sempre dando apoio em todas as horas. No momento, estava sem namorado. Dizia que estava aguardando a pessoa certa. As irmãs Janete e Salete também nesse momento aproveitavam um intervalo entre clientes, e dividiam as preocupações com a "visão" da Deise.

- Você acha que esse aviso tem a ver com a minha festa de aniversário?

- Eu acho que não; do jeito que a Ângela falou, nem a Deise sabe explicar o que ela viu direito. Pode ser coisa lá do grupo dela. Excesso de misticismo deles. Enfim, credices que não devemos aceitar para não ficarmos malucas. Sem dizer que pensamento negativo atrai acontecimentos negativos, esta frase é muito usada pela Deise e por todos os gurus de plantão. Aliás, acho bom prestarmos mais atenção nela, pois está cada vez mais impressionada com os mistérios do mundo sobrenatural e místico, deixando-se levar demais por sua paranormalidade e com isso está nos envolvendo cada vez mais. A Ângela já não dá mais um passo sem falar com ela. Isso sem falar que a festa está em cima, e seria um prejuízo muito grande cancelar e perder tudo o que já pagamos adiantado, baseadas

só em suposições místicas, ou melhor, em visões da Deise num momento de transe. Ora, faça-me o favor, hein?

- Não precisa exagerar também. Eu gosto muito da Deise e só aceito o que quero aceitar, e é melhor encarar isso como mais uma daquelas atitudes estranhas que ela sempre teve e que não deve nos afetar e nem nos atingir, desde que a gente não queira.

- É isso mesmo, vamos pensar positivo. A festa vai ser maravilhosa, você vai ver. Nós todos vamos aproveitar muito. Afinal, essa notícia é só uma falsa premonição...

O telefone toca para Salete, que deixa a conversa com a irmã para depois. Era o seu namorado na linha.

- Oi, meu querido, quando você chega? Hoje? Que bom, venha me buscar, estou morrendo de saudade...

A manhã transcorreu normal para todos. Para Ângela, as palavras da Deise não a deixaram muito sossegada, tirando-lhe até o brilho do sorriso.

À tarde, Néli a encontrou pensativa e ela pôde

contar para a amiga a sua preocupação. Néli era muito sensata e sabia ouvir. Tinha o dom da empatia.

- Sabe, Néli, eu senti muita verdade nas palavras da Deise. Uma sincera preocupação em nos proteger. Ela não iria brincar com um assunto sério desses, se não tivesse certeza do que dizia das possibilidades, enfim, você sabe.

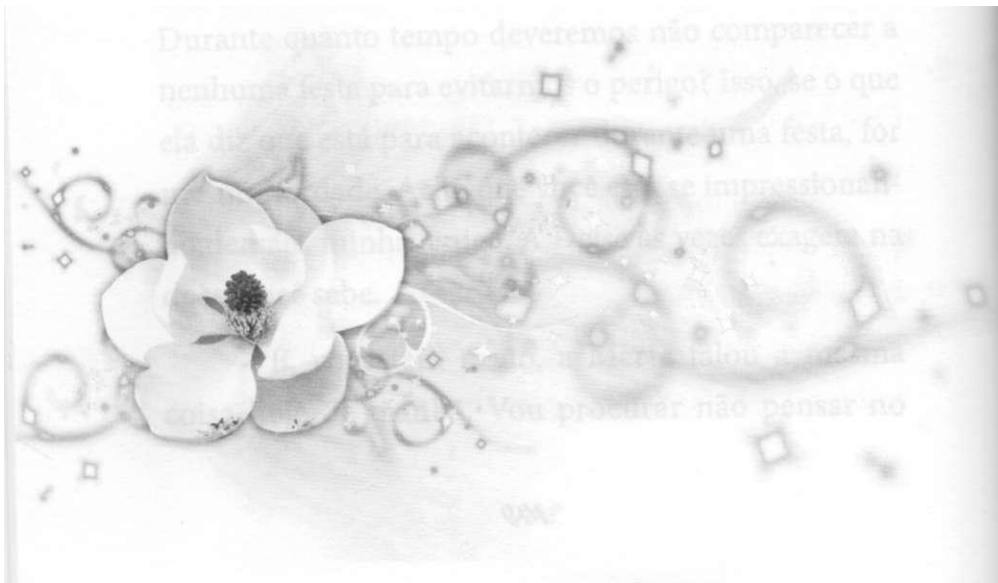
- Mas Ângela, eu não vejo nada de consistente nesse aviso. É apenas um aviso, ou melhor, nem é um aviso completo, com detalhes, é apenas uma suposição como você mesma disse. Acho até que ela se precipitou em nos assustar. Ela deveria, pelo menos, ter mais detalhes para depois nos avisar se fosse o caso. A afobação dela pode nos causar angústias desnecessárias. E além do mais, o que podemos fazer? Durante quanto tempo deveremos não comparecer a nenhuma festa para evitarmos o perigo? Isso, se o que ela diz que está para acontecer durante uma festa, for mesmo verdade. Acho que você está se impressionando demais, minha amiga. A Deise às vezes exagera na dose, você sabe.

- É, você tem razão, a Marta falou a mesma coisa hoje de manhã. Vou procurar não pensar no

assunto, mas está difícil, é como se eu estivesse prevendo alguma coisa ruim também. Dá-me um arrepio cada vez que penso, parece que algo dentro de mim confirma a visão. Mas deixa para lá. Vamos trabalhar!

Capítulo 8

O ENCONTRO NO MOSTEIRO





Passaram-se muitos anos, daquela tarde de outono em que duas pessoas que não se conheciam, que moravam relativamente perto, e tinham algo em comum, seguiram por caminhos diferentes. Depois de muitos anos separados, teriam uma oportunidade, uma única vez, de se olharem nos olhos. Mas era fundamental que assim fosse. Estamos falando de João e Angelina, agora, em outro país europeu.

Numa noite escura e fria de inverno, um grupo de homens e mulheres que fugiam dos horrores da guerra, carregando alguns feridos, batia insistentemente na imensa porta diante deles. Pediam abrigo por aquela noite, naquele secular mosteiro, que mais parecia a murada de um castelo, um forte, afastado de tudo e pouco distante de um campo de batalha. Dali se podia ouvir, como se fosse sobre as cabeças, os estampidos de tiros, o ronco de motores de aviões e de tan-

ques de combate que atiravam sem cessar. Por alguns momentos se fazia silêncio, mas só por um momento, para em seguida recomeçar, para desespero de todos.

A porta grande e pesada finalmente se abriu e, diante do grupo de criaturas assustadas e desesperadas, estava Angelina, a enfermeira. Moça de pouca beleza e de muita grandeza interior pedia ajuda para eles por aquela noite apenas, por caridade. Só precisavam de cama para os feridos e de um descanso, abrigados, para recuperarem as forças e de algum alimento para continuarem a caminhada. Perderam o caminhão de resgate de feridos e estavam voltando a pé, carregando uns aos outros, como podiam, para um acampamento da Cruz Vermelha a poucos quilômetros dali.

O monge que os atendeu com a cabeça coberta por um capuz, recebeu-os em silêncio, não falou uma palavra, mas fixou os olhos nos de Angelina e estremeceu. Abaixou a cabeça e fez um gesto com a mão para que o acompanhassem. Atravessaram corredores imensos, até chegarem à sala de refeições, também enorme, onde estavam alguns monges se preparando para comer. Todos eles se levantaram prontamente e passaram a ajudar os feridos, servindo aos viajantes um caldo quente e uma fatia grande de pão.

Sinceramente agradecidos, os viajantes se acomodaram num outro salão ao lado e foram embora silenciosamente antes dos primeiros raios de um novo dia, sem que vissem mais nenhum monge. Àquela hora, todos ainda estavam recolhidos em suas orações.

Ao continuarem pela estrada, refugiando-se aqui e ali, Angelina se lembrou novamente dos olhos do monge e um aperto no coração a fez estremecer de vez. Quando o olhou profundamente nos olhos, inexplicavelmente, o reconheceu prontamente como o amor de sua vida. O seu grande e inesquecível amor de toda a eternidade. Uma paz imensa tomou conta do seu coração, apesar de toda a guerra que explodia ao seu redor.

Frei João da Cruz também a reconheceu e passou a noite em orações, sublimando aquele amor. Sabia, dentro de si mesmo, que Deus o tinha perdoado e, que um dia, a encontraria novamente para reafirmarem o seu grande amor numa outra vida, para viverem juntos e felizes. Acreditava na da vida após a morte, e na reencarnação. Estudava muito, e nas próprias escrituras, isso era muito claro. O próprio Jesus voltou para nos mostrar a imortalidade da alma, a transcendência

da vida à morte do corpo. Para que viveríamos eternamente sem atividade, só em contemplação? Estudando a grandeza de Deus não se pode conceber tal inércia após a morte do corpo. Ele acreditava nisso e, agora, vendo-se frente a frente com ela, com o seu amor, isso ficava mais claro ainda. Como poderia conhecê-la, se nunca tinham se visto até aquele momento? Só poderia ser do passado, de outras vidas.

Certa euforia tomou conta de seu coração por uns momentos, mas voltando a orar, ele acalmou-se, na certeza de que era só uma questão de ter paciência e esperar o tempo, que na realidade nem existe. Só a eternidade é comprovada. Um doce conforto tomou conta de todo o seu ser enquanto lágrimas desciam pelo seu rosto. Recomeçou a orar com fervor para que a paz no mundo acontecesse e o amor entre os homens se espalhasse. Para que dessem valor a este lindo mundo em que viviam, que dessem valor à sua vida e à do próximo. Que descobrissem dentro de si o amor Divino, o amor incondicional, ensinado por Jesus. Seu coração inundou-se de alegria e ele deixou que as lágrimas consoladoras rolassem dos seus olhos lavando-me a alma, não mais solitária.



Leon acordou sentindo-se meio estranho e um tanto emocionado, pois era a primeira vez que tinha este sonho e se lembrava de cada detalhe dele. Por um momento, teve vontade de chorar, num misto de alegria e saudade. Depois, entrou no chuveiro e se preparou para trabalhar.

Naquela terça-feira, Salete trabalhou desde cedo e agora, depois de ter almoçado no *shopping* ali perto, atravessava a praça das Nações despreocupadamente, indo na direção do consultório. Começava uma linda tarde ensolarada. Parou por uns momentos para apreciar as bijuterias de um artesão que as confeccionava ali, diante do freguês, em pleno jardim da praça. Era um trabalho bonito e delicado que exigia muita habilidade. Bonito de se ver. Em seguida, continuou caminhando entre as pessoas que também aproveitavam a hora do almoço e o início da tarde e ali passavam e passeavam ao sol do meio-dia. De repente, ela foi parada por uma cigana, que lhe segurou firmemente o braço. Instintivamente Salete se afastou, assustada, dando um passo para trás.

- *Não tenhas medo, mulher! Só tenho umas coisas para te dizer...*

- Eu não quero saber de nada. Deixe-me! Eu não acredito em adivinhações.

- Mas eu preciso te falar! Os Deuses me mandaram te dizer umas coisas e é preciso que as guarde bem. Não esqueças, pois é muito importante. Pega uma caneta e papel para anotar. Não podes esquecer, é muito importante o que vou te dizer.

Salete não conseguia sair do lugar e nem tirar os olhos dos da cigana, como se estivesse hipnotizada. Estava congelada diante da mulher, e não conseguia e nem ousava contestar as palavras dela, mesmo que o seu lado racional estivesse gritando para fugir.

- Anda, me obedece! Não tenho tempo para ficar esperando. Presta bem atenção e anota tudo!

Como se fosse um autômato, abriu a bolsa e retirou um pequeno bloco de anotações, uma caneta e, tremendo toda, rabiscou como pôde o recado da cigana, obedecendo mais por medo do que por qualquer outro motivo.

"- Se aproxima a hora da reviravolta. Vais chorar de tristeza pela dor de alguém que amas muito. A morte vai passar por ti e pelos teus sem alcançar seu intento. A tua felicidade chegará por uma porta que já conheces.

Vais descobrir que não conhecias o que era teu conhecido!

Com o raciocínio paralisado de medo, Salete escrevia aos garranchos, repetindo cada palavra no cérebro como se fosse ditada a fogo. Tremia inteira, desejando que a cigana fosse embora logo e a deixasse em paz. Respirou fundo e conseguiu lhe dizer, sem muita convicção:

- Isso que você está me dizendo não tem lógica nenhuma. Não tem pé nem cabeça. Vá andando, que eu preciso ir embora. Deixe-me!

A cigana olhava fixamente o seu rosto, fitando os seus olhos, ignorando cada palavra do que Salete conseguia lhe balbuciar, e repetiu a mensagem para que ela, que suava frio, pudesse guardar também na memória. Apesar do medo e por algum mistério, no íntimo ela sentiu que aquilo iria mesmo acontecer com ela. Por isso, sentia que realmente precisava memorizar cada palavra para não esquecer e conferir depois, quando fosse passar a limpo os garranchos, que nem ela conseguia entender direito agora, quanto mais dali a um tempo. Tudo isso passou por sua cabeça em alta velocidade.

E a cigana ainda falou:

- Antes de ir, preciso ainda te entregar esta moeda.

Tirou uma moeda de um centavo de dólar de uma sacolinha, que trazia amarrada à cintura, e continuou a falar:

- O teu destino tomará o rumo da felicidade quando receberes das mãos de um homem uma moeda igual a esta. Ele é o homem da tua vida, do teu destino. Aí, só a morte os separará. Toma, é tua. Guarda.

Salete ficou olhando a moeda dourada que a cigana depositou na palma de sua mão por uns instantes e, quando levantou a cabeça, a mulher tinha sumido como por encanto. Assim como chegou, desapareceu, deixando Salete paralisada de espanto e medo, com as palavras martelando-lhe a cabeça. Caminhou rapidamente até o consultório, ainda tremendo, com as pernas bambas, e conferiu e rememorou cada palavra, escrevendo-as novamente para não esquecer. Em seguida, examinou a pequena moeda de metal dourado entre os dedos e colocou-a dentro de um envelope junto com as anotações. Colocou tudo na bolsa e foi pegar um copo d água para se acalmar. Recostou-se na

cadeira por um momento, já que só teria paciente dali a meia hora, o que lhe daria tempo para se refazer daquela loucura toda.

- Que loucura! - falou alto, para si mesma.

No escritório de advocacia, as amigas deram uma pausa no trabalho para um café e conversavam.

- A Deise não se comunicou mais, Ângela? - perguntou Néli, enquanto se servia de café.

- Não, acho que ela "captou" a nossa conversa e viu que não iria adiantar passar seus avisos e, então, achou melhor se calar.

Apesar de Ângela falar brincando, Néli não resistiu ao comentário.

- Nossa! Parece que quem se aborreceu com isso tudo foi você.

- Não, é claro que não. É que, realmente, ela deve estar ainda no Peru e possivelmente em algum lugar isolado.

- Ângela, você acredita mesmo nessas coisas que a Deise fala? - perguntou Marta.

- Eu acredito, sim, porque sei que ela se dedica de verdade aos estudos. Leva muito a sério a sua mediunidade, paranormalidade e todos os fenômenos dessa natureza referentes ao assunto espiritualidade, mas acho que tudo deve ser bem analisado, muito estudado, para se distinguir o verdadeiro do falso, ver se tem lógica e coerência para depois seguir algum conselho ou seja lá o que for. Isso serve para qualquer coisa, não é mesmo?

- É por isso que você está tão certa de que alguma coisa está por acontecer?

- Sim, eu senti um arrepio muito forte, uma leve tontura na hora, e principalmente, pela confiança que deposito nos conhecimentos de Deise. Respeito muito o seu trabalho pela seriedade, honestidade e profundidade com que se dedica a ele, e, é claro, não acreditaria tão rápido se esse aviso viesse de outra pessoa qualquer, entende?

- Não me leve a mal, Ângela, mas eu acho que misticismo, sobrenatural, Espíritos são coisas de gente excêntrica. Gente que anda em trilho diferente, que quer chamar a atenção de alguma forma. Aí, vê energia em tudo, vê o bem ou o mal numa pedra ou numa

planta, sei lá. Eu não consigo. Talvez porque tenha muito medo daquilo que não conheço. Eu não chego a ser apavorada, só não creio e nem quero crer, e não gosto nada dessa conversa. Dá-me arrepios e isso basta. Mas isso não impede de eu gostar muito da Deise, como amiga. Ela com a crença dela, e eu com a minha descrença e pronto.

- Não é bem assim que se deve analisar a questão. As coisas do mundo devem ser respeitadas; uma planta ou uma pedra não fazem mal a ninguém. É criação Divina. Quem faz mal ao homem é o próprio homem, quando o coração transborda de orgulho, de inveja, ciúme, maldade e ódio. Quanto a essas pessoas que estudam de verdade esses assuntos, esses fenômenos em busca de respostas, merecem de nós todo o nosso respeito e admiração. E olha que há muitos, espalhados pelo mundo todo e que, na sua grande maioria ou muitos deles, são ilustres doutores cientistas. São pessoas idôneas em busca de respostas para as suas indagações e autoconhecimento. Você está confundindo com charlatões que saem toda a semana nos jornais, colocando anúncios até em postes, prometendo resolver qualquer problema, ou na página policial quando são presos. Esses realmente não sabem nada, só sabem

enganar para roubar, iludindo os incautos. São, na maioria, pessoas sem escrúpulos, Espíritos ignorantes ainda, sem responsabilidade perante si mesmos e seus semelhantes. Na verdade, são dignos de pena, pois vão ter que acertar contas por isso. E não se pode acreditar neles, mesmo.

- Talvez você tenha razão. Eu tenho o meu lado místico ou sensitivo bloqueado e nem gosto de conversar sobre esses assuntos, como já falei. É que o sobrenatural me assusta desde criança, então fica difícil aceitar um recado de alerta assim, à queima-roupa, só com duas ou três palavras, que não me dizem nada. Para mim, é necessário mais um pouco. Mais consistência. Quanto a ter pena desses que enganam os menos avisados, é um pouco demais, amiga; para mim eles precisam é ir para a cadeia mesmo.

- É, a gente crê ou a gente não crê; para esses assuntos não tem meio termo, é uma questão de estágio evolutivo. E não existe nada sobrenatural, tudo é natural, mas essa é uma conversa para horas e horas. Vamos ao trabalho?

- Ao trabalho! Ufa! Até que enfim.

Néli nem quis entrar na conversa das duas. Ela

era daquelas que não desacreditava em nada, tudo era possível, mas tinha lá seus cuidados e desconfianças. Preferia só ouvir.

No dia seguinte, Marta entrou na sala toda contente, e foi logo dizendo:

- Oi, garotas, fui convidada para uma festa, mas infelizmente não posso convidá-las porque estarei acompanhando um convidado. É o casamento da prima da minha cunhada, a noiva do meu irmão. Vou acompanhar um primo dela. Cá entre nós, acho que a minha família está querendo me casar. Não é o máximo? Mas vão continuar querendo, pois vou pelo programa e não pela companhia. Vai ter jantar, conjunto ao vivo e, é claro, uma companhia que ouvi dizer ser bem simpática. Vocês acham que vou perder uma boca dessas? Mas quanto a casamento para mim... Estou fora.

- Não vá de branco, que é deselegante. Só quem deve estar de branco e chamar a atenção é a noiva, você sabe - falou Néli, toda empolgada, como se também fosse convidada. - Vá com um vestido cor prata ou cobre. Os metais estão na moda novamente e tenho

certeza de que vai ficar "chiquíssimo". Vá por mim, amiga.

- Prata até pode ser, mas cobre é meio "cheguei", não?

- Não para quem tem cabelos negros e longos como os seus. Você vai arrasar. A noiva que cuide e segure bem o noivo, e principalmente não confie em quem diz que não quer saber de casamento outra vez.

As três amigas caíram na gargalhada e ficaram jogando conversa fora, ainda por um bom tempo. Ângela e Néli procuravam não lembrar do aviso da Deise, mas a expressão FESTA, CUIDADO!, não saíam da cabeça, ainda mais, diante de Marta, que tinha horror a esses assuntos e não iriam estragar a sua alegria. Preferiram não lembrar do aviso.

* * *

Ângela entrou no apartamento e, ao se dirigir ao quarto, viu que tinha uma mensagem no fax. Foi até lá e teve um pressentimento que era da Deise. O recado dizia:

"Ângela, voltarei dia dezoito, antes do aniversário da Salete. Não trago boas notícias sobre aquele assun-

to. Aguarde-me sem comentar nada com ninguém. Fui avisada que as garotas não acreditaram e que não devo comentar mais nada com elas. Um beijo cheio de saudade, Deise."

Ângela ficou um tempo ali, lendo e relendo aquele papel. Um arrepio correu pela espinha dorsal fazendo-a acordar e correr para o chuveiro, tomar um banho demorado para aliviar a tensão. Terminava de se vestir quando Luiz Alfredo veio buscá-la.

- Meu amor, você precisa marcar nosso casamento logo; esse vai e vem já está me cansando.

- Só por isso você quer casar? - perguntou Ângela, provocando-o, meio, rindo, meio séria.

- Ora, você sabe que não, meu amor. Você é quem está sempre adiando.

Chegaram até o carro e ela trocou de assunto, evitando mais uma vez falar de casamento com Luiz Alfredo. Não sabia como dizer isso, mas cada dia que passava, tinha mais certeza de não querer mais casar com ele, e isso a estava constrangendo. Na casa de Néli e Álvaro, todos foram chegando e os rapazes foram se acomodando na sala diante da televisão, enquanto

na cozinha, Ângela não conseguiu esconder de Néli o outro recado de Deise.

- Não pense em coisa ruim que atrai coisa ruim. Vamos nos divertir, esqueça tudo isso pelo menos hoje, senão você não relaxa. Ela mesma, não disse para não comentar? Ajude-me com os sanduíches, que a pipoca já está pronta. Mais tarde a gente pede uma pizza. A Marta vai trazer uma sobremesa.

- Bem que ela poderia trazer sorvete.

- É bem provável que sim.

Salete veio acompanhada de Janete, que apresentou o novo namorado, Nelson. E todos conversaram pouco animados, pouco à vontade, até começar o jogo, quando ficaram atentos à televisão, um pouco mais do que de costume, talvez porque, naquele dia, tinha alguém novo na turma. Sem saber por que, Nelson os deixava constrangidos. Depois que pediram a pizza e comeram, todos resolveram ir para casa.

- Foi impressão, ou Nelson não agradou mesmo?

- Sei lá, parece que não. Quando ele está junto, não é a mesma turma.

Todos se despediram rapidamente e se dirigiram aos seus carros.

- Eu estou notando uma diferença em você de uns tempos para cá. Você não é mais a mesma, Ângela. Parece que cansou de mim. A nossa relação está se desgastando ou é impressão minha? - Luiz Alfredo falava sério, enquanto dirigia, com os olhos pregados no trânsito.

- Não sei o que está havendo comigo, mas você tem razão. Eu me sinto diferente de uns tempos para cá. Eu gosto de você, mas parece que não é a mesma coisa.

- Você desistiu do nosso casamento? Cansou de mim, é isso? Está apaixonada por alguém? Prefiro a verdade por pior que seja, você sabe disso. O que houve? - perguntou, visivelmente nervoso, já começando a ficar um pouco alterado.

- Não sei o que está acontecendo, ou melhor, sei e não sei.

- Como assim, sei e não sei?! Que conversa é essa, sem pé nem cabeça? Fala a verdade, Ângela: você tem alguém?

Eles chegaram na casa dela e olhavam um para o outro, de pé, no meio da sala, muito constrangidos com a situação um tanto confusa para Ângela explicar e, naquela hora, mais que nunca, sentia uma saudade imensa dele, do seu amado João Marcos. Como gostaria de estar longe dali e principalmente longe de Luiz Alfredo. Não queria magoá-lo, queria não precisar explicar nada, não dizer nada, deixar assim, e ele misteriosamente entendesse na "boa". Até que finalmente ela falou:

- Acho melhor a gente se afastar, dar um tempo; eu mesma preciso me entender, e conseguir lhe explicar.

- Mas como "conseguir me explicar"? Que loucura é essa? Você arrumou outro e não sabe como me dizer, é isso? Diga-me! Eu aguento, só não quero ser enganado. Poupe-me desse constrangimento!

- Não é bem assim, não existe ninguém, pelo menos ninguém real de verdade, entende?

- O que você quer dizer com alguém real? Arrumou um namorado virtual, na *internet*?

- Me deixe explicar, tenha calma, é muito confuso para mim também...

- Eu imagino...

- Eu não estou lhe enganando. Eu nunca faria isso com você...

- Não venha com aquela conversa de que eu sou seu melhor amigo... Que eu mereço alguém melhor que você, etc... Prefiro não ouvir. É humilhante!

- Não! Deixe-me lhe falar agora. Já que chegamos até aqui, deixe eu lhe explicar. É melhor resolver tudo neste momento. De uns tempos para cá, eu sinto a presença invisível de alguém que já foi, ou melhor, é um grande amor meu. Um amor que vem da eternidade, e corre para a eternidade... Por toda a eternidade...

Ele, a interrompeu, visivelmente desesperado:

- Eu não estou acreditando no que estou ouvindo! Nunca ouvi falar de um fora de noivado tão criativo, tão elaborado. Ou se não for isso, você enlouqueceu e eu não me dei conta, não percebi. Que tristeza, meu Deus!

- Espere, tenha paciência; eu vou explicar melhor... Se eu conseguir. Eu sonho, é um sonho quase real, e me vejo em vidas passadas com alguém a quem amei muito, que ainda amo intensamente e que estou

prestes a encontrar outra vez. Eu tenho certeza, eu sinto. Eu acredito nisso, só não sabia como lhe contar; não é fácil, por isso lhe peço, em nome da nossa amizade tão bonita, que você aceite terminar o noivado, sem deixar de ser meu amigo, por favor.

- Olha, estou achando tudo isso um disparate, confuso demais; realmente, vou me afastar, preciso me afastar disso tudo e de você que eu amo muito ainda, até porque realmente sinto que a nossa relação está por demais desgastada. Quero guardar só as coisas boas de nosso envolvimento. Não tenho capacidade para entender essa conversa. E acho que nem quero, pelo menos neste momento, e se é assim que você também quer, estamos terminados. Talvez você esteja certa; se é para parar, que seja por aqui, assim, rapidamente. Adeus!

- E saiu ligeiro, sem acreditar que tinha havido entre eles aquela conversa sem pé nem cabeça. Chegou a achar que era um pesadelo o que estava vivendo. Caminhou durante horas, com lágrimas escorrendo no rosto gelado, pelo frio da madrugada. Andou sem rumo quase até o amanhecer, antes de voltar para casa, totalmente arrasado.

Ângela se sentia dividida entre a alegria da liberdade e a tristeza de magoar Luiz Alfredo, grande companheiro de tanto tempo. Mas era melhor assim. Chorou de tristeza por tudo ter terminado desse jeito e deixado o rapaz magoado, mas no fundo sentia um grande alívio. Aquele noivado não podia continuar ali-cerçado na ausência de amor, numa acomodação sem sentido. Pretendia esperar de verdade o seu amor por João Marcos, agora mais do que nunca, sem esconder isso de ninguém e sem empecilho nenhum.

Quando as amigas souberam que eles haviam terminado o noivado, ficaram tristes pelos dois, mas compreenderam que Ângela tinha seus motivos e elas tinham que respeitar. Ela não o amava mais, e no coração não se manda.

No final de semana, à noite, Álvaro veio com a notícia de que Luiz Alfredo deixou o emprego e resolveu viajar por uns tempos, deixando um abraço para todos.

Alguns dias depois, quase no final do expediente, Marta rodopiava entre as amigas esperando a aprovação do traje que usaria no casamento. Era de um

tecido prateado escuro, quase um tom grafite, com caimento perfeito, muito bonito e, é claro, passou pela aprovação de todas, que torciam para que ela se entendesse com o acompanhante da festa

- Pelo menos, você pode nos dizer o nome do seu acompanhante, Marta?

- É Mauro, aquele bonitão da bolsa de valores que eu conheci no aniversário da minha cunhada, aliás, foi a última festa em que eu fui. Ele é um pouco tímido, mas é muito charmoso. Lembram que contei que dancei com ele a festa inteira, mas no dia seguinte ele viajou e a gente não se viu mais e nem telefonou? Já o tinha até esquecido quando o reencontrei por acaso. A surpresa veio quando descobrimos que ele é primo de minha cunhada, a noiva do meu irmão, e é a pessoa que eles estavam combinando de me fazer par no casamento. Pode uma coisa dessas? Agora a família inteira está torcendo por nós, sabem como é, não?

- Não me lembro disso, não, e muito menos de você ter contado que ele era bonitão.

- Escondendo o bonitão das amigas, garota? Por que não falou logo que não adiantava ficar de olho,

que já tinha dono. Daí, a gente... Sabe como é... Maneirava. Ou você queria escondê-lo "entre parentes"?

- Cruzes, que trocadilho infame!

- Realmente, mas não resisti.

- Acalmem-se garotas! Até porque, o meu interesse é parcial, ou seja, nada sério. Uma saída de vez em quando, uma vez ou outra, está de bom tamanho. Ele também é divorciado e também tem uma filha, já viu, não é?

- Entendi. Os dois têm medo de compromisso. Talvez de juntar as filhas e não dar certo...

- Quem falou em compromisso? Eu quero é "ficar" não é o que está na moda? Vamos jantar, ao cinema, ao teatro etc... Etc... E depois, cada um na sua caminha, na sua casinha e com a sua filhinha - falou Marta, enquanto saía pela porta, deixando Ângela e Néli sozinhas, pensativas e com um sorriso nos lábios. Depois de um tempo quietas, Néli resolveu tocar num assunto que a incomodava desde o dia em que se reuniram para o futebol.

- Ângela, o que você achou do namorado da Janete?

- Não sei, não. Alguma coisa nele não me faz bem. Deise diria que é a aura dele.

- Sabe que também achei? E o Álvaro também não gostou nada dele. Disse até que ele não é simpático, não combina com a nossa turma e que, apesar de tudo, ele ainda prefere o Jorge, ciumento, mas sincero. Nelson é muito perfeito, mas artificial.

- Também o achei esquisito, forçado. Parece que estuda cada palavra que fala, para ver a reação das pessoas. É cheio de reticências. E não perde a chance de mostrar seu *status*. Está sempre falando do seu carrão e de outros que já teve e os que ainda terá. Da sua casa de praia e etc. Sem querer ser preconceituosa, mas já o sendo, ele não combina com a gente, com a nossa turma, e pior, não parece ser o que quer demonstrar.

- É isso mesmo. Ele não combina com a nossa turma. Eu notei que ninguém ficou à vontade com ele. Até a conversa ficou esquisita.

E as duas ficaram trocando impressões a respeito do Nelson. Não era fofoca, era uma opinião colocada a respeito de uma pessoa que entrou para a turma, causando certo desconforto.

* * *

Na frente da igreja, Leon ajeitava a gravata do amigo Mauro, que iria fazer par com Marta e estava muito nervoso.

- Calma, não é você que vai casar...

- Graças a Deus! Nem quero pensar nisso.

- Pôxa, o seu casamento lhe deixou traumas profundos, hein, amigo? Relaxe. Já está na hora de começar a olhar a vida com outros olhos. Se fosse assim, tantos não casavam tantas vezes.

- Prefiro não arriscar... Olha, a Marta está chegando.

- Gentilmente, Mauro abriu a porta do táxi e segurou o braço de Marta, que se derreteu toda com a gentileza, tão pouco comum nos dias de hoje, e pensou o quanto ele era gentil.

- Marta, esse é meu amigo Leon. Leon, esta é a Marta.

- É um prazer conhecê-la, Marta. Mauro não gerou quando disse que você era muito bonita.

- Assim vocês me encabulam.

Leon se despediu dos dois e foi ao cinema, como

tinha programado, enquanto Mauro e Marta entravam para assistir à cerimônia, que estava prestes a começar.

Naquela noite, Leon sonhou novamente que era um padre de meia-idade, um monge de um antigo mosteiro. Estava muito frio, e o inverno parecia pior do que sempre. Ele colocava os pratos na longa mesa de madeira rústica, onde serviria a sopa para os outros irmãos, quando ouviu a trava da porta lateral bater com insistência. Olhou para o irmão Turíbio e este lhe fez sinal com a cabeça para ir atender. Era um grupo de refugiados da guerra que acontecia perto dali, procurando abrigo, sob a liderança de uma mulher não muito jovem, alta e magra, de expressão sofrida e olhar doce, que os conduzia com extremo carinho e cuidados, já que estavam enfraquecidos e feridos. Ao atender à porta, ele levou um choque ao encontrar os olhos daquela mulher diante de si, pois a reconheceu imediatamente e também foi reconhecido por ela. Estremeceram juntos, misturando, por segundos, velhos e comoventes sentimentos. Ela era o seu sempre sonhado e presente amor. Ele a olhou uma única vez, ali na porta daquele mosteiro, por inesquecíveis segun-

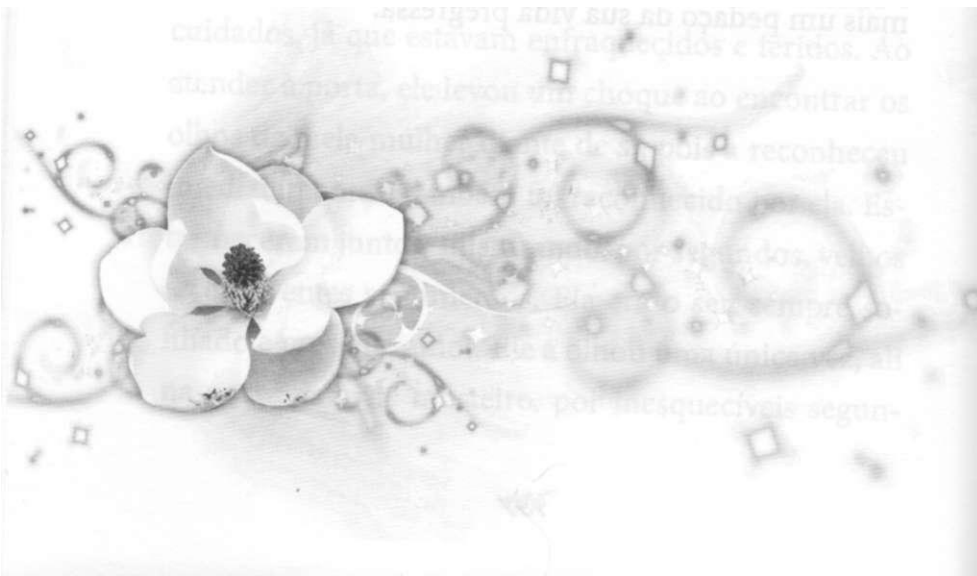
dos, mas reconheceu-a, viu nos seus olhos, e agora, mais do que nunca, orava agradecendo a Deus, que a tinha trazido até ele antes da sua morte para o mundo. Isso queria dizer que tinha sido perdoado pelo seu ato desesperado, tinha resgatado o seu equívoco. Seu sofrimento não tinha sido em vão. Aprendera a lição, agora era hora de orar e ter esperança de encontrá-la noutra vida. Se Deus o permitisse, na próxima.

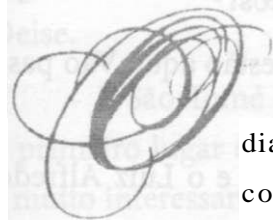
Leon acordou mais nostálgico do que nunca ao relembrar, ali, que ficaram mais de cem anos afastados sem se encontrarem, até que resgatassem, perante Deus, o seu desatinado ato suicida. O afastamento de ambos era inevitável para que atingissem a sublimação desse amor.

Leon acordou com a certeza de que aquele era mais um pedaço da sua vida pregressa.

Capítulo 9

O CRIME





dia dezoito finalmente chegou, e com ele o esperado aniversário de Salete. A noite seria perfeita em todos os seus detalhes. A decoração, as flores, tudo fora tão cuidadosamente planejado, que nada daria errado naquela festa.

Deise chegou de viagem logo cedo e foi direto para o seu consultório/loja. Mais tarde foi encontrar as amigas para almoçarem no *shopping*, e contarem as novidades. Passava das doze e trinta, quando todas se sentaram à mesa, após se servirem. Falavam todas ao mesmo tempo querendo saber da viagem, as fotos, o que ela achou de tudo, o que viu. Ângela não conseguia segurar a ansiedade. Ela queria saber mais do que a viagem, ela queria saber do aviso, mas as amigas nem queriam tocar no assunto. Procurava nos olhos de Deise, que os desviava de propósito, não querendo entrar no assunto, ali, agora. Não estava nem a fim de comer, mas, para disfarçar,

serviu-se de uma saladinha. Todas falavam ao mesmo tempo.

- E aí, nos conte sobre a viagem. Como foi, correu tudo bem, mesmo? Trouxe fotos?

- Calma, meninas, as fotos estão aqui. Vão passando, e quais são as novidades?

- A novidade é que a Ângela e o Luiz Alfredo terminaram.

- Terminaram? Conte-me, Ângela, por que não me disse? A gente se comunicou algumas vezes... Se bem que eu é que me comunicava e sempre rapidamente.

- Depois eu lhe conto em detalhes, agora queremos saber das suas novidades - falou Ângela, com o olhar inquieto e apreensivo.

- Foi maravilhosa a expedição, andamos por lugares espetacularmente ma-ra-vi-lho-sos. Olhem as fotos, imaginem isso ao vivo e a cores. Trouxe mais de duzentas fotos. Vão olhando, mas me digam, já está tudo pronto para a festa da Salete?

Todas falavam várias coisas ao mesmo tempo, como é comum entre as mulheres, e o mais interessante, é que todas se entendiam.

- Está sim, cada detalhe foi visto e revisto. Sabe como são perfeccionistas, as nossas amigas. Vai ter cardápio especial, música ao vivo e tudo... Mas que lugar é este? - perguntou Néli, mostrando a foto a Deise.

- É São Tomé das Letras, em Minas Gerais. Foi o primeiro lugar que visitamos. É um lugar pequeno e muito interessante, a maioria das construções é feita com pedras daquela região. A energia é maravilhosa, mas só ficamos dois dias para recolher depoimentos de moradores que teriam visto discos voadores, *Ovnis* e, depois, fomos visitando algumas cidades históricas para comprar pedras.

- Que pedras? Para que comprar pedras? Vocês não foram meditar?

- Ora, não seja desligada, Marta. As pedras são para a minha loja. São as conhecidas pedras brasileiras, minha querida, tão apreciadas pelos estrangeiros.

- Eu sei, tenho algumas...

- E do Peru, você gostou? É bonito?

- É lindo! Muito colorido, os maravilhosos trajes típicos são muito coloridos e tecidos artesanalmente. Muito interessantes; olhem as fotos.

E ali ficaram entretidas, conversando sobre a viagem durante o almoço e mais um pouco, sem tocarem no assunto que realmente interessava a Ângela. Parecia até que as amigas haviam esquecido o aviso ou preferiam ignorá-lo para poderem se divertir com tranquilidade. E era isso que ela também iria fazer daqui para a frente: ignorar o assunto. Iria se divertir como as amigas, mesmo porque, nada havia a ser feito. Agora, todas conversavam e se divertiam como um bando de colegas, no *shopping*, tentando combinar mais uns detalhes para logo à noite, já que não voltariam ao escritório. Dali, elas iriam direto para o salão arrumar o cabelo, e só se encontrariam outra vez, na festa.

De repente, Deise, angustiada por demais, com a voz fraca e bem baixa, resolveu tocar no assunto que a preocupava, perguntando outra vez:

- E a festa, tudo bem?
- Tudo pronto, já disse.
- É que eu estou preocupada de verdade; se pudesse, nem iria.
- Fico arrepiada quando penso na possibilidade de perigo para todos nós, só que ninguém quer tocar nesse assunto - falou Ângela baixinho, mais para

si mesma, enquanto observava atentamente uma fotografia, na realidade, sem vê-la, mas foi ouvida por Marta que, sentada ao seu lado, examinava uma pedra rosada que ganhara e respondeu:

- Nem me lembre daquele aviso, Ângela. Tenho muito medo desse tipo de conversa, que só atrai coisa ruim. Eu vou à festa assim mesmo, com o meu novo namorado, o Mauro, e tenho certeza de que nada de ruim vai acontecer. Pensamento positivo é comigo mesmo.

- Isso mesmo, Marta, pensamento positivo! - exclamou Salete, demonstrando um pouco de contrariedade. E continuou: - Até parece que vocês querem boicotar a minha festa. Se não quiserem ir, fiquem à vontade, mas deixem os outros se divertirem, ora.

- Está bem, está bem, esqueça. Não vamos estragar a festa e muito menos a nossa amizade por causa disso - desculpou-se Deise, um pouco constrangida.

- Está bem, esqueça. E você, Marta, conte-nos então como é o seu novo namorado, o Mauro. Não é esse o nome dele?

- A Marta arrumou um namorado, mesmo? Pois me contem a novidade - pediu Deise, cheia de

curiosidade, olhando nos olhos de Ângela e mudando de assunto rapidamente, dando a entender para a amiga que depois falaria com ela.

- Gente, estou namorando um homem de verdade! Um homem gentil, elegante, e também tem uma filha.

- Mas se ele já foi casado, está separado ou é viúvo?

- Ele é viúvo. Foi casado com uma mulher daquelas extremamente ciumentas, pegajosa e parece que fez tantas que acabou morrendo.

- Como assim?

- Ela fazia chantagem o tempo todo. Sabem, "mulheres que amam demais"? Era a própria. Totalmente insegura, sempre ameaçava se suicidar, o que algumas vezes forjou, para sensibilizá-lo; só que um dia não deu certo. Ela era doente, digna de piedade.

- É sim, o ciúme é uma doença. Precisa de tratamento, senão vira um drama ou uma tragédia.

- E eu continuo sozinha, não arrumo ninguém.

- O que é isso, garota? Que desencanto pela vida! Nunca a ouvi falar assim; tenho certeza de que

ainda vai encontrar a sua "metade". Fala assim, porque ainda não encontrou a pessoa certa. Eu e o Álvaro, por exemplo, nos fazemos muito felizes. Sempre encontramos coisas novas, que nos dão muita alegria. Ele vive me surpreendendo, e eu a ele, claro. E olha que são quase dez anos de convivência.

- Que ótimo! Então posso ter esperanças e continuar procurando a minha cara-metade com calma, que um dia ela aparece. Espero encontrá-la nesta encarnação ainda, mas que não demore, pois o tempo passa e a idade traz rugas... - falou com certa amargura e uma pitada de humor.

As amigas sorriram do exagero de Salete.

- Eu sei que a minha "alma gêmea" anda bem perto, está me rodeando, posso senti-lo. - diz, por sua vez, Ângela.

- Lá vem a Ângela com essa conversa de novo. Parece que vive no outro mundo. Agora só fala nessa "outra" vida, nessa pessoa que ela sente e que não vê. Dá-me até arrepios. Agora, volta e meia, estamos nesse assunto sobrenatural. E o pior, é que ela acredita de verdade. Vou andando, que é melhor.

- Deixa para lá, garotas, a gente continua esse

assunto longe dela, mas depois não vá dizer que conversamos às suas costas e que você está por fora dos assuntos mais interessantes, coisa e tal...

- Interessantes para quem? Eu, hein? Meninas, eu compreendo vocês, mas ainda prefiro ficar por fora, quando o assunto for esse.

Mais tarde, na festa, que, por sinal, estava animadíssima e organizada em todos os detalhes, Marta aproveitou para apresentar Mauro.

- Vamos descer para dançar?

Deise e Ângela estavam no mezanino olhando de cima o salão.

- Antes, me conte as premonições e avisos que teve e que até agora não conseguiu me contar direito. Ainda estou angustiada, mas elas nem querem saber de nada. E esse assunto não me sai da cabeça. Acredito que seja um aviso para nós - pediu Ângela, mudando o tom e falando com seriedade.

Deise começou a explicar que as palavras apareceram diante dela entre nuvens negras de densidade negativa, como se fosse um desses luminosos de alerta acendendo e apagando.

- Num outro dia, com a ajuda dos meus companheiros, fizemos uma reunião. Então veio uma mensagem por escrito bem mais completa, que dizia mais ou menos assim:

"Todos estarão envolvidos sem querer. Tudo aponta para o lado bom, mas as aparências enganam"

Enquanto vinha essa mensagem, eu tive uma visão com imagens de homens vestidos de preto, muitos gritos e muito tumulto. Riscos de fogo corriam pelo espaço entre as pessoas. Eram imagens confusas e violentas. Todas nós chorávamos, sem entender nada do que acontecia. E desde aquele dia, sempre que eu ia meditar, a confusão se instalava na minha mente causando certo desequilíbrio. Precisei praticar uma forte concentração positiva, com a ajuda dos meus amigos, para neutralizar aquela negatividade e exorcizar essas energias que acabei captando. Agora não vejo a hora de essa festa acabar, para eu ter certeza de que me enganei. Que Deus esteja conosco e nos proteja de todo o mal.

E as duas ficaram, por um momento, pensativas e caladas, até Ângela falar:

- Bem, como realmente não podemos fazer nada, só confiar na proteção Divina, vamos descer para dançar.

Estavam começando a descer a escada, rindo descontraídas, quando ouviram, vindo da entrada do salão, um tumulto que se avolumou em poucos segundos, deixando todos paralisados e gelados de medo, inclusive elas. De onde estavam, ainda no meio da escada, assistiram com espanto a tudo o que acontecia, como se fosse a encenação de um filme ou uma peça de teatro. Um homem, todo de preto, encapuzado, e de óculos escuros, entrou empunhando uma daquelas armas poderosas, que bandido de filme costuma usar, disparando tiros para o alto e, em questão de segundos, atravessou a passos largos o salão e parou onde estavam Nelson e Janete dançando. Antes que alguém tivesse qualquer reação, o bandido atirou várias vezes contra Nelson, matando-o, estupidamente, e à queima-roupa, na frente de todos os convidados. Instintivamente, Janete se atirou sobre o corpo caído do namorado, num instinto natural de protegê-lo, mas o matador friamente deu-lhe um tiro na perna antes de sair correndo, ameaçando com a arma qualquer um que pretendesse interferir. Sem que alguém tives-

se qualquer reação, saiu do jeito que entrou: rapidamente. Em seguida, começou a gritaria e o corre-corre geral; alguns homens correram para a porta, mas não viram mais nada, só um carro grande, escuro, em disparada, na escuridão da noite.

O "segurança" que estava na entrada explicou que lá fora havia mais um homem, também todo coberto e encapuzado, que o dominou com uma arma e que nada pudera fazer, afinal, ele só estava ali controlando os penetras de festas. Mesmo porque, não portava arma e nem tinha poderes de polícia, para agir num caso desses. Se reagisse, seria o primeiro a morrer.

Janete foi levada às pressas para o hospital e naquela mesma noite foi operada para a retirada da bala que se alojara um pouco mais na lateral da coxa. Não corria nenhum risco de morte, mas precisava ficar em observação por algumas horas. Todos estavam apavorados com aquela violência e, à boca pequena, muitos achavam provável que o crime fosse a mando de Jorge, ex-marido de Janete, extremamente ciumento. Todos os presentes foram intimados a comparecer à delegacia, para prestar depoimento. A maioria dos convidados presentes, (não eram muitos) nem se deu conta direito do que realmente aconteceu dada a rapidez dos

acontecimentos. Era tudo muito estranho, misterioso e assustador.

Perguntas intrigantes corriam entre os amigos; "Quem seria, na realidade, esse namorado da Janete, e quem teria interesse em vê-lo morto? Será que Jorge chegaria a esse ponto? Teria coragem de mandar fazer uma coisa dessas: contratar um matador profissional?" Era o que todos queriam saber e se perguntavam, reunidos na sala de espera do hospital para onde foi levada Janete, mas sem obter uma resposta satisfatória ou uma explicação convincente.

As amigas não se separaram um só instante desde o acontecido. Todas choravam e se abraçavam solidárias, enquanto Deise se perguntava, a toda hora, o que ela poderia ter feito a mais, já que foi ela quem recebeu o aviso com tantos detalhes?

- De que me serve ter poderes de prever acontecimentos, se numa hora dessas não posso fazer nada para evitar?

- Você não poderia ter feito nada, Deise, principalmente porque não quiseram acreditar em você. Não pode ajudar quem não quer ser ajudado, sem falar no destino... - confortava-a Ângela.

- Mas para que servem os avisos, as premonições?

- Devem servir para ficarmos alertas e aceitar que tudo é possível e, também, porque precisamos orar e vigiar nossos atos, nossos passos e pensamentos, porque tudo pode acontecer, tudo! E também para atenuar sofrimentos vindouros.

Deise sabia de tudo isso, mas estava tão fragilizada naquele momento, que precisava ouvir de alguém para reafirmar suas convicções e se consolar.

Conversavam Ângela e Néli com ponderação, tentando acalmar a amiga, que se sentia realmente desolada com a situação.

- Vou para casa com Mauro. Se precisarem de mim, é só ligar - falou Marta, despedindo-se e desviando os olhos constrangidos e amedrontados; ela, mais do que ninguém, lembrava do aviso. Estava assustada e perplexa.

- Nós também já vamos. Janete está bem e Salete vai ficar acompanhando. Vamos todos descansar para ver se entendemos alguma coisa, de cabeça fria, de manhã... Um bom sono, se é que teremos, faz milagres. Talvez isso seja só um pesadelo - falou Néli,

sempre prática, pegando no braço de Álvaro e se despedindo.

Ângela e Deise também saíram logo em seguida, pensativas e em silêncio. As frases se repetiam como luminosos na cabeça das duas. Jorge ligou para Álvaro logo que soube do acontecido pela televisão e ficou apavorado ao saber que ele era o principal suspeito. Queria ver Janete, mas o amigo o desaconselhou.

- O que é isso, Álvaro, você acredita mesmo que eu seria capaz de uma barbaridade dessas?

- É claro que não, mas nem todas as pessoas o conhecem tão bem quanto eu. E fique certo de que, no meu depoimento, neguei veementemente tal hipótese, mas sabe como são as pessoas: algumas deixam reticências.

- Nessas horas, é que se conhece os amigos de verdade. Eu soube que Salete também depôs a meu favor. Fiquei contente em saber do depoimento dela. Pela intimidade que tínhamos, pôde garantir ao delegado que nunca levantei a mão para a irmã e que, apesar de ciumento, todos da família gostavam de mim. Isso me traz um pouco de paz. Obrigado, amigo, até qualquer hora. Qualquer novidade, me ligue.

Passaram-se alguns dias, e só se falava do crime do aniversário. A televisão e os jornais não pouparam notícias e especulações. O desânimo da turma era visível. A polícia suspeitava de Jorge e isso deixava os amigos desconcertados, já que todos gostavam muito dele e acreditavam ou queriam acreditar em sua inocência. Mas ninguém deixava de mencionar o seu ciúme exagerado, apesar dele nunca ter chegado a tocar um dedo em Janete. Ele só era escandaloso. Saíam falando e discutindo alto de lugares públicos onde ele suspeitasse que alguém estava olhando para ela, ou ela teria olhado para alguém.

Logo em seguida, ele foi detido para averiguações, mas a polícia logo o liberou, porque não tinha provas e, mesmo que fosse culpado, seria réu primário e responderia o inquérito em liberdade. Mas por onde andara Jorge na noite do crime? Teria como provar que não tivera nada com aquele assassinato? Teria um álibi? E a polícia continuou investigando.

Passaram-se quatro meses daquela noite de horror. O assunto já estava totalmente esquecido pela televisão, pelos jornais, mas não pelos amigos.

Leon e Mauro tomavam café como de costume, no *shopping*, enquanto conversavam.

- Em que pé está a investigação do crime, mais nenhuma novidade? - perguntou Leon ao amigo, que agora estava levando a sério o namoro com Marta, e se encontrava com a turma nos finais de semana.

- Parece que o tal Jorge foi chamado a depor mais uma vez, mas não conseguiram provar nada. Ele estava de plantão na clínica, mas pode ter contratado alguém, aproveitando o álibi. Depois, foi também provado que ele trocou o plantão para fazer um favor a um colega. Sorte dele, que pôde provar que foi o amigo quem pediu para trocar o plantão para adiantar em dois dias os preparativos de uma viagem que faria para um curso de aperfeiçoamento no exterior, o que pôde ser também comprovado, e não para conseguir um álibi. Sem falar que a grade de plantões é feita com antecedência. O colega até mandou uma declaração feita no consulado, inocentando Jorge. Esse tipo de coisa precisa ficar bem explicado, bem esclarecido em todos os detalhes, pois é geralmente na falha de algum depoimento que se descobre o criminoso. E as garotas não acreditam que ele seja o autor direta ou indiretamente, desse crime. Mas a complicação não fica só aí, o morto também está enrascado, pois usava documentos falsos. De quê ou de quem esse cara estava se

escondendo? Ele não pretendia se casar com a Janete?
Como ele faria isso, usando documentos falsos?

- É, você me falou que ele não se chamava Nelson. E eles, Jorge e Janete, estavam separados há muito tempo?

- Eles foram casados durante cinco ou seis anos e se separaram pelo ciúme excessivo de Jorge. Ele e Janete estão separados há mais ou menos dois anos. Nelson era muito fechado, esquisito e, às vezes, bem arrogante. Parecia estar sempre desconfiado, desconfortável, sei lá. O Álvaro e a Néli já tinham comentado que não o achavam muito simpático. Só o acharam educado, formal, artificial, e também falava pouco, o mínimo. Escolhia as palavras o tempo todo. Aliás, sempre parecia pouco à vontade. É o que podem dizer dele.

- Pôxa, então a coisa está se complicando em vez de descomplicar? E Janete, como está depois de tudo?

- Eu não sou de ficar perguntando sobre o caso a Marta, mesmo porque, o assunto não me interessa muito, mas todas as vezes que eu chego à casa de Álvaro, tem alguém contando as últimas novidades do processo e comentando o caso. Por isso, sei sobre to-

dos esses detalhes que contei. Mas a realidade é que tudo continua na mesma. Quanto a Janete, superou bem rápido e deu graças a Deus por ter-se livrado literalmente a tempo desse cara. Mas está muito preocupada com o ex-marido. Leon, eu vou levar você até lá qualquer hora para conhecer o pessoal. Você vai gostar deles. E sei que vão gostar de você. Você está precisando de amigos.

- Você não vai querer que eu "segure vela", não é? Todo mundo tem alguém...

- Mas tem gente solitária na turma também. Quem sabe você simpatiza com alguma, e posso lhe afirmar que são de verdade...

Leon fez que não entendeu a ironia e continuou:

- Trocando de assunto, e por falar nisso, fazendo de conta que não entendi a insinuação, esta noite tive outro sonho do meu passado. Mas era um sonho muito estranho e triste. Eu só via pessoas chorando entre escombros de guerra. Todos choravam, entrando e saindo de lugares semidestruídos, e não via Alminha. Eu andava por entre os escombros junto de multidões de pessoas, procurando por ela, e não a encontrava. Acordei num desespero louco, suando e com palpita-

ção. Não gostei nada desse sonho que pareceu mais um pesadelo do que sonho. Mas ao mesmo tempo, eu sabia que era naquele tempo em que eu fui feliz com a Alminha, mas era um tempo de guerra.

Mauro nada comentou, ouvindo calado. E os dois ficaram em silêncio.

- Hoje eu e a Marta vamos jantar e levar as meninas. Ela também está indo devagar na relação, pois não tem boas lembranças da outra experiência.

- É isso aí, vá em frente, meu amigo. Você já passou maus bocados. Estou com fé que desta vez tudo vai dar certo e você será muito feliz como merece.

No mesmo *shopping*, numa das mesinhas da praça de alimentação, Ângela estava pensativa, olhando o sorvete se derreter sem o tocar. Estava triste desde a noite anterior, quando sonhou que a cidadezinha onde moravam foi bombardeada e ela tinha certeza de que havia morrido sem poder se despedir do seu amor, João Marcos, que estava na guerra. Ficou profundamente triste, como se isso tivesse acontecido ontem e não numa outra vida, como acreditava. Nisso, o celular tocou e Ângela deu um pulo, voltando à realidade.

- Oi, Deise, que bom falar com você, algum problema?

- Não, tudo bem, só gostaria de conversar. Posso ir até a sua casa?

- É claro! Estou mesmo precisando conversar com alguém que me entenda, me conforte, estou tão triste hoje... Sim... Está bem, eu espero você na minha casa hoje à noite. Mas está com algum problema, algo sério?

- Não, querida, recebi uma intuição de que deveria conversar com você, pois está precisando de ajuda espiritual e, pelo jeito, não me enganei. À noite, conversamos mais, agora estou sem tempo. Está na hora de receber uma cliente, para uma consulta. Tchau.

A campainha tocou. Era Deise e trazia flores.

- Hum... Como é bom ganhar flores... Seja bem-vinda, minha amiga. Obrigada por ter vindo; preciso conversar com alguém, sim. Que bom que você está aqui.

- Agradeça aos Espíritos, minha querida, mas já faz tempo que planejamos essa conversa e nunca dava

certo, não é? Hoje, entre uma consulta e outra, recebi uma intuição assim: "procure Ângela, ela precisa de você" e agora estou aqui. É o dia certo e a hora certa, não é mesmo?

- É, parece que tudo tem hora e tempo para acontecer e tudo deve estar programado em algum lugar.

- Está tudo escrito nas estrelas, minha querida, com certeza!

Conversaram algumas amenidades e depois o assunto naturalmente foi indo na direção que Ângela queria. Conversar sobre o que estava acontecendo com ela.

- Afinal, o que anda acontecendo com você, Ângela? São aqueles sonhos regressivos, outra vez?

- Eu nem sei por onde começar. Você se lembra que já lhe contei alguns sonhos que tive, e até já quis fazer regressão; aí você me aconselhou a dar um tempo, depois aconteceram tantas coisas... E o tempo passou.

- Sim, me lembro. Eram sonhos muito interessantes, claros, verdadeiros, cheios de detalhes que lhe

causavam sensações e sentimentos muito fortes, medos sem explicações, não é isso?

- Pois é, já faz algum tempo que estou sonhando com situações verdadeiras de um passado que eu vivi realmente, e o pior, estão interferindo na minha vida atual. Até terminei com o Luiz Alfredo, como você sabe, por conta disso, porque me tornei outra pessoa. Eu sei que já vi aquelas pessoas dos sonhos, aquelas coisas, aqueles momentos e estou cada vez mais apaixonada por alguém que nem sei se existe de verdade, se é de carne e osso. Sei que se chama João Marcos ou se chamava, numa das épocas em que eu vivi com ele. Pelo menos uma foi mais marcante, porque se repete mais. E já me vi em três diferentes situações com ele. Numa vida, eu era uma moça espanhola rica, apaixonadíssima, e me preparava para a festa do meu casamento no meu quarto de dormir, diante do espelho grande, onde minha mãe cobria os meus cabelos com uma mantilha de renda sobre um pente comprido, no alto da cabeça. Morava numa pequena cidade da França que fazia divisa com a Espanha. Noutra vida, nós éramos ciganos, estávamos acampados num lugar perto do mar. E numa outra, eu fui pedir abrigo para um grupo de feridos de guerra em um mosteiro e o

vi por um segundo só, na penumbra de uma grande e pesada porta. Foi assim, numa noite muito gelada de inverno, a caminho do acampamento de feridos, onde eu era uma enfermeira e caminhava por um lugar estranho. Liderava um grupo de feridos de guerra e estava muito preocupada em abrigar aquelas pessoas. Foi então que batemos à porta daquele secular mosteiro. Eu me lembro claramente do olhar do monge que nos abriu aquela pesada porta e que me fez estremecer. Era ele! Estava muito frio, como já falei, e o nosso pequeno grupo caminhava com dificuldade na escuridão e com muito medo da guerra. Ouvíamos o assobio das bombas e, em seguida, as explosões. Um medo terrível nos consumia a todos e caminhávamos em silêncio, em busca de um abrigo. Esse eu sonhei só uma vez e foi como um *"flash"*. E vivo agora por um amor que quero encontrar e que sinto, às vezes, estar muito perto. Néli e Marta dizem que eu estou querendo, por algum motivo, fugir da realidade e por isso criei essa fantasia. Como falei, cheguei a terminar meu noivado por causa disso. Não suportava mais a convivência com Luiz Alfredo, enganando-o sem enganá-lo, propriamente. Eu estava vivendo duas histórias paralelas, que não se encontravam nunca, o que me fazia muito

infeliz. Eu só pensava e só penso no meu grande amor. O Luiz Alfredo não tem culpa, só que não fazia mais parte do meu mundo. Eu não conseguia mais continuar aquele noivado e, muito menos, me casar com ele. Eu me descobri uma outra pessoa, entende?

- Sim. Eu já estudei alguns casos como o seu. Que, por sinal, não são tão raros assim. Já li alguns livros de autores diversos, de vários lugares do mundo, depoimentos muito interessantes e sei que existem pessoas que misturam, na vida atual, várias vivências passadas, causando até perturbações psicológicas. Existem estudiosos que não aconselham a regressão, por acreditarem que, em alguns casos, em vez de ajudar na conscientização da realidade, causa perturbação se a pessoa não estiver preparada para enfrentar a realidade do que ela foi num outro momento. Irá causar mais confusão e embaraços do que trazer benefícios. O seu caso é mais comum, pois são lembranças espontâneas. Só que existem pessoas que nunca ouviram falar no assunto e levam para outro lado, com medo de que as pessoas as considerem loucas. No nosso meio, o de estudos esotéricos, todos os dias, temos conhecimento de casos novos. Por isso, cada vez me interessei mais pelos estudos da vida após a morte, pela reencarnação

e pelas coisas do ser e do Universo. Tudo faz parte de um todo que age e interage sob um comando maior que O criou. E perfeito, é lindo!

- Será que vou enlouquecer se continuar acreditando que esse amor que eu vivi em algumas encarnações, pode ser encontrado outra vez, e que o João Marcos realmente vive aqui bem perto e eu posso encontrá-lo a qualquer momento, porque é o que eu estou sentindo? E ele existe, sim. Já o vi saindo de carro do *shopping* certa vez; foi o máximo! Pena ele não ter me visto.

- Que bobagem! Ninguém enlouquece por procurar respostas para suas indagações, por abrir os olhos e conseguir ver além do que está à mostra. Por querer saber, para se inteirar melhor e cada vez mais no todo, de uma forma consciente, para se sentir parte integrada no Universo, para se sentir mergulhada na onisciência.

- Mas é tão difícil a gente se ajustar a tudo isso, convivendo com pessoas tão terra-a-terra, tão materialistas, pessoas que só pensam no aqui e agora, tão descrentes...

- É, minha amiga, é a evolução de cada um.

Chegou a sua hora de busca. Vá você, em busca do seu caminho. E ao mesmo tempo, usufrua o prazer de conviver com os que transitam no seu. E aos outros, só observe; porque de todas as atitudes se tira exemplos.

E ali ficaram as duas conversando por horas. Ângela querendo saber cada vez mais, e Deise, explicando e fazendo anotações num caderno que trouxe consigo.

- Da próxima vez, vou trazer um gravador para ficar mais rápido. Não sabia que você tinha tão ricos e preciosos detalhes. Não podemos perder nada disso.

* * *

Dias depois, à noite, Jorge saía da delegacia acompanhado de seu advogado, todo sorridente e muito aliviado. O pesadelo tinha acabado. A polícia tinha descoberto o criminoso e com ele descobriram que Nelson era perigoso chefe de uma quadrilha e, há muito, procurado pela polícia. O motivo do crime havia sido vingança.

- O que vamos fazer agora, meu grande companheiro, defensor dos fracos? - perguntou Jorge, cheio de alegria, ao seu amigo e também seu advogado.

- Vamos jantar, é claro! Estou morrendo de fome, você não está?

- E como! Estou livre e morrendo de fome. Livre! Nem acredito que o pesadelo acabou. Essa experiência vai me ensinar a conter o meu ciúme daqui para a frente. Se eu não fosse tão escandalosamente ciumento, ninguém me julgaria culpado com tanta facilidade e não teria que comprovar meus passos e meu comportamento de cada dia, desde que me separei de Janete. Puxa vida, que sufoco!

E os dois amigos foram jantar, animados com a solução do crime que envolvia o nome de Jorge como principal suspeito.

Ângela estava andando pelo *shopping*, quando levou um susto. O coração disparou e ficou pulsando na garganta quando viu, ali, um pouco mais a sua frente, João Marcos em carne e osso, andando rapidamente em direção ao cinema. Ela correu entre as pessoas e ele, a passos largos, entrou direto, já que tinha a entrada na mão. Ela estremeceu, bambeou as pernas, e um suor gelado tomou conta de todo o seu ser. Por uns segundos ficou parada na frente do cine-

ma e, em seguida, correu para a bilheteria que estava com uma pequena fila, mas suficiente para perder um tempo precioso. A fila andava vagarosamente, o que a impedia até de raciocinar direito, tamanha era a sua aflição. Imaginava que, na sala escura, teria dificuldade para enxergá-lo. Precisava acreditar que iria encontrá-lo, ainda mais agora, que o viu em carne e osso novamente; encontrá-lo pessoalmente tornou-se fundamental para sua sobrevivência. Chegou sua vez na fila e, ainda por cima, não tinha dinheiro trocado, o que fez com que demorasse mais um pouco, o que a estava irritando cada vez mais. Quando entrou, a sala já estava às escuras, o filme já havia começado e não dava para ver as fisionomias dos espectadores. Em vão tentava se concentrar no filme. Trocou de lugar várias vezes, imaginando ver a silhueta dele no escuro. Finalmente, as luzes se acenderam e ela procurou desesperadamente no meio do público o rosto tão amado. Foi em vão, pois a sala se esvaziou rapidamente e ela foi a última a sair, sem conseguir vê-lo outra vez.

Uma mistura de desilusão e esperança tomou conta dela o resto da noite. Rodou com o seu carro pelas ruas, sem rumo, não querendo ir a lugar nenhum especificamente, àquela hora tão inapropriada para

uma mulher sozinha ficar circulando, mas ela nem se deu conta disso. Só pensava no seu amor, até que resolveu ir para casa dormir.

Marta e Mauro encontraram-se com Leon na saída do cinema e foram jantar, como haviam combinado. Eles preferiram ver filmes diferentes, mas iriam jantar juntos. Ao chegarem ao restaurante, encontraram Néli, Álvaro, e as irmãs Janete e Salete e, ninguém menos que Jorge, o ex-marido, e junto com ele, o amigo, advogado Jamil, que haviam acabado de chegar. Todos resolveram se sentar juntos, apesar de não terem combinado de se encontrarem ali. Foi pura coincidência. Marta, então, apresentou Leon aos amigos. Todos simpatizaram com ele imediatamente. E Jorge apresentou o seu "salvador", o advogado Jamil, que também era muito simpático. Logo todos estavam confraternizando como velhos amigos. Em seguida, como era de se esperar, o assunto foi para o crime.

- Então, como anda o inquérito? Vocês não estão aqui juntos, com esse ar de felicidade, por acaso, não é? Ninguém sai por aí passeando com o advogado

à tiracolo, sem motivo. Qual é a novidade? - perguntou a Marta com curiosidade.

- Pois é, estamos festejando a liberdade, isso não é ótimo? Fomos chamados à delegacia agora à tarde e informados de que descobriram que Nelson, nome falso de Alaôr de Oliveira, que nunca foi a São João do Sul, estava sendo procurado pela polícia por um monte de crimes. Estelionato, falsidade ideológica e tráfico pesado de drogas.

- E como descobriram?

- Pelo carro que os bandidos usaram na noite do crime, que estava sem placas, mas pela cor, marca, e principalmente por um adesivo "bandeiroso" que estava colado um pouco abaixo do porta-malas, foi que descobriram os criminosos. O cara tinha usado o próprio carro para o delito. Ele só retirou as placas para o momento do crime e as recolocou, pois o vigia declarou que o carro estava sem placas. Mas o adesivo era muito vistoso e cintilante. Era uma caveira com uma espada sangrenta atravessada, e quando a luz dos faróis batia, parecia que a caveira ficava com olhos de fogo. Alguma coisa desse tipo. Pois bem, essa madrugada, um investigador seguia, por acaso, logo atrás do

carro do bandido, na passagem do túnel, e ficou só olhando aquela caveira, que não lhe era "desconhecida". Foi acompanhando meio cismado, querendo lembrar onde teria visto aquilo, "aquela preciosidade". Só mais tarde ele se lembrou de que ouvira o depoimento do segurança que ficou de porteiro na festa e repetia constantemente que o carro era grande, de cor preta, e descrevia essa maravilhosa decoração. Uma caveira brilhante colada abaixo do porta-malas. Ao chegar à delegacia, o investigador, conversando com o delegado, confirmou o depoimento do porteiro da festa, que tinha declarado que dois homens encapuzados, após o crime, fugiram num carro grande, preto, sem placas, tendo um adesivo com estampa de caveira com olhos de fogo, que brilhavam no escuro, colado logo abaixo do porta-malas.

O investigador voltou até o lugar onde vira o carro desaparecer na entrada de uma favela e ficou observando o movimento, e deu sorte. No meio da tarde, o sujeito apareceu, e ele o seguiu. Chamou reforço e, em seguida, seguraram o cara numa barreira um pouco à frente. Daí foi só levar o bandido para averiguações. Depois de uma conversa séria com o delegado, ele confirmou o delito e entregou todos os comparsas. Disse,

principalmente, que "apagou" Nelson/Alaôr, porque o considerava um traidor, um dedo-duro, um ladrão. Matou por uma questão de "justiça". Ele era um traidor. Tinha que pagar pelo que fizera. Roubou ponto de drogas entregando companheiros para poder tomar os pontos. Esses o juraram de morte e, mesmo presos, conseguiram se vingar. Matam-se uns aos outros o tempo todo, não teve perdão. Para aquele, o Nelson tinha que ser morto. O cara que arquitetou tudo era um ex-sócio que jurou vingança e armou tudo de dentro da cadeia mesmo. Ficou sabendo de cada passo de Nelson, com a namorada que ele arrumou fora do ambiente em que vivia (olha só o perigo que a Janete correu) e aonde iam alguém os seguia, até que souberam da festa. Iriam fazer um serviço de primeira. Falou que Nelson era um besta, pois queria sair da favela para viver entre os da "alta-roda", os grã-finos. Queria ser um "doutor", um figurão. Tinha vergonha de ser da favela.

Palavras do comparsa, despeitado com a pretensão de Nelson. Na realidade, foi briga de gangue, desentendimento entre eles e que, infelizmente, é o fim de todos aqueles que entram para o mundo do crime. Matam-se uns aos outros, é a lei deles. Depois

disso, o delegado fez o que tinha que fazer: liberou Jorge como era de se esperar, pois não tinha nada a ver com o crime e nem com aquelas pessoas. Foi mais ou menos o que aconteceu - explicou Jamil, todo animado.

- Então o bandido deu azar, porque não quis retirar a caveira para cometer o crime?

- Pois é, a caveira devia ser de estimação, símbolo do matador, sabe essas manias? A marca do poder da vida e da morte. Graças ao apego à coisas inúteis e pretensão demais, acabou dando no que deu; deixaram pistas e foram presos. A justiça tarda, mas não falha, já diz o velho ditado.

- E Jorge passou um mau bocado.

- E não deve ser fácil ser acusado de assassinato e não ter como provar naquele momento que é inocente.

- É aterrorizante! - exclamou Janete, com toda a convicção.

- E quem falou que não sou capaz de matar, hein?

- Seu bobo, você não mata nem uma mosca. Só

faz escândalo para chamar a atenção, igual a um garotinho mimado.

- Ah, mas que Jorge sabe fazer uma baixaria por ciúme, isso ele sabe - falou Álvaro, que era amigo desde os tempos de faculdade, provocando gargalhadas de todos.

- É que eu sou louco por essa mulher e perco a razão quando vejo alguém encarando-a. Mas agora eu juro que vou me conter.

A vaia e as palmas fizeram os fregueses do restaurante olharem com curiosidade por alguns momentos.

- Mas isso é uma declaração de amor alta e clara e, quem sabe, teremos uma reconciliação explícita!

- E pública! - arrematou alguém às palavras de Marta.

- E quem falou que eu quero voltar para você, seu convencido?

- E não quer? Pois eu percebi um olhar de preocupação, com medo que eu fosse para a cadeia. Seus olhos dizem que você ainda me ama. Lá, bem no fundo, você ainda me ama, confesse. Na verdade, nunca

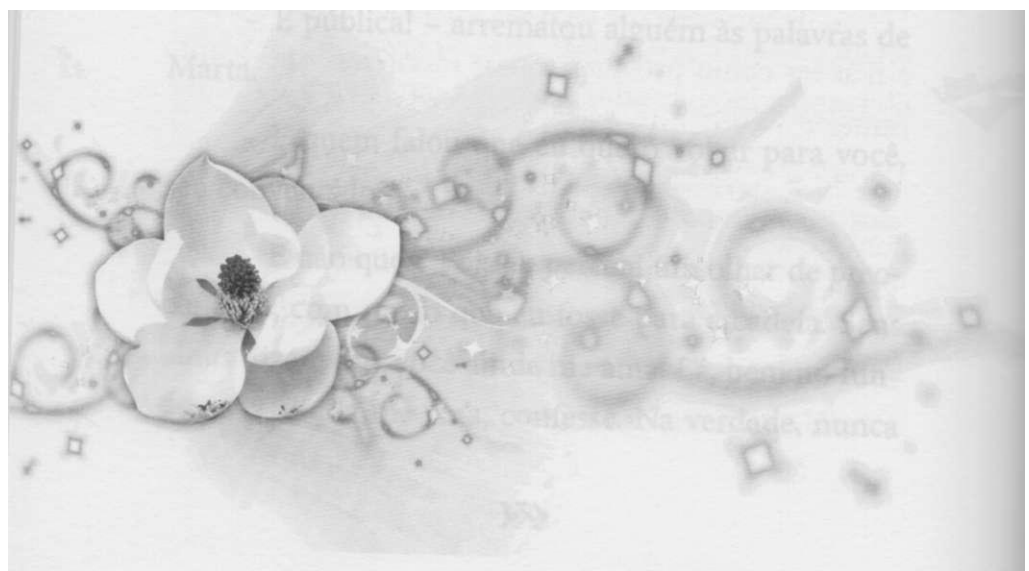
me esqueceu. Volte para mim, meu amor, eu ainda a amo como antes, mais que antes...

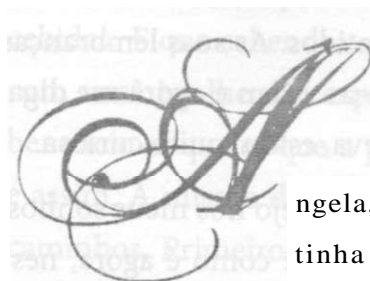
- Jorge! Assim você me deixa com vergonha... Você está nos expondo neste lugar público e diante de todos; você não tem jeito mesmo...

- Como se todos aqui não soubessem o tamanho do amor que tenho por você... - Janete olhou-o longamente no fundo dos olhos e o abraçou ali, diante de todos, e o beijou, rendendo-se ao seu amor. E foram aplaudidos por todos, entusiasticamente.

Capítulo 10

ALGUMAS EXPLICAÇÕES PARA ÂNGELA





ngela, ainda trêmula de emoção, tinha acabado de contar, naquele momento, para Deise, pelo telefone, como tinha visto o seu amor no cinema.

- Cada vez fico mais certa de que o destino se encarregará de providenciar o reencontro de vocês. É só observar como tudo se encaminha para isso, está acontecendo devagar. Vamos conversar mais algumas vezes, antes de fazermos uma regressão de fato. Provavelmente nem será necessário, pois com o tempo você vai se lembrando do que precisa lembrar e, enquanto isso, vai se inteirando do assunto, lendo livros e estudando o fenômeno. Não há nada de anormal, tudo é absolutamente normal. Teremos, com o aprendizado natural e gradativo, muito mais controle sobre nossas emoções e, com um pouco mais de compreensão, seremos menos egoístas, teremos mais amor ao próximo e então poderemos nos lembrar do que nos convém

para a vida que estamos vivendo. Quando não nos permitirmos mais ser levados pelo ódio, vingança, orgulho, paixões e mesquinhas, poderemos então viver melhor em todos os sentidos. As suas lembranças estão vindo devagar. Deixe-as virem e agora me diga: como ele é, ao vivo? Descreva, estou muito curiosa.

- Vou lhe contar como o vejo nos meus sonhos, como foi em todos os tempos, e como é agora, nessa encarnação. Para mim, ele é muito especial. Lindo! Mas eu sou suspeita, não é? Pois bem, vamos lá.

E explicou em detalhes como ela o via em todos os momentos pela eternidade.

- Uauuuuuuuü! Eu quero um desse para mim também - falou, fazendo beicinho, provocando a gargalhada de Ângela.

- Não é à toa que você corre atrás dele pela eternidade afora. É isso aí, amiga, vá em frente, em busca do seu amor. A minha inveja é saudável e eu lhe desejo toda a felicidade do mundo, você sabe.

- Obrigada, Deise, não sei o que seria de mim sem a sua ajuda. Agora estou tranquila. Pretendo ler todos os livros que você indicou para me inteirar do assunto.

- Não seja por isso, sempre que quiser, fale comigo. É sempre bom trocar ideias quando se estuda o assunto. Algumas coisas podem passar despercebidas. Fique sabendo, que o que está acontecendo com você irá lhe dar experiência para trabalhar em benefício daqueles que a procurarem futuramente. E é assim. A missão das pessoas começa por diferentes caminhos. Primeiro a gente estuda, aprende e depois ajuda os outros.

- Essa é a sua missão, ajudar as pessoas, como você faz comigo?

- Essa é a missão de todos. Como lhe falei, fazemos parte de um todo e a nossa obrigação é crescermos juntos e, para isso precisamos sempre considerar o outro como parte de nós mesmos. Como a mão que carrega o peso é ajudada instintivamente pela outra mão, não é mesmo? Assim como li certa vez, somos anjos de uma asa só, precisamos nos abraçar para conseguir voar. Só que nem todos acordaram ainda para isso e se deixam levar pelo egoísmo e, nesse caso, infelizmente o aprendizado vai ser doloroso, como sempre.

- Olhando desse jeito, parece tão simples.

- Mas é simples se olharmos da maneira certa e, principalmente, se quisermos ver.

- Não vou me esquecer desses ensinamentos. Acho que nunca aprendi tantas coisas ao mesmo tempo e de maneira tão objetiva.

- É porque você está aprendendo ao vivo e a cores, e ainda por cima coroada pelo amor. Aí tudo fica mais interessante, mais bonito, vamos dizer assim - mais colorido.

Um tempo depois, deitada em sua cama sem conseguir dormir, Ângela olhava o céu estrelado, através da ampla janela do seu quarto. Relembrava a agradável conversa que teve com a amiga um pouco antes. Mesmo não conseguindo chegar perto do seu amor, estando a poucos passos dele, sentia-se calma e tranquila. Com as explicações de Deise, sabia agora que era só uma questão de tempo, que havia possibilidades reais de encontrar novamente o seu amor. Ela agora tinha a certeza de que ele era real, ela o tinha visto, em carne e osso. Agora era só esperar, confiar no destino que lhes proporcionaria um novo encontro.

Na segunda-feira, Marta entrou pelo escritório, toda alvoroçada.

- Menina, deixe eu lhe contar a última.

- O que foi? - perguntou Ângela, já envolvida no seu trabalho.

- O Jorge foi inocentado do crime e Janete voltou com ele. Fizeram as pazes sexta-feira à noite. E por falar nisso, aonde você se meteu neste fim de semana? Desligou o celular e sumiu; por onde andou? Queríamos contar as novidades e até ficamos preocupados; fomos todos para a casa da Néli, no sábado, e festejamos até tarde. Só faltou você.

- Me conte primeiro as novidades, depois eu lhe conto por onde andei. Pode crer, não foi nada especial. Mas me conte como foi, estou curiosa. Quero saber tudo.

- Está bem, vou lhe contar tudo. Mas você anda esquisita, hein, minha amiga, o que anda fazendo?

- Bobagem, eu só fui para o litoral descansar numa pousada, e não levei o celular, só isso. Agora, me conte as novidades, eu quero saber o que aconteceu.

E Marta contou tudo, com todos os detalhes,

sem esquecer do amigo de Jorge, o advogado, que entrou para turma, o Jamil.

Depois de ouvir como tudo aconteceu, Ângela ficou meditando calada, relembrando as palavras que Deise viu durante a meditação no retiro místico. Tanto as repetiu na época, que até as decorou:

"Festa, cuidado, todos estarão envolvidos sem querer. Tudo aponta para o lado bom, mas as aparências enganam."

- Claro como água!

- O que disse, Ângela?

- Marta, o aviso de Deise! Está claro agora, lembra? *"Festa, cuidado!"* Sem comentários. *"Todos estarão envolvidos sem querer"* - todos nós fomos envolvidos, fomos testemunha ocular de um crime. Todos nós tivemos que depor e, de alguma forma fomos envolvidos, sem falar que todos nós corremos risco de morte, poderíamos ter morrido também. *"Tudo aponta para o lado bom"* - todos desconfiaram do Jorge, pessoa boníssima e de nossa estima. *"As aparências enganam"* - o Jorge pelo temperamento ciumento, estourado, tinha todas as qualificações para ser o assassino e o

morto não era o que parecia ser. Enfim, tudo esclarecido. Que bom!

- Cruz, credo! Deus me livre dessas coisas! Até me arrepiei toda. Vamos mudar de assunto, ou melhor, vamos trabalhar - falou Marta, com os olhos bem abertos!

- Como você é boba, Marta, isso tudo é simplesmente maravilhoso! O estudo que você chama de "isso", leva-nos ao autoconhecimento e à paz interior. A compreensão de muitas coisas, a compreensão da vida e finalmente o equilíbrio. É isso que tenho feito nos finais de semana; vou para o litoral, para estudar principalmente os livros de Allan Kardec, as chamadas "Obras Básicas" *.

- Sei... vamos trabalhar, então? Onde está o processo da empresa de vidros? Vamos revê-lo juntas?

Naquela noite, Leon sonhou com o seu amor diante dele na porta do mosteiro numa noite muito fria de inverno. Chegou pedindo desesperadamente ajuda para o seu grupo de refugiados e ele só se lembrava de orar muito por eles dois, pedindo a Deus per-

* *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.*

missão para uma nova vida juntos. Acordou triste e não tinha vontade de conversar.

Quando saía para o trabalho, encontrou Janete e Jorge, que foram ver, para comprar, um apartamento que, por coincidência, ficava no prédio em que morava, desde a separação com Marinalva. Encontraram-se no elevador, o que causou alegre surpresa com o encontro.

- Mas que prazer encontrá-los aqui. Estão visitando alguém ou vieram ver o apartamento para vender?

- Viemos ver o apartamento que está para vender. Você o conhece? - respondeu Jorge, amigavelmente; ele gostou muito do jeito de Leon, simpatizaram-se imediatamente quando foram apresentados na casa de Néli e Álvaro.

- Aqui é muito bom de morar. Estou há pouco tempo aqui, e estou muito satisfeito.

- Não sabíamos que você morava aqui nesse prédio. Aliás, a gente se conhece tão pouco ainda, não é? Mas não vai faltar oportunidade. Viemos ver o apartamento, sim. Resolvemos voltar com tudo novo, inclusive o apartamento. Quem sabe seremos

vizinhos e pediremos, de vez em quando, um pouco de açúcar?

- Seria ótimo! - respondeu, sorrindo.

- Deixar para trás tudo o que pertence ao passado. Vida nova, tudo novo - falou Janete, com a alegria dos apaixonados.

Aquela frase soou muito estranha aos ouvidos de Leon, principalmente naquelas noites em que sonhava com o seu amor. Para ele era impossível deixar o passado para trás. Nada fazia sentido no presente não fosse aquele mistério do passado em que ele vivia agora mergulhado, e que tinha a certeza de que o traria para o presente e era o que lhe dava ânimo para viver - a esperança de encontrar seu grande amor. Sentiu uma saudade tão intensa ao lembrar de Alma de Luz, que até ficou sem assunto de repente. Despediu-se rapidamente dos amigos dando uma desculpa qualquer e foi para o trabalho, visivelmente entristecido.

Ao chegar ao estacionamento, Jorge perguntou a Janete, enquanto abria a porta do carro, gentilmente, para ela entrar:

- Querida, você já conhecia o Leon, antes da-

quela sexta-feira em que nos reencontramos na Cantina?

- Não muito, ele é amigo do Mauro que está namorando a Marta. Só sei que se separou da mulher no começo do ano e que é meio esquisito às vezes.

- Esquisito como? - perguntou Jorge, enquanto manobrava para sair dali.

- Ah, não sei, Jorge, ele muda de humor de repente, não viu? Ainda bem que Marta já tinha falado como ele era; parece que às vezes fica deprimido, sei lá. Eu adorei o apartamento, mas não é bom olhar mais algum? Se bem que até agora este foi o de que mais gostei. Principalmente porque tem banheira.

- Está bem, vamos ver aquele outro perto do *shopping*. Se a gente não gostar, ficaremos com este mesmo. - Este foi o de que mais gostei até agora também.

- Eu tenho uma paciente daqui a quarenta minutos. Vamos deixar para mais tarde ou amanhã, amor?

- Eu também tenho que voltar para a clínica, querida. Depois a gente vai ver o outro. Vou telefonar para o corretor segurar este até a gente ver o outro.

- Está bem, você resolve isso?

- Sim, deixe comigo. Vou ligar assim que chegar.

Mauro achou Leon um pouco estranho ao vê-lo chegar com o cenho franzido.

- Aconteceu alguma coisa?

- Nada, tudo bem...

Mauro achou mais estranha ainda a resposta lacônica, e voltou a perguntar:

- O que foi, está doente, ou teve sonhos do passado outra vez? Não quer falar sobre isso, não confia mais no seu amigo aqui?

Por incrível que pareça, Mauro agora estava tão envolvido com a "outra vida" de Leon, que até gostava de ouvir os sonhos fantásticos como se fosse um seriado de televisão e, no íntimo, queria saber se realmente o amigo encontraria a sua alma gêmea. No fundo torcia por isso, mesmo não acreditando, nem entendendo "desses assuntos".

- Não. Não é bem isso. Estou procurando não aborrecê-lo com os meus problemas, pois já o incomodei demais. Geralmente as pessoas não querem

saber do seu próprio passado, imagine o passado dos outros? Está tudo bem, não se preocupe. E agora você não é mais um solitário com tempo para ouvir um amigo contar seus sonhos loucos. Vamos trabalhar? Os relatórios de ontem ficaram prontos?

- O que é isso, meu amigo, está com ciúme da Marta? Continuamos sendo os amigos de sempre. Quem sabe hoje, você a vê outra vez ao vivo, nem que seja de longe, hein? Pensamento positivo, cara!

- É, talvez... Deixe para lá, vamos trabalhar que é melhor. Assim, esqueço da minha loucura um pouco.

- Talvez fosse a hora de procurar um terapeuta, um psicólogo, alguém que realmente conheça o assunto e que lhe explique por que isso acontece com você. Dizem que Deise entende muito desses assuntos e faz um trabalho sério de pesquisas e estudos. Ela é uma pessoa muito agradável.

- Mauro, por favor, não fale nem para a Marta e nem para ninguém desse meu problema até que ele se resolva. Eu não me sentiria à vontade. Eu mal os conheço e já ficarão sabendo dos meus problemas emocionais, e vão até pensar que sou meio louco.

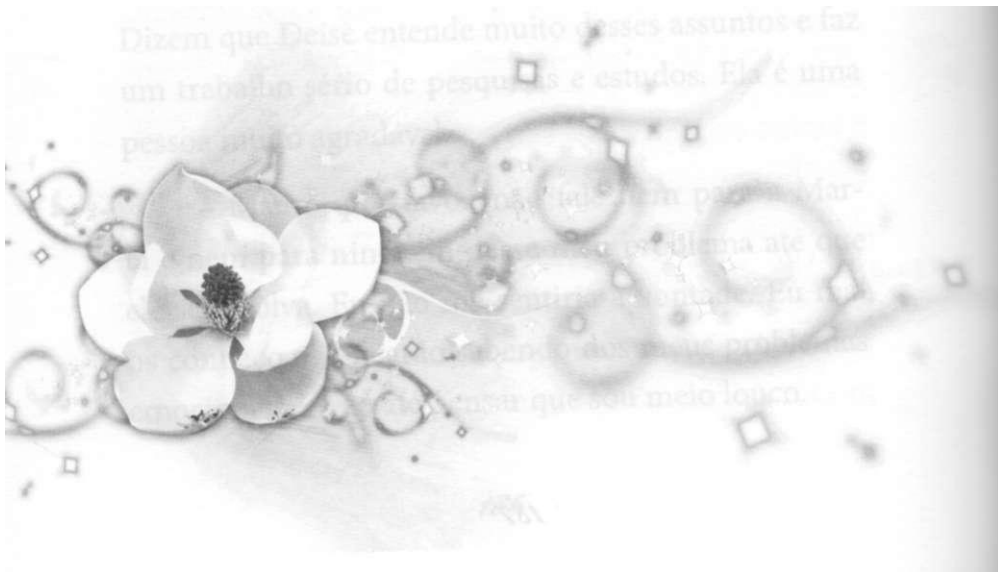
- Mas você está precisando de ajuda...

- Não, deixe para lá. Estou só um pouco triste, nada mais. Já pensei num terapeuta, mas também já desisti, acho que perderia o encanto. Devassaria demais o meu interior. Não me sinto preparado para vê-lo tão de perto, apesar de tudo. Prefiro deixar como está. Indo devagar, cada coisa no seu tempo. Cada dia a sua novidade.

E por ali parou a conversa, sem que Leon desse chance de tocar mais no assunto.

Capítulo 11

SALETE E LUIZ ALFREDO





alete passeava tranquilamente pelo *shopping* na hora do almoço, quando sentiu que alguém pegava no seu braço. Virou-se espantada e viu parado, à sua frente, Luiz Alfredo, todo sorridente. Ficou feliz em vê-lo.

- Olá, quem é vivo sempre aparece! Por onde andou todo esse tempo? Sentimos sua falta.

- Tudo bem? Desculpe pela fuga. Eu não suportaria ficar por aqui, perto de todos vocês naquele momento. Desculpe-me ir embora sem me despedir, sem falar com ninguém. Só falei com Álvaro e mandei um recado, por ele, para todos. Mas eu precisava sair rapidamente para pensar um pouco sobre toda a situação. Afastar-me de todos, que, de certa forma, se envolviam em nome da amizade e isso era a última coisa que eu queria. Agora já estou bem e completamente curado. Como vai a turma toda? Estou com saudade de todos. Não via a hora de voltar. Aquelas reuniões

em noite de futebol na casa do Álvaro e da Néli, ainda acontecem? Continua tudo como antes?

- Tudo, ou melhor, algumas coisas um tanto assustadoras aconteceram, mas vamos indo todos bem. Por onde você andou?

- Por aí; andei viajando por alguns lugares, depois visitei a minha família no interior, li muitos livros, vi muitos filmes, passeei, visitei duas tias velhinhas que moram num sítio muito bonito, tomei banho de cachoeira, andei a cavalo, não necessariamente nessa ordem, é claro. Um dia, acordei e vi que estava curado, pronto para recomeçar, morrendo de saudades de todos vocês e resolvi voltar. E quer saber? Vim ao **shopping** na esperança de encontrar alguém da turma e dei sorte. Encontrei você.

- E... Você ficou curado mesmo?

- Do "fora" da Ângela? Sim. Ser despachado de uma relação mesmo falida mexe com o nosso brio de macho, pode crer. É emoção à flor da pele vinte e quatro horas durante meses. Mas deixa para lá, agora já passou e estou curado. Conte-me as novidades. Diga-me, como estão todos?

- São muitas as novidades, mas agora não vai

dar. Tenho um paciente para daqui a pouco e preciso ir correndo para o consultório. Depois das cinco estarei livre; vá me buscar para a gente conversar e botar as novidades em dia. Tenho muitas coisas para contar. Até um crime aconteceu, literalmente, no meio da nossa turma, você ficou sabendo?

- Não! Não estou sabendo de nada, me conte. Quem morreu?

- Depois lhe conto, adorei encontrar e falar com você.

- Nossa! Você me deixou curioso realmente, mas estão todos bem?

- Sim, foi só um susto, estamos todos vivos, graças a Deus! Depois lhe conto tudo, pois realmente tenho que ir, mas venha me buscar às cinco horas; eu vou esperá-lo.

- Às cinco estarei lá, me aguarde.

Salete saiu toda contente. Andava mesmo solitária e sempre achou Luiz Alfredo interessante. - E por que não, Luiz Alfredo? - pensou sorrindo enquanto se dirigia para a saída mais próxima.

Às cinco em ponto, sentado na sala de espera, estava Luiz Alfredo. Salete encontrou-o ansioso como

um garoto. Jogava para o alto alguma coisa e aparava com a mão rapidamente.

- Já está pronta? Está linda... Como sempre, aliás.

- Linda, eu? - perguntou ela, um tanto surpresa.

- Sim, eu sempre a achei muito bonita, com esse seu jeito calmo e doce de ser. Vamos tomar um sorvete e pegar um cinema? Depois poderemos comer em algum lugar? - falou, olhando-a nos olhos naquele seu jeito garotão, naturalmente simpático.

Em seguida, deu-lhe um beijo no rosto e, pegando-lhe a mão, colocou uma moeda dourada na palma e fechou-a todo sorridente.

- O que é isso?

- Uma moeda de um centavo de dólar. Achei-a quando vinha para cá, e como não é uma moeda comum por aqui, afinal, moramos no Brasil, acredito que é um bom sinal e nos trará sorte.

Ela, imediatamente se lembrou da cigana e sentiu um arrepio de medo pela espinha. Ficou olhando a moeda na palma da mão por uns momentos e em seguida guardou-a na bolsa e sorriu para ele, que re-

tribuiu, puxando-a para fora do consultório, passando o braço por sobre os ombros dela, muito à vontade e com carinho, enquanto perguntava novamente:

- Vamos tomar um sorvete e depois vamos ao cinema? Adoro sorvete e cinema. E você?

- Eu também.

Após a sessão de cinema, foram jantar e conversaram durante horas. Nem notaram o tempo passar. A cada momento descobriam alguma coisa em comum e se entendiam cada vez mais. Ao mesmo tempo em que achavam que se conheciam, sentiam-se como estranhos se conhecendo, se descobrindo, numa mistura de sentimentos interessantes e de surpresas agradáveis.

- Então, o crime foi resolvido e Jorge foi finalmente libertado dessa culpa e dessa dúvida que pairava sobre ele?

- É, e acabou voltando para a Janete. Estão cada vez mais apaixonados. Montaram uma casa nova e estão em lua de mel. Espero que dessa vez dê certo. Eles sempre se amaram, o ciúme dele é que atrapalhava. Mas depois dessa experiência, acredito que ele vá se conter bastante.

- Eu nunca me deixo levar assim pelo ciúme.

Procuo ser racional. Prefiro jogar aberto, sem grosseria. É difícil conviver com pessoas ciumentas. Um pouco até que é normal, afinal, quem ama cuida... - falou impulsivamente.

Luiz Alfredo pegou as mãos de Salete, beijando-as... E o namoro começou ali. Chegou mais um sábado, era dia de futebol e, como de costume, foram todos para a casa de Néli e Álvaro. Todos não, Ângela não apareceu outra vez.

- Por onde anda Ângela nos fins de semana, alguém sabe? Em casa ela não fica e não conta para ninguém aonde vai, até desliga o celular.

- Para a fazenda de seus pais não deve ser, pois é muito longe e cansativo para ficar só um fim de semana. E por que não nos conta o que anda fazendo? Ela está nos escondendo alguma coisa. O que será, ou melhor, "quem" será?

- Será que ela já encontrou "ele"? Acho que não, ela não conseguiria ficar quieta depois de tudo.

- Uma vez ela me disse que estava indo para o litoral se hospedar numa pousada para pensar na vida e estudar uns livros - falou Marta distraidamente, folheando uma revista de moda.

- Quem deve saber dela é a Deise. As duas estão sempre confabulando.

- Eu não sei nada, só sei o que a Marta acabou de falar. Outro dia, mesmo, conversei com ela, emprestei-lhe uns livros e foi só. Mas seja lá o que for que estiver fazendo, deve ser bom, porque ela até mudou o astral, vocês não acham? Andava um pouco deprimida, meio para baixo, e agora não. Está com ideias mais positivas, mais segura de si. Meio misteriosa, é verdade, mas está mais confiante na vida, no futuro...

- Você notou isso no trabalho, Marta?

- Notei que está diferente, mas pelo menos parou de falar naqueles assuntos esquisitos e sobrenaturais, aqueles sonhos que me deixam nervosa. Pelo menos agora, ela espera por ele em silêncio.

- Ai, que maldade, Marta, as pessoas precisam de uma orelha amiga para desabafar suas angústias. É fácil ser amiga só para horas boas.

- Não é maldade, é a realidade, e eu prefiro a sinceridade por mais dura que seja. Eu sou assim, vocês me conhecem. Se a pessoa vem reclamando da vida de baixo astral, eu saio fora. Eu hein!? Tem gente que

só fala de tristeza, coisa ruim, ah, eu caio fora mesmo. Dou desculpa e vou saindo.

- É porque você nunca precisou de um ombro amigo ou teve a sorte de ter sempre um por perto e só o usa, pelo jeito, mas nunca oferece o seu. Isso é puro egoísmo, me desculpe: sinceridade recíproca.

Marta ouviu a amiga com olhos sérios, em silêncio, mas não respondeu e ficou pensativa.

Néli quebrou o gelo e continuou a conversa;

- Ela está aguardando o aparecimento "dele", ou melhor, aguardando o grande reencontro, e isso eu queria assistir, sabiam? Vai ser marcante! - exclamou Janete, altamente romântica.

- É mesmo - falaram Deise e Néli, quase juntas, enquanto a Marta permaneceu calada.

- Quem é a Ângela? - perguntou Leon, agora já frequentador assíduo dos finais de semana, do futebol e completamente à vontade com a turma.

- Você ainda não a conhece? - perguntaram quase todos juntos, não acreditando naquilo.

- Não, não sei quem é. Ainda não fui apresentado...

- Que estranho, estamos todos sempre juntos. Qualquer hora a gente lhe apresenta essa nossa amiga, e você vai gostar dela. É uma pessoa doce e calma. Todos nós gostamos muito dela. É gente boa.

- Mas é muito romântica. Vive sonhando com o príncipe encantado.

- Ai, que maldade você também, hein, Álvaro?! Ela é apenas uma mulher romântica e talvez um tanto sonhadora demais para os dias de hoje, só isso.

- Nada que a deixe alienada - falou desta vez Marta, defendendo a amiga com sinceridade.

- É claro que isso é exagero do Álvaro. Não é tanto assim, Leon Ângela é uma pessoa especial e bem legal, você vai gostar. Todos nós a adoramos; ela é uma das sócias do nosso escritório - completou Néli, também em defesa da amiga.

Antes que o assunto continuasse, Janete emendou, mudando o rumo da conversa:

- Atenção, gente. Vocês já sabem onde vão passar o *réveillori*?. Acho bom começarmos a fazer nossos planos, para não ficarmos sem passagens, estadia, etc. Afinal, vamos entrar no ano 2000! Isso não acontecerá novamente.

- Já estamos quase no fim do ano e nem percebi o tempo passar... - falou alguém mais para si do que para todos.

- Eu e Jorge estamos seriamente pensando em passar nada mais nada menos que em Paris, e não deixaremos por menos, não é, meu amor?

- Nossa! - quase todos exclamaram juntos.

- Pois para mim não é o lugar que importa, mas com quem estou. Por isso, se eu estiver bem acompanhada, estarei bem em qualquer lugar.

- Deise, você, como sempre, arrasou na filosofia. Principalmente depois que encontrou a sua "metade da laranja".

- De onde você tirou essa ideia, Salete? Continuo só, como todos sabem. Que novidade é essa?

- Pensa que já não reparei como você e o Jamil se olham? Não sei o que estão esperando para assumir o namoro.

- Que exagero, a gente nem se conhece direito, você é que está vendo coisas.

- Voltando ao assunto *réveillon*, eu prefiro as duas coisas. Um lugar especial com alguém especial.

- O que é isso, Néli?

- Ora, Álvaro, você é o meu alguém especial!

- Ah, bem, do jeito que você falou, me senti de repente excluído da sua vida. Você nunca me falou que eu era alguém especial assim, com tanta convicção.

- Como não?! E depois, você sabe que nunca vai ser excluído da minha vida, meu amor. Eu amo você, mais do que a mim mesma, meu querido. Eu te amooooo.

- Uauuuu! - responderam os mais entusiasmados.

- Ainda bem, já estava com ciúme desse alguém
- falou Álvaro com jeito infantil, abraçando-a.

- Que conversa é essa, parece que está com carência afetiva, meu amor, por quê?

- Estou mesmo, estou me sentindo abandonado. É alguma coisa aqui dentro, sabe? Estou com ciúme, você está ficando diferente, iluminada, às vezes tenho a impressão de que existe alguém entre nós e vou perdê-la - falou um pouco na brincadeira e um pouco na reclamação mesmo, olhando diretamente nos olhos dela enquanto a abraçava e a beijava novamente, igno-

rando os amigos que os rodeavam e assistiam àquela expansão de intimidade, calados.

- Que bobo, meu amor, não tem e nunca vai ter ninguém entre nós, fique tranquilo. Eu o amo muito, amor da minha vida.

- Olha só o que faz o casamento depois de alguns anos. Todo mundo reclama de todo mundo e resolvem lavar a roupa suja diante dos amigos, e o pior é que ninguém entende mais ninguém, cada um fala uma língua diferente. Reclamam, reclamam, depois dão dois beijos e está tudo bem - disse Marta, mais para si do que para os outros e um pouco mais séria do que queria parecer, jogando água fria na conversa.

Todos a olharam meio intrigados e admirados com aquele desabafo.

- Ah, é? É isso mesmo que você acha? Que casamento é só chatice, discussão boba, então vou repensar a minha oferta - argumentou Mauro, fazendo de conta que estava indignado e revelando os planos deles.

Todos os olharam com admiração e, em gargalhadas, batiam palmas alegremente por descobrirem o pedido de casamento que Mauro havia feito a Marta

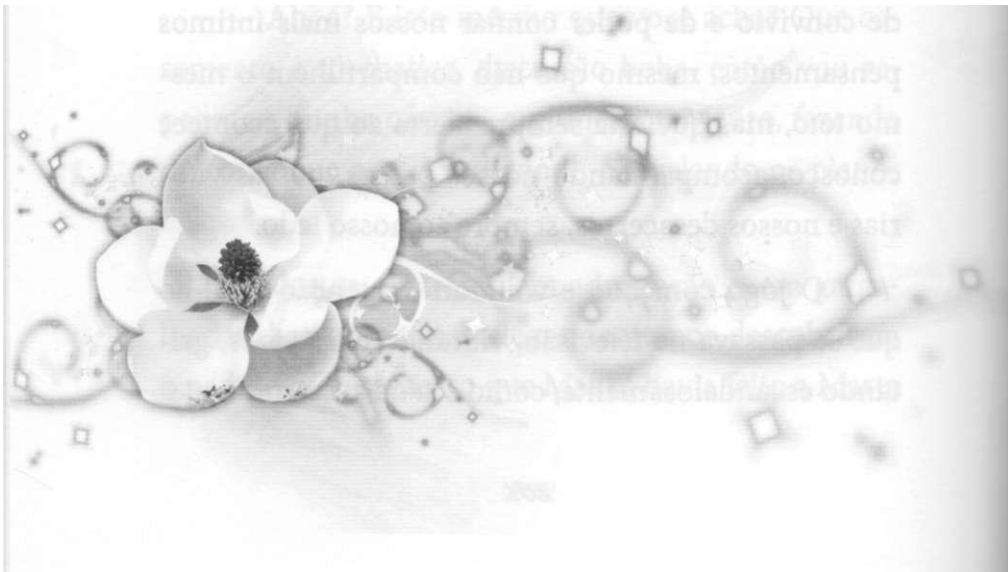
que, pelo menos até aquele momento, parecia insegura em dar uma resposta definitiva. Ela, por sua vez, relutava em aceitar, por conta da antiga experiência que não tinha sido nada boa. Por isso não segurou o desabafo, ignorado pelo apaixonado Mauro, que não a deixaria escapar. Tinha certeza de que apagaria todos os traumas com o seu amor.

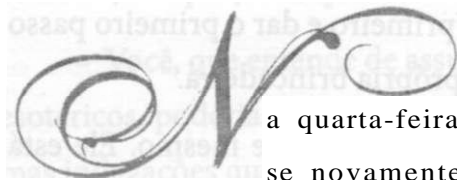
Mauro abraçou Marta, que retribuiu o abraço olhando-o com os olhos molhados e beijando-o, deixando transparecer aos amigos o quanto estavam apaixonados e confirmaram, assim diante de todos, o casamento para logo para alegria geral. Conversaram alegremente mais um pouco, sobre os valores do casamento, e da família. O quanto é importante ter alguém no meio dessa multidão que nos envolve e ignora. Aquela pessoa que nos dá a sensação prazerosa de convívio e de poder confiar nossos mais íntimos pensamentos, mesmo que não compartilhem o mesmo teto, mas que está sempre alerta ao que acontece conosco, acompanhando nossos passos, nossas vitórias e nossos desacertos, sempre ao nosso lado.

O jogo começou e voltaram a atenção total ao que se passava na televisão, vibrando e, às vezes, gritando escandalosamente, como era de costume.

Capítulo 12

DEISE FINALMENTE ENCONTRA O AMOR





a quarta-feira seguinte, reuniram-se novamente para assistir ao futebol, com direito a mandar vir uma pizza no final. Como havia torcedores dos dois times, pagaria quem perdesse o jogo. Se desse empate, dividiriam a conta. Jorge tinha levado seu amigo Jamil mais uma vez. E ele, desde o outro dia, estava interessado em Deise, como já bem tinha observado Salete, que fazia de conta que não notava os olhares "compridos". Ela o achava calado demais. Fechado demais, estava mais observando do que dando chance para namoro. Salete foi até a cozinha pegar mais pipoca e chamou Deise para ajudá-la.

- Por que você não aceita a paquera do Jamil, não gostou dele? Todo mundo está na maior torcida para vocês ficarem juntos, e o Jorge já confirmou que ele está interessado.

- Não sei se está tão interessado assim, ele parece tão calado. Fica só me observando, parece uma coruja, "não fala, mas presta muita atenção", então, eu faço o mesmo. Fico só olhando para ver o que vai dar, quem vai cansar primeiro e dar o primeiro passo
- falou, sorrindo da própria brincadeira.

- Ora, Deise, você não existe mesmo. Ele está chegando na turma agora faz pouco tempo, ainda nem se enturmou direito, quer dizer, Jorge e Álvaro já o conheciam da faculdade, mas não deixa de ser novo no nosso grupo, e deve estar querendo observar para não dar nenhum fora. E você, hein, amiga? Fica aí fazendo jogo duro, ele fica sem jeito, ora.

- Ele nem parece um advogado, não abre a boca e nem dá opinião em nada...

- Cá entre nós, ele não tem é chance, todo mundo fala o tempo todo... Até que quando o assunto é da área deles, de homens, ele se solta mais e fala todo empolgado, com toda a segurança.

- Nossa, você é que está de olho nele, sabe tudo!

Nesse momento entrou Jamil na cozinha, e Sale-

te aproveitou para deixá-los sozinhos, não sem antes dar uma piscada de olho para a amiga.

Os dois ficaram calados por um momento, se olhando, até que Jamil quebrou o silêncio:

- Você, que entende de assuntos espiritualistas e esotéricos, poderia me dar umas respostas para algumas indagações que tenho?

Puxou esse assunto, pois não lhe vinha nada mais inteligente na cabeça naquela hora, e Deise, não conseguindo esconder a surpresa, também lhe falou com a voz um pouco trêmula:

- Sim, se eu puder, eu gosto de estudar ocultismo, parapsicologia, paranormalidade, regressão, reencarnação, telepatia, vida extraterrestre, energias telúricas, cósmicas e tudo o que envolve o autoconhecimento.

- Ufa, mas tudo isso é muito interessante! Impressionante mesmo; mas as minhas, são meras indagações, simples curiosidades, só isso. Nada muito profundo; como disse, apenas indagações.

Sentia-se um tolo dizendo aquelas coisas, mas

precisava continuar, afinal, já tinha quebrado o gelo.

Deise também ficara tão nervosa de repente, que acabou desfilando o seu currículo.

Aí começou a rir nervosamente e, depois de um breve momento, foi acompanhada por ele, desfazendo-se o constrangimento inicial. Então, ele continuou:

- Na realidade, também gosto desses assuntos, mas nunca me aprofundei muito, nunca fui em busca de respostas. Já tive a oportunidade de assistir a algumas palestras, mas um assunto que me intriga de verdade são os discos voadores. Acho muito interessante, mas nunca cheguei a ler nada a respeito. Na realidade, só vi o assunto em filmes e achei muito intrigante e, tirando a fantasia, é claro, acho muito provável. Até que ponto vai a ficção e começa a realidade? É o que gostaria de saber.

- Realmente, esse assunto é bárbaro. Também me interessa muito. É um dos meus favoritos, atualmente. Ando mergulhada nele.

Finalmente, Deise, rindo muito, relaxou, e conseguiu falar alguma coisa coerente.

- Não me leve a mal, é que às vezes faço essa brincadeira de desfilas os meus estudos com os outros que já me conhecem e vivem "pegando no meu pé", porque não perco uma palestra ou um seminário e, como a gente tem se visto por aqui, quis brincar com você, mas reconheço que não caiu bem, foi sem graça, é claro que podemos conversar seriamente, sim. Terei muito prazer. Tenho livros, palestras em vídeo, apontamentos meus, entrevistas gravadas, de experiências que fiz, e outras que estou fazendo. Enfim, muito material interessante.

- Ótimo, estou cada vez mais curioso, de verdade. Acho que temos muita coisa em comum e nem desconfiávamos, não é?

- É mesmo, e esses assuntos, para quem aprecia, são realmente empolgantes. Estive no começo deste ano em São Tomé das Letras e fiz apontamentos muito interessantes, entrevistando pessoas de lá que viram discos, ovnis, luzes, etc. Se você tem interesse, podemos nos encontrar e conversar longe da

turma, pois eles não gostam muito desses assuntos. Aliás, eles já devem ter-lhe contado que eu sou um tanto esquisita, e até um pouco excêntrica.

- É, mas falaram, também, que você é uma pessoa muito especial, muito querida, e eu adorei comprovar isso, conversando com você agora.

Pararam de falar e ficaram se olhando por uns momentos em silêncio, que foi quebrado por ele:

- Está bem, vamos assistir ao jogo, que já está recomeçando, e depois que sairmos daqui eu a levo em casa e conversaremos mais.

Deise concordou, com alegria no coração, sacudindo a cabeça afirmativamente, fazendo os cabelos roçarem pela testa por um breve momento, o que o encantou.

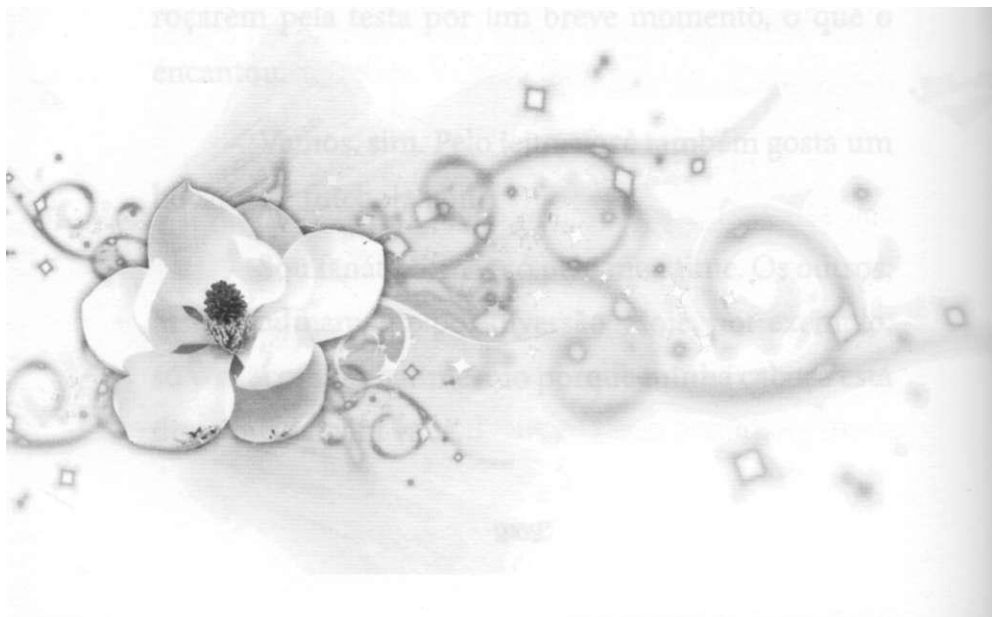
- Vamos, sim. Pelo jeito, você também gosta um bocado de futebol, hein?

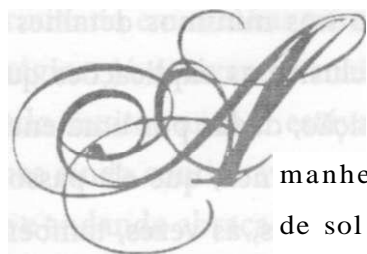
- Sou fanático, mas só pelo meu time. Os outros, assisto calmamente por diversão. Hoje, por exemplo, só vou acompanhar mesmo porque minha cabeça está direcionada para você.

Deise sorriu um pouco encabulada com a franca sinceridade dele, mas muito feliz, é claro. Salete, que não perdia nada, notou que a amiga voltou feliz para a sala e piscou para ela, que retribuiu, sorrindo.

Capítulo 13

ANGELA RELÊ OS APONTAMENTOS





manheceu um lindo domingo de sol e Ângela acordou, naquela pousada onde agora costumava passar os finais de semana, completamente feliz. Espreguiçou-se e ficou ali a repassar na memória o sonho, ou melhor, a regressão, para depois anotar tudo num caderno, de forma minuciosa e detalhada, como vinha fazendo de uns tempos para cá. Tinha certeza de que, com tantas informações, um dia encontraria o seu amor outra vez. Depois escreveria um livro. Queria contar para o mundo o tamanho de seu amor por João Marcos.

Ao ir dormir, ela se preparava para a regressão. Fazia suas orações de costume, colocava uma música suave e ficava meditando por um tempo. Depois, deitava-se na posição em que mais lhe era confortável e ia relaxando, deixando-se levar num voo suave para bem longe, até parecer que dormia suavemente, sem

perder totalmente a lucidez. E como numa viagem, ela retornava ao passado. Era tudo tão real, como se fosse o momento presente e estivesse acordada. Ao acordar, rememorava tudo nos mínimos detalhes e anotava num caderno. Inclusive as explicações que ela recebia através da intuição, dadas por uma entidade que não se identificava nunca, que ela passou a chamá-la de "Orientador". Mas, às vezes, também acordava decepcionada. Não acontecia nada e ela passava semanas sem regredir ou sem sonhar e, quando acontecia, eram sonhos comuns, sem sentido. Naquela manhã, ela anotou assim no caderno: "Era noite e estávamos num acampamento próximo ao mar e, de onde estávamos, dava para sentir o cheiro da maresia e o barulho das ondas que o vento frio trazia. Todos dançavam e festejavam o nosso casamento. Como estava feliz! Eu era ainda uma menina, mas como amava aquele jovem cigano que fora escolhido para mim! Apaixonei-me desde o primeiro instante em que o vi. Sentia que nos conhecíamos de um longo tempo, e era, na verdade, um reencontro. Como o nosso amor era lindo! Como aquele homem que a abraçava a fazia feliz! Era um homem lindo e tudo era lindo. Ele tocava violino para eu dançar, só para mim. Mais

adiante, como numa cena de filme, caminhamos descalços pela beira da água, sentindo a areia fina e a água fria do mar batendo levemente, a saia molhada grudando em minhas pernas, e, como num passe de mágica, já estávamos mais velhos, tinham se passado muitos anos e estávamos mais amadurecidos, mas ainda continuávamos nos amando intensamente e andando abraçados pela mesma praia. Festejávamos a plenitude do nosso amor quando avistamos no outro lado da praia um pequeno ancoradouro onde um barco branco muito iluminado estava atracado. Ele puxou-me pela mão e encaminhamos para ver de perto. Ao nos aproximarmos, o barco iluminou-se mais ainda de uma forma como nunca tínhamos visto nada igual. Na verdade, ficou incandescente."

Naquele momento, acordou assustada e muito impressionada com a visão do barco. Já havia sonhado com essa cena outras vezes, mas ela sempre acabava ali. Causava sempre uma forte impressão aquele momento e não conseguia lembrar se entrava no barco ou não, mas sempre acordava com uma estranha sensação de que precisava urgentemente fazer **alguma** coisa. Ao terminar as anotações daquele dia, **ou** melhor, daquela noite, começou a reler o grosso

caderno desde a primeira página onde estavam anotados, com todos os detalhes, alguns sonhos e as explicações que sempre obtinha através das meditações e algumas através de intuições. Virou a página e continuou lendo a parte mais marcante dessa história, a qual já havia sonhado, lido e relido tantas vezes, tanto que, se fechasse os olhos, a veria passar na sua frente como num filme, com todos os detalhes. Era a época em que viviam na França, quase divisa com a Espanha e a cena de despedida dele para a guerra. Essa, sem dúvida, era a mais tocante. Uma despedida que parecia para sempre e que realmente não tinha acontecido o retorno até hoje. Ela se chamava Alma de Luz, era espanhola e muito apaixonada por João Marcos, seu amor de muitas vidas. Logo depois de casados, a guerra os separou. Desesperados por um desencontro de informações, suicidaram-se e viveram separados muitos anos de vida na Terra e no espaço cósmico. Nem em Espírito foi-lhes permitido se encontrarem, porque a vibração dos dois se modificara. Do amor passaram ao desespero e, em consequência, à falta de fé. Ele voltou da guerra ferido, só que ela não estava mais lá, esperando-o. Tinha morrido pouco antes entre muitas pessoas, num ataque

àquela cidade. Na verdade, se deixou morrer, porque achou que ele já tinha morrido e queria reencontrá-lo no céu entre os anjos, como acreditava. Não se defendeu, não se escondeu com os outros do ataque dos inimigos que invadiram a cidade por todos os lados. Abaixou-se, fechou os olhos e se deixou morrer; suicidou-se. João Marcos ficou desesperado ao voltar à cidade e encontrá-la em ruínas. Gritando o seu nome, ele corria enlouquecido, entrando e saindo de casas destruídas à sua procura. Ela, em Espírito, o via cego de dor e desespero, mas ele não a via. Passava por ela e nem a sentia por perto. Ela, agarrada a ele, dizia-lhe em prantos:

- Estou aqui, meu amor, ao seu lado. Olhe para mim. Sou eu, sua Alma.

João Marcos, em total desespero, jogou-se sobre uma granada e suicidou-se também. Sofriam desesperados a cada lágrima de dor e de saudade. Ela chorava sobre o seu corpo esfaumado, mas ele não a sentia, não a percebia, dilacerado pela dor. Confiante em Deus, ela orou pelos dois, dizendo-lhe que se encontrariam outra vez, que Deus não iria permitir que se afastassem e ali chorou desesperada, por horas e dias talvez, até que um grupo de pessoas caridosas,

vestidas com roupas simples como túnicas, chegou até eles com muito carinho e os levou para longe dali. Era a equipe de Espíritos socorristas, solidários com o sofrimento daqueles que perambulam no meio dos escombros de guerras e catástrofes e têm a incumbência de ampará-los. Mas por uma questão de sintonia, ao serem desligados dos seus corpos, eles foram atraídos para o vale dos suicidas*, onde criaturas que transgridem a Lei de Deus se agregam num vale de sombras, até expurgarem todo o delito através do seu sofrimento, não como castigo, mas como consequência de uma escolha. O lugar era horrível e deprimente onde só se ouviam, por todo lado, choros e lamentos. João Marcos e Alma de Luz não entendiam nada, não sabiam por que foram parar naquele lugar horrível e, mesmo estando perto um do outro, não se alcançavam, não conseguiam se aproximar. Entreviam-se através de uma densa névoa. O campo de força negativo que acarretaram os impedia de se aproximarem. Não sabem por quanto tempo ficaram

Nota da médium:* Sugerimos aos leitores o estudo da obra *Memórias de Um Suicida*, de Yvonne do Amaral Pereira, edição **FEB. É oportuno também o estudo das questões **943** a **957** de *O Livro dos Espíritos*, com especial destaque à **957** que indaga: *Quais são, em geral, as consequências do suicídio sobre o estado do Espírito?*, com importante resposta dos Espíritos e instrutivo comentário de Allan Kardec.

naquele lugar horrível, até que alguém a procurou e a levou com outras pessoas como ela, para uma espécie de hospital e depois para um lugar muito calmo e agradável onde lhe foi explicado tudo o que estava acontecendo e aprendeu, principalmente, que um dos maiores sofrimentos para o Espírito é o suicídio e que, para saírem daquela situação desesperadora, precisavam do sincero arrependimento e da ajuda dos benfeitores, seus anjos de guarda, que nunca os abandonaram, mas tiveram que aguardar o momento certo para levá-los a recomeçar nova jornada de aprendizado. Foi então que ela entendeu o porquê de toda aquela situação e mais do que nunca orava por João Marcos. Para que ele, assim como ela, recebesse também ajuda e fosse retirado daquele lugar deplorável onde foram parar pela ingenuidade de achar que, dando fim às próprias vidas, se encontrariam facilmente. Nas orações ela prometia, em nome dos dois, que reparariam para sempre aquele ato tresloucado. Aí sim, ao pedirem perdão e ajuda, foram retirados dali, primeiro ela e depois ele, para recomeçarem um novo tempo. Desde aquela época, eles estavam impedidos de se verem, mas eles ainda confiavam em Deus, que um dia, os reuniria novamente. O afasta-

mento era uma forma de reparação, mesmo porque, a sintonia dos dois ficou divergente. Era necessário o afastamento, para que lhes voltasse o equilíbrio psíquico e valorizassem mais a vida e o amor. Depois de um tempo que lhes pareceu uma eternidade, foi-lhes permitido voltar outra vez para a crosta terrena, renascer, reencarnar, reaprender a vida, mas ainda sem se reaproximarem. Ela voltou a nascer na Europa, na mesma região onde vivera pela última vez. Teve uma vida discreta, afastada do mundo agitado, quase reclusa, cuidando da madrinha, pessoa de difícil trato, sofreu pacientemente, depois se recolheu a um pequeno hospital, cuidado por freiras, onde aprendeu a profissão de enfermeira e onde a oração na capela era o seu refúgio, o seu momento com Deus. Sempre que podia, passava horas lá dentro, apreciando o Sol atravessar o pequeno vitral colorido em forma de cruz. Dedicava o seu tempo a cuidar dos enfermos, a plantar alimentos e orar. Orava muito por alguém que não conhecia, mas de quem sentia uma saudade imensa. Quando contava ao Padre em confissão, ele dizia que era saudade dos seus pais, que não chegara a conhecer direito e que isso era assim mesmo, mas no íntimo ela sabia que não era assim, porque sen-

tia que havia algo mais dentro dela mesma. E dessa forma, orava pela alma dele também, que estava em algum lugar sofrendo como ela de tristeza e de saudade.

João nasceu numa pequena aldeia, com a saúde frágil. Sentia muita devoção desde pequeno e acompanhava o Padre na missa. Orava muito e pedia perdão por uma culpa, que como dizia ao Padre em confissão, não tinha motivo; não fazia mais que ajudar o pai na pequena lavoura e nos trabalhos rústicos e, mesmo assim, se sentia um pecador perante Deus. Era uma tristeza profunda e um arrependimento sem fim que sentia na alma. O Padre, que o conhecia desde garoto, o libertava de seus pecados benzendo-o e mandando-o orar muitas vezes. Assim, depois do trabalho pesado que fazia sem reclamar, ia para a pequena igreja onde passava um tempo enorme fazendo orações e se penitenciando. O Padre, que acompanhava a sua angústia, para distraí-lo, o ensinou a ler e lhe deu *O Novo Testamento*, que conseguiu memorizar em pouco tempo. Deu-lhe também outros livros, na maioria, histórias de santos e mártires, o que o despertou para o prazer de ler e do conhecimento, até que resolveu ser Padre e se dedicar à vida monás-

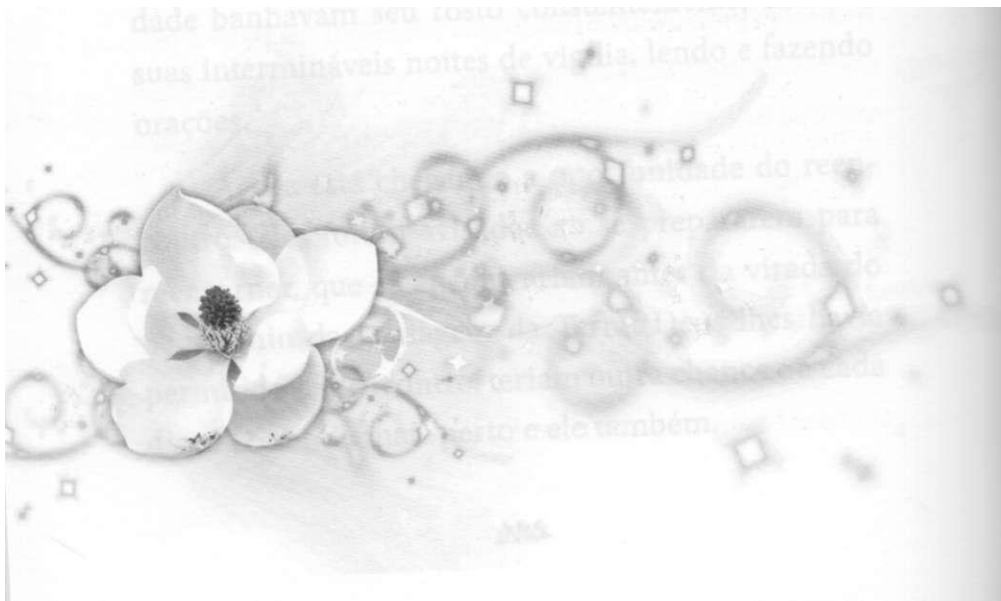
tica. João também aprendeu a dura lição que ficou gravada no seu eu mais profundo: o valor da vida e do amor. Sinceramente arrependido do seu ato impensado e agradecido a Deus pela oportunidade, escolheu uma vida espiritualizada e reclusa para refazer a sua alma dolorida. E, nessa última encarnação, viveu num mosteiro isolado da vida mundana, orando e se penitenciando contra a sua insensatez. Leu, estudou e aprendeu muito nesse período. Sabia, no mais profundo do seu ser, que precisava se refazer de um grande erro, um grande equívoco que lhe custou o afastamento do seu amor. Vivia angustiado e pedia perdão com toda a convicção e orava com fervor para merecer de Deus a oportunidade de encontrar o seu amor novamente. Lágrimas de saudade banhavam seu rosto constantemente, durante suas intermináveis noites de vigília, lendo e fazendo orações.

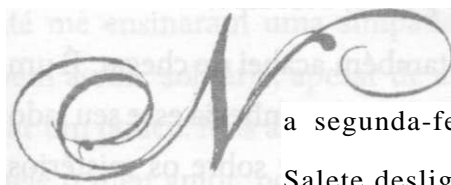
Agora está chegando a oportunidade do reencontro. Eles foram avisados ao se prepararem para reencarnar, que se encontrariam antes da virada do 3º milênio da contagem da Terra. Deus lhes havia permitido o reencontro, teriam outra chance e a cada dia ela o sentia mais perto e ele também.

Ângela fechou o caderno de anotações e ficou olhando o mar pela janela, pensando em tudo o que releu, até que um grito de uma linda gaivota a trouxe de volta à realidade. O mundo atual. Levantou-se e foi para o chuveiro, cantarolando feliz. Começava um lindo dia de sol.

Capítulo 14

DESVENDANDO A MENSAGEM...





a segunda-feira...

Salete desligou o telefone e se preparou para sair do consultório rapidamente. Combinou de almoçar com Deise e, em seguida, trabalhar no consultório de uma escola da periferia, o que fazia duas vezes por semana gratuitamente, mas antes de sair, deixou um bilhete para a sua irmã Janete sobre a escrivadinha:

"Minha querida,

Será que dá para a gente se ver? Nem parece que temos um consultório em comum. Deixe o Jorge de lado um pouco e lembre-se de sua irmã, que tem saudades e novidades.

Um beijo, Salete.

RS. O fornecedor trouxe o pedido."

Chegou ao restaurante e já encontrou Deise a esperá-la, como combinaram.

- Como vai, Salete?

- Me atrasei um pouco, desculpe.

- Não foi nada, também acabei de chegar. É um prazer almoçar com você, e não conhecia esse seu lado espiritualista de querer conversar sobre os mistérios da vida, ou se interessasse por assuntos esotéricos. Só que, como lhe falei, esses assuntos requerem mais tempo e muitas conversas, aliás, é um assunto interminável. Mas vamos à sua curiosidade. Como você preferiu me encontrar aqui em vez de no meu consultório, com certeza não terei em mãos algum material para tirar suas dúvidas, como sempre faço em caso de consultas. Mas vamos ver do que se trata.

- É verdade, agora ando também curiosa, querendo tirar dúvidas. Vejo sempre você e Ângela, que também gosta muito do assunto, conversando, estudando, lendo e principalmente trocando ideias, mas o que eu quero mesmo saber, penso que é mais simples e rápido, nada tão profundo.

- Nossa! Não me deixe mais curiosa, vá direto ao assunto.

- Está bem, vou direto; você lembra que fiquei muito tempo sem namorado? Não me interessava por ninguém, estava meio desiludida com os homens, e vocês viviam me "pegando no pé" e, por conta disso, até **me** ensinaram uma simpatia. Mas eu me sentia bem assim, solitária, apesar de a solidão às vezes pesar um pouco. Mas agora encontrei alguém e descobri nele o meu amor, por isto estou aqui, para lhe dar a notícia em primeira mão.

- Mas quem é...

- Ê o Luiz Alfredo, o ex-noivo de Ângela! Ele reapareceu, nos encontramos por acaso, e a gente se descobriu assim, do nada. Já estamos pensando até em ficarmos juntos "para sempre". Estamos realmente apaixonados. Está bom demais.

- Fico feliz por vocês, mas onde eu entro nessa maravilhosa história de amor, que só não me causa inveja, porque eu também estou perdidamente apaixonada pelo meu Jamil, criatura maravilhosa e surpreendente? Não me canso de agradecer a Deus por ter colocado esta raridade na minha vida. Mas o que você **quer saber** então da parte oculta? Ah, mas antes deixe-me lhe explicar uma coisa. Na verdade, as

chamadas simpatias só funcionam porque você canaliza o seu pensamento para o **positivo**, para a fé, para Deus. Isso cria um campo energético positivo, que vai lhe facilitar o acontecimento do pedido. Se você pensa em encontrar um namorado, você abriu seus canais positivos e encantadores para a conquista, sem falar que também abriu os olhos e as possibilidades, fazendo com que tudo acontecesse naturalmente. Não são os rituais que funcionam, mas o seu querer, entende?

- Isso quer dizer que eu não precisava de nenhuma simpatia para encontrar o Luiz Alfredo?

- Sim, não precisava, e como pode ver, não precisou. Simpatias e rituais, embora respeitemos, são dispensáveis quando você se permite assimilar as possibilidades de crescimento pessoal. Somos nós mesmos, com nosso pensamento e comportamento, que nos permitimos ou nos impedimos da oportunidade de ser feliz. Sem isso, você daria a ele um "oi" quando o encontrasse e iria embora deixando a oportunidade fugir. Você estava de olhos fechados ao amor por opção; quando resolveu, aconteceu.

- Tudo bem, mas não foi só isso, tem mais.

- Ah, é? Conte-me, então. Estou cada vez mais curiosa.

- Primeiro eu preciso lhe contar o que aconteceu antes de eu reencontrar Luiz Alfredo: Certa tarde, eu estava indo para o consultório e, enquanto atravessava a Praça das Nações, fui abordada por uma cigana que, de uma forma agressiva, me disse um monte de coisas assustadoras. Pelo menos na hora, tive muito medo (talvez lembranças de infância, quando diziam que ciganas roubavam crianças) nem sei do quê. Eu fui obrigada por ela a anotar tudo o que ela me disse, num papel, pois a mulher tinha uma autoridade dentro dela, para mim, assustadora. Eu levava um pacote na hora e só peguei uma caneta e fui anotando tudo palavra por palavra; depois, no consultório, passei a limpo a mensagem. Veja, é esta aqui. Ela repetia palavra por palavra várias vezes, para eu anotar. Foi uma situação muito doida no meio da praça. Eu não entendo nada, levei dias na época, repetindo cada palavra, tentando entender, mas infelizmente continuo sem entender nada e fico assustada com o que pode vir a acontecer. Parece uma coisa ruim, não sei. Não sei o que isso quer dizer de verdade. Talvez nem queira dizer nada, mas depois do que aconteceu com a gente,

que não deu importância para a mensagem que você recebeu, passei a respeitar muito essas coisas.

- Com o que está oculto, não se brinca.

Salete parecia realmente assustada quando, um pouco trêmula, entregou um envelope com um papel dentro para que Deise lesse. E, de tão ansiosa, Salete continuou falando:

- Nem sei se devo acreditar nessas ciganas de rua, Deise, mas estou tão apaixonada, que não quero que nada de ruim aconteça. No dia em que encontrei o Luiz Alfredo, até me lembrei do que a cigana me falou, mas depois procurei esquecer e esqueci até ontem, quando achei o papel nos meus guardados e fiquei muito nervosa outra vez.

- Mas se acalme, criatura, me deixe ler este papel; afinal, o que de especial ele tem escrito? Estou curiosíssima.

- Leia sim, por favor - mas continuou a falar:
- Isso tudo aconteceu naquele tempo que você viajou para o Peru. Não mostrei e nem falei para ninguém. Guardei para lhe mostrar e até o esqueci numa gaveta. Quando o reli, me pareceu mais ameaçador ainda. E

depois do que aconteceu no aniversário, não duvido de mais nada.

Falava nervosamente, esfregando as mãos como uma criança.

- Fique calma, Salete, não me parece nada ruim, estou sentindo boas vibrações. Não é nada ruim, pode ficar tranquila. Por que não falou com ninguém sobre esse acontecido?

- Na época não contei ou mostrei o papel para ninguém, até porque, não sabia se eu mesma acreditava nisso tudo, mas tinha um medo enorme de ciganas. Tive várias vezes a tentação de rasgar e queimar, mas uma força maior me impedia. Agora parece uma ameaça sobre minha cabeça. E depois daquele aviso da festa, totalmente confirmado, não dá para duvidar de mais nada. Como disse e já repeti, o papel ficou guardado e esquecido. Agora estou com medo de perder a minha felicidade... O recado fala até de morte...

- E do que você tem medo na morte? A morte é a libertação da alma. Todos nós um dia, teremos que deixar o corpo que, pelas nossas vibrações ainda negativas, vai se decompondo ao longo da vida e **finaliza depois que a alma** se desprende totalmente, e nos

tornamos Espíritos errantes, isto é, que vamos em busca de dar continuidade aos nossos compromissos anteriores e preparar os próximos. Não tenha medo. Morrer é como tirar um pesado agasalho. Imagine uma roupa espacial, ou um escafandro, que você usa durante uma missão para se adaptar às necessidades do lugar enquanto está em atividade fora do seu ambiente natural. Quando termina aquele compromisso, a sua missão, você volta a se livrar de toda aquela pesada parafernália, se libertando com alegria e leveza.

Veja assim: a morte é uma situação natural. Não é castigo e nem sofrimento; é a única coisa que temos certeza de que ninguém deixa de experimentar; então, não pense, viva!

- Está bem, vou pensar melhor nisso que você falou, mas que me dá até arrepios, dá, pois ainda não estou preparada para encarar tudo isso com essa naturalidade toda. Mas vamos ao recado; agora sou eu que estou ficando aflita de curiosidade... Leia, por favor, que estou meio confusa...

- Confusa com o quê?

- É que tive vergonha de acreditar em avisos de

ciganas, talvez preconceito, sei lá. Tive vontade de rasgar, jogar fora, esquecer de vez essa bobagem... Você sabe como é: a gente não quer acreditar, mas sempre fica curiosa, fica em dúvida, é crer ou não crer, eis a questão, parafraseando William Shakespeare.

Deise acabou de desdobrar o papel que tinha retirado de dentro do envelope azul e examinou por dentro, retirando lá do fundo uma moeda dourada. Virou-a entre os dedos e concentrou-se na leitura da mensagem escrita com caligrafia um pouco trêmula e irregular.

"Se aproxima a hora da reviravolta. Vais chorar de tristeza pela dor de alguém que amas muito.

A morte vai passar por ti e pelos teus sem alcançar seu intento.

A tua felicidade chegará por uma porta que já conheces.

Vais descobrir que não conhecias o que era teu conhecido.

O teu destino tomará o rumo da felicidade quando receberes das mãos de um homem, uma moeda igual a esta.

Este é o homem da tua vida, do teu destino. Aí só a morte os separará."

- O que você acha disso?

- Calma, estou estudando para entender. Você me disse que encontrou esta cigana quando eu estava viajando? Então foi antes do aniversário! Mas é uma premonição mesmo, olha só que interessante. Está claríssimo.

- Claríssimo?!

- Como água da fonte, senão veja: o aniversário causou uma reviravolta na vida de todos nós, que fomos envolvidos de uma forma ou de outra. Você, mais do que ninguém, como irmã, chorou de tristeza por tudo o que a Janete passou. A decepção, a vergonha por estar namorando, mesmo sem saber, um bandido, as notícias nos jornais e telejornais, sem falar que ela foi baleada naquela noite e poderia ter morrido se atingisse um órgão vital. Ela passou pela dor física e a dor moral. E a morte passou por todos nós e não nos atingiu, na realidade. Afinal, estávamos todos presentes e ao lado do matador, que poderia ter feito uma chacina.

- É mesmo. Essa parte que vem agora é a que

me intriga mais; O que quer dizer essa porta? Quem é o conhecido que eu não conhecia? O que é que quer dizer isso? Parece sem sentido...

- Pois esta é a parte mais óbvia! A porta que você já conhece é a amizade que você já tinha com o Luiz Alfredo. Vocês já eram amigos. Ninguém os apresentou. Ao mesmo tempo em que vocês já se conheciam, tiveram que se conhecer mais ainda com mais intimidade para namorarem. É outra relação, e se descobriram afins. Por isso que ele era o conhecido que desconhecias. Agora, a parte da moeda, sinceramente eu não sei, está complicando, pois deveria aparecer outra moeda para ter alguma relação com o amor de vocês. A não ser que o Luiz Alfredo ainda não seja o seu conhecido-desconhecido. Se não for, nada de olhar para o meu Jamil, hein querida? Posso garantir que ele não tem nenhuma moedinha para você.

- Não, minha amiga, fique tranquila com o seu Jamil, porque esse detalhe fecha então todo o quebra-cabeça; e tudo se tornou claro.

- Salete, toda feliz e sorridente, pegou a sua bolsa, abriu e retirou de dentro a segunda moeda, que tinha ficado lá, desde o dia em que a ganhou. Enquanto

a entregava na mão de Deise, foi explicando como Luiz Alfredo lhe dera aquela moeda, no dia em que manaram o primeiro encontro e que ainda estava guardada na bolsa.

- Não foi uma coincidência incrível?

- Não, não foi. Entende agora, por que eu gosto tanto desses chamados mistérios? Porque na verdade não há mistérios, tudo é perfeito. Tudo segue uma lei natural de acontecimentos que se encaixam perfeitamente. É só ter olhos para ver e aguçar a sensibilidade. Está tudo à nossa frente. E quando não vemos, ou melhor, quando não conseguimos ver, nos mostram, como agora.

- Que maravilha! Mas por que a cigana me procurou no meio de tanta gente? Por que eu?

- Não é porque ela é cigana, mas porque ela é médium; poderia ser qualquer um outro médium ali na praça, que foi usado por algum Espírito que queria lhe enviar a mensagem. Qualquer hora dessas eu posso lhe explicar com mais detalhes os fenômenos da mediunidade se você quiser, só que agora, infelizmente, preciso ir, tenho clientes daqui a pouco.

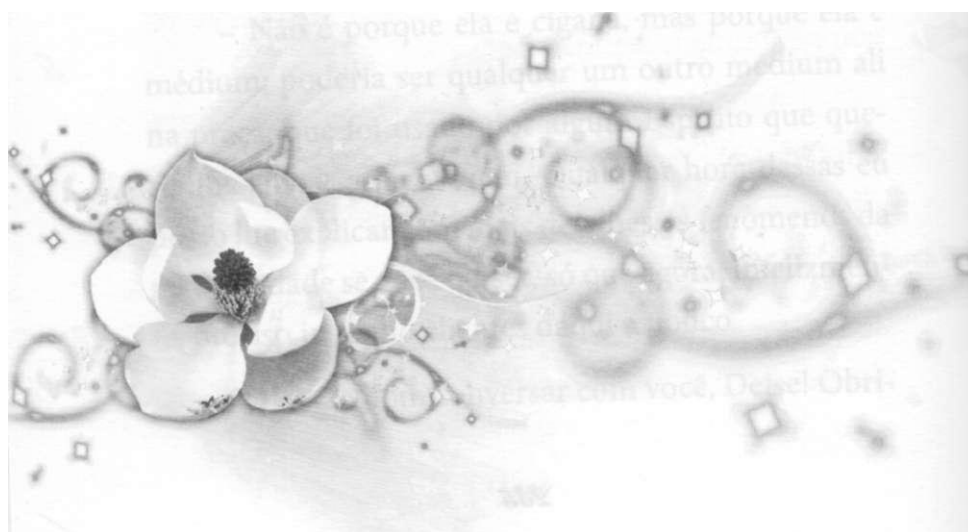
- Foi tão bom conversar com você, Deise! Obri-

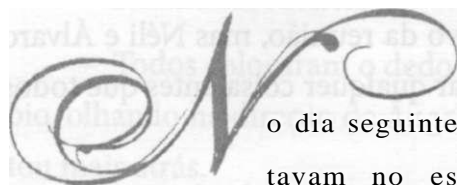
gada, agora estou feliz e aliviada. Precisamos conversar mais, achei muito interessante aprender como as coisas são interligadas. Não tinha me dado conta de tudo isso, e agora, que tudo ficou tão claro e óbvio, estou me sentindo uma tola.

- Que nada, você não é nenhuma tola, apenas ignora muitos assuntos transcendentais. Mas é só ler e estudar bastante, tem muita coisa editada que vale a pena ler, e o prazer foi meu em vir aqui e saber de tão boa notícia. Marcaremos outro dia, está bem? Despediram-se alegremente, e cada uma seguiu o seu caminho.

Capítulo 15

UMA BOA NOTÍCIA





o dia seguinte, Ângela e Marta estavam no escritório trabalhando quando o telefone tocou. Era Néli, que tinha faltado ao trabalho.

- Olá, tudo bem, Néli? Está doente?

- Não, foi só uma indisposição, mas já estou bem. Estou ligando para convocar a turma toda para hoje à noite, lá em casa; avisem a todos.

- Mas hoje é quinta-feira e nem tem futebol. Por que essa reunião, alguma coisa especial?

- É surpresa. Vai ter até champanha.guardo vocês todas com seus respectivos acompanhantes.

- Desligou, a danada. O que será? Só podem ter ganho na loteria e querem festejar.

- Pelo menos é **uma** boa notícia, vai ter até champanha, vai ser bom.

Voltaram ao trabalho, cada uma imaginando o motivo para esta reunião extraordinária.

À noite, todos foram chegando alegremente, perguntando o motivo da reunião, mas Néli e Álvaro se negavam a adiantar qualquer coisa antes que todos chegassem.

- Estão todos aqui, está faltando alguém? Vamos conferir, agora fica mais fácil; estão todos aos pares. Janete e Jorge...

- Presentes!

Todos riram com um pouco de nervosismo e ansiedade.

- Deixe-me continuar, senão me perco.

- Pelo nervosismo geral, o assunto é sério e é melhor a gente cooperar, pessoal.

- O assunto é seriíssimo!

- Gente, quanto mais me atrapalharem, mais vai demorar.

- Pronto, pode continuar, estamos calados.

Todos se calaram, contendo a vontade de rir, num típico comportamento infantil.

- Como já falei: Janete e Jorge, Marta e Mauro, Deise e Jamil... A Ângela não veio?

- Estou chegando, perdi alguma coisa?

- Shiiiiiiiiiu, silêncio!

- Todos colocaram o dedo indicador sobre o lábio, olhando na direção de Ângela, que logo se aquietou mais atrás.

- Salete e Luiz Alfredo...

- Salete e Luiz Alfredo? - perguntou Ângela, sem se conter

- Shhhiiiiuuuuu!

Todos chiaram juntos.

- Sim, estão juntos desde que ele voltou... - alguém falou baixinho perto do ouvido dela para não atrapalhar.

- Quem está faltando?

- O Leon. -falaram todos, quase ao mesmo tempo.

- Leon está aborrecido comigo e não virá. Pode riscar... - falou Mauro.

- **Quem** é Leon? - perguntou, Ângela.

- Ultimamente você está sempre por fora do que acontece aqui; ele é amigo do Mauro, e se você não andasse tão misteriosa e recolhida, sumindo todos os fins de semana, já o teria conhecido. Ele é muito legal e já está até se enturmado com a gente.

- Bem, pessoal, vocês vão querer saber por que estão aqui, ou não vão querer saber? A Ângela que se acalme, que depois vocês contam o que ela quer saber.

- Nossa, estão estressados, amigos! - exclamou Ângela, sorrindo admirada com o nervosismo dos amigos, sempre calmos.

- É a emoção, minha gente. Hoje eu estou muito feliz, nós, eu e a Néli estamos muito felizes e queremos dividir com vocês, amigos de todas as horas, a nossa alegria.

Parou de falar com a voz embargada de emoção, deu um beijo carinhoso em Néli e continuou depois de respirar fundo:

- Nós estamos grávidos, é isso! Depois de nove anos de casados, grávidos! Eu não sabia que era tão bom assim, senão já teria providenciado essa felicidade antes.

E em lágrimas, abraçou-se a Néli, que carinhosamente retribuiu o beijo do amado.

A alegria foi geral, todos se abraçaram e choraram emocionados. Abriram o champanha e, juntos aos futuros pais, festejaram por horas a felicidade dos amigos. Foi muito comovente ver um casal, cheio de amor, vivendo um momento tão bonito como esse.

Tarde da noite, todos foram se despedindo e se encaminhando para suas casas, cada um levando consigo um pouco daquela emoção. É sempre uma bênção uma criança que vem ao mundo; qual seria a missão daquele ser? É o mistério da vida.

Leon agitava-se na cama sem conseguir dormir. Levantou e deitou várias vezes, até que, cansado, jogou-se no sofá que ficava embaixo da janela e começou a observar o céu estrelado, admirando a imensidão do Universo. Foi soltando o corpo, relaxando e entrou em regressão. Foi novamente parar na praia, na beira do mar. Foi ao **encontro** do seu amor...

Chegou sábado e todos foram para a casa da **Neli** e Álvaro, ver o futebol. Leon foi para a casa de

seus pais no interior para ~~descansar~~. Bateu a saudade e resolveu de repente visitar seus pais, sua irmã e sua avó. Andava angustiado com aquela situação, sentia-se solitário, inquieto, precisava urgentemente mudar de ares, descansar. Nem ele se aguentava mais de tão chato, que estava ficando, e também queria ver a sua família: seus pais e sua querida avó. Quando se deu conta, já estava a caminho de casa.

Viajando em sentido contrário, Ângela estava pensativa, um pouco emocionada, não sabia o que era. Ia para o litoral meditar, ler e estudar o fenômeno do desdobramento. Sentia o seu amor tão perto, que o seu peito ficou inundado de felicidade, parecendo estar aninhada nos braços de João Marcos. Logo chegou ao seu destino, que não era assim tão longe.

A casa de Néli e Álvaro era uma festa naquele sábado. Todos levaram presentinhos para o nené, deixando o casal mais bobo ainda, e muito comovido com o carinho dos amigos. Na frente da televisão, os rapazes torciam aos berros pelo time, que pelo jeito não ia bem, enquanto as amigas conversavam na cozinha.

- Vocês estão gostando do novo apartamento? - perguntou Marta a Janete.

- Estamos adorando. Precisa ainda de uns retoques na decoração. Já falei para vocês que somos vizinhos de Leon? Mas só o vimos no dia em que fomos conhecer o apartamento. Depois que mudamos, nunca mais nos encontramos.

- Acho bom que estejam gostando mesmo, porque daqui a pouco tem bebê chorando nessa casa e teremos que trocar o nosso "quartel general" de lugar. Neste apartamento minúsculo, não vai dar - falou Marta em tom de brincadeira.

- Ai, que maldade! Vocês pretendem me abandonar **quando o nenê nascer?**

- Claro que não, Néli! Mas acho que devíamos, sim, fazer um rodízio, cada sábado na casa de uma, que tal?

- É, pode ser, assim fica até mais divertido.

- Qualquer hora vamos fazer um jantar para todos nós lá em casa. Eu e Jorge já falamos sobre isso e, assim, inauguraremos oficialmente o apartamento. Mas achamos melhor deixar passar as festas de final de ano. O que não impede que dêem uma passadinha lá antes disso para conhecerem a casa, é claro.

- Então, todos viajarão? Todos nós viajaremos para lugares diferentes, fora da cidade?

- Talvez Ângela fique mais uns dias antes de ir para a fazenda. Ela está terminando de organizar um processo grande e depois viaja. O programa dela ultimamente tem sido diferente de todos. Está um mistério, essa menina.

- Não é bem assim, Janete. Ângela está em busca de si mesma, do autoconhecimento, logo estará bem e não vai querer se afastar de ninguém. Tenho tido uma intuição insistente, mas não posso contar ainda.

- Lá vem a Deise, outra vez, com suas intuições; vou levar esta pipoca para a sala, que é melhor... - falou Marta, saindo da cozinha carregando duas enormes bacias de pipoca.

- Mas é verdade. Ela só estará bem quando se encontrar com "ele". Mas como fica difícil saber quando e onde o encontro irá acontecer, não sabemos quando ela vai voltar a estar totalmente de novo com a gente.

- É, pode ser, mas você há de convir que é muito esquisita essa procura do passado no presente, para viver no futuro. Credo, nem sei o que acabei de dizer!

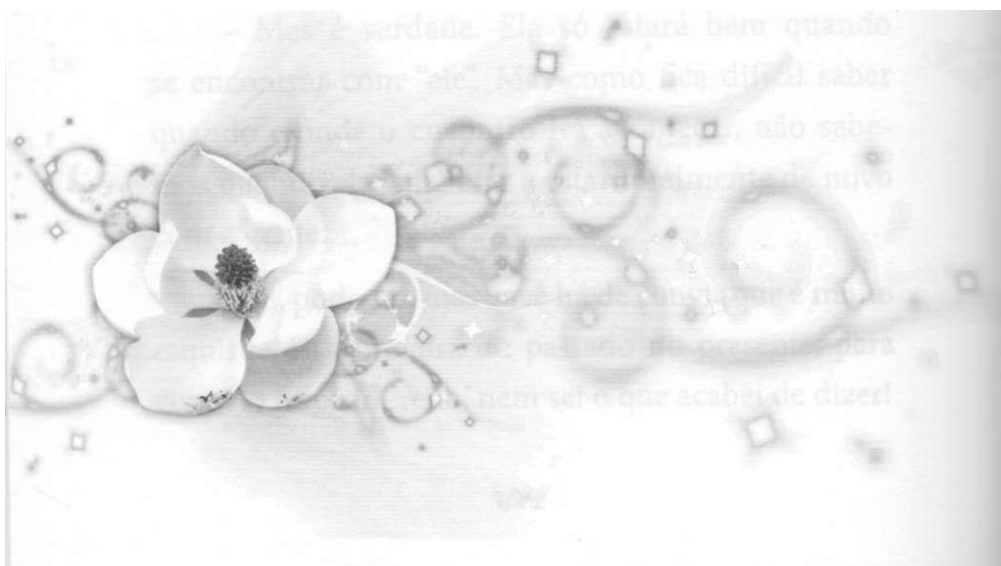
- Por favor, não vamos falar desses assuntos, que vocês sabem que não gosto ou então vou para a sala assistir ao futebol.

- Não se preocupe, Marta. Não vamos entrar "nesses assuntos". Estamos saindo. Então, Néli, vai ser menino ou menina?

- O que vier será bem-vindo...

Capítulo 16

O ENCONTRO





s semanas que antecederam o Natal foram muito atribuladas. O calor escaldante, tudo para conferir, organizar os presentes, a mala de viagem e Ângela, de tão atarefada, não sabia mais o que fazer primeiro. O escritório, por conta das festas, entrava em recesso externamente, mas internamente continuava funcionando. Férias mesmo, só no começo de janeiro, e só alguns dias. Faltavam três dias para o Natal e Ângela passaria a festa com a família no interior. Lá na fazenda, não era costume esperar a entrada de ano novo, acordados. Afinal, a vida na fazenda é igual todos os dias. Só no Natal é diferente. O presépio, as orações e os cânticos natalinos, a ceia farta reunindo todos os empregados à mesa, a família toda reunida, convidados, muita alegria e confraternização entre todos. Isto sim, era sagrado e muito importante para os pais de Ângela, que agradeciam e presenteavam

todos aqueles que os serviam durante o ano. Um Padre sempre era convidado para se hospedar naqueles dias de festa. Era um típico Natal Cristão. Uma festa linda, que estendia harmonia por todo o ano. Ângela tinha lindas lembranças.

- "Ih, preciso me apressar"- falou para si mesma, sonhadora, já se imaginando reunida com a família no Natal. E este ano o seu trabalho sobrecarregou um pouco mais nesse período, precisando trabalhar muitas noite, até bem tarde. Assim mesmo, teria que voltar no dia vinte e seis, pois precisava completar um assunto pendente no Banco, diretamente com o gerente. Quando Ângela conseguiu embarcar no avião para casa, estava exausta e realmente precisando de um descanso merecido. Mas a cabeça continuava cronometrando o que faria nos próximos dias. No dia vinte e sete, depois de ir ao Banco, desceria para a pousada, no litoral, por alguns dias; já havia feito a reserva.

Ficaria por lá até o dia cinco de janeiro. Neste mesmo dia, enquanto Ângela viajava para a fazenda, Leon estava à beira da piscina com toda a família reunida, na expectativa das festas natalinas. Todos esta-

vam felizes. Mas Leon estava um pouco "desligado", um pouco "longe". Sua irmã Rosana se aproximou e perguntou:

- Ei, aonde anda você, hoje é véspera de Natal, sabia? Sua família está aqui ao seu redor lhe papariando e você "nem aí"?

- Estava só distraído, pensando em branco.

- Pensando em branco?

- É, sem pensar em nada. Está em branco o meu pensamento, igual história em quadrinhos, como aquele balão que o desenhista faz para escrever as falas dos personagens, sabe? O meu balão até este momento estava em branco, entendeu?

- Interessante ilustração. Acho que nunca pensei em branco... - falou ela sorrindo.

- Na realidade, você nunca pensou, garota. Sua cabeça está sempre em branco, vazia. Nem parece uma senhora casada cheia de responsabilidades, hum... daqui estou vendo dois neurônios bem pequenos, mas eles também estão em branco, que pena... - falou brincando com a irmã, que o empurrou para dentro da piscina, como sempre faziam

quando eram crianças, sempre se provocando. Leon adorou aquele banho, aquela folia com a irmã, como quando brincavam nos velhos tempos. Adorava a irmã, relaxou e se descontraíu como não fazia há muito tempo.

Na noite de Natal, pouco antes da ceia, sua avó se aproximou num certo momento em que ele se afastara até a janela e lhe perguntou:

- O que você tem, meu querido? Está com a alma triste, não é verdade?

- Vovó, não dá para explicar, mas posso lhe dizer que estou sentindo falta da Alma. Da minha Alma - falou com um sorriso meio triste, misterioso, usando uma frase de duplo sentido, que só ele entenderia ou talvez o seu amigo Mauro.

Beijou a avó, abraçou-a com carinho e ternura, deixando-a mais feliz, mesmo sem entender bem o que ele quis dizer com aquela frase. Todos foram para a mesa, fizeram as orações e brindaram o Nascimento de Jesus. Logo depois da ceia, ele se desculpou, deu boa noite a todos e foi dormir, alegando sono e cansaço.

A família lhe desejou boa noite e ficaram comentando o seu comportamento. Todos o acharam um pouco triste, calado, mas respeitaram o seu silêncio. Achavam que ele estava sentindo falta da Mari, pois era o primeiro Natal que passavam separados. Enfim, quando ele quisesse falar, eles estariam ali, como sempre, para ouvi-lo.

- O que lhe está faltando é uma companheira de verdade. daquelas que fazem um homem se sentir completo. Ninguém pode viver com quem não gosta e nem viver sem amor - afirmou a avó, do alto da sua sabedoria. Todos concordaram e continuaram falando a respeito da solidão e de relacionamentos durante um bom tempo.

Na casa da família de Ângela, não foi diferente: apesar da alegria geral, todos percebiam que ela estava um pouco triste, reservada, pensativa e mais calada que de costume. A desculpa era o cansaço, o excesso de trabalho, mas a palavra certa era saudade. Após as orações, a ceia e a troca de presentes, ela deu boa noite a todos e foi dormir. Foi só deitar a cabeça naquele imenso travesseiro macio de penas de gansos, criados ali na fazenda, e

feito por sua mãe, dormiu como um anjo. Foi um sono imediato e profundo.

Ângela sonhou que voou em direção ao mar. Ao pousar os pés na areia fria, olhou à direita e viu um vulto que estendia a mão para ela. Era João Marcos. Ele a tomou nos braços e a carregou no colo, aconchegada em seu peito, pela imensidão da praia naquele morno entardecer. Andando à beira da água, ele a carregava com tanta leveza, como se flutuassem os dois. O amor transbordava entre eles. Sentindo a força do seu peito quente, ela aninhou-se como uma criança segura do carinho e dos cuidados daqueles braços fortes que a carregavam. Acordou feliz, ainda sentindo a sensação de estar em seus braços.

Leon teve o mesmo sonho. Assim que dormiu, começou a caminhar numa praia de areia muito fina e branca. Ao chegar à beira da água, olhou para o lado e viu um pássaro branco voar em sua direção. Ao estender a mão para pegar o pássaro, ele se transformou na sua amada Alma de Luz, que se aninhou muito à vontade em seus braços. Continuou assim andando pela praia, carregando-a com muito cuidado, com os pés na água. Acordou leve e

um pouco trêmulo, mas com o coração repleto de felicidade.

No dia vinte e seis, Ângela, cheia de alegria, despedia-se da sua família inteira no aeroporto, aonde tinham ido acompanhá-la.

- Minha querida, venha mais vezes para casa, você devia ficar para o primeiro do ano; está trabalhando muito e vivendo pouco. Precisa arrumar um novo namorado. Se não deu certo com Luiz Alfredo, com certeza, com outro dará.

- Não estou preocupada com isso, mamãe. Só vou me casar quando encontrar a minha alma gêmea, minha cara-metade, a minha metade da laranja; se não, não tem casamento. Já falei isso mil vezes e repetirei outras tantas.

- Não seja tão exigente, minha filha, almas gêmeas não existem.

- Vamos ver, mamãe, vamos ver...

- Deixe a sua filha em paz, Angélica. Ela sabe o que faz, é a vida dela - falou seu pai em sua defesa e, como sempre, com ponderação.

Ângela chegou em casa, jogou-se no sofá e, por

alguns momentos, ficou ali, relembando cada detalhe do sonho com o seu amado João Marcos e, ao se lembrar, seu coração disparou e transbordou de amor, revivendo cada momento do sonho.

No seu apartamento, Leon, que também tinha voltado, estava da mesma forma, jogado no sofá embaixo da janela, ouvindo música e relembando o mesmo sonho. Seu coração até doía de tanta saudade. Como gostaria que Alma estivesse ali, naquele momento, abraçada a ele. Voltou para a sua casa, pois tinha a sensação de que lá, junto da família, ele estava mais longe dela do que ali, na casa dele. Não quis esperar o ano novo com eles, sentiu uma força estranha chamando-o de volta.

Quando Ângela abriu os olhos, já escurecia. Foi até o banheiro, ligou o chuveiro e lentamente tirou toda a roupa, entrando em seguida de cabeça embaixo da água, deixando que esta lhe lavasse até a alma. Ao sair, enrolou-se numa grande toalha e entrou no quarto, onde sua mala fechada continuava no mesmo lugar em que a colocara. Voltou a banheiro, pegou seus cremes e foi se arrumando sem pressa e, quando olhou para o lado, viu uma mensagem no fax.

- Quem será que mandou esta mensagem e quando? - pensava, enquanto pegava o papel para ler.

"Ângela, antes de mais nada, um grande beijo.

Esperamos que tenha passado um Feliz Natal junto à sua família.

Eu e Jorge estamos muito felizes e adorando a Bahia. Alugamos um carro e já visitamos muitos lugares, muitas igrejas e muitas praias. Tiramos muitas fotos, que mostrarei quando voltarmos. Estou lhe escrevendo, pois preciso de um favor. Não pude pedir à Salete, porque como você sabe, ela também saiu da cidade com Luiz Alfredo. Só ficou você. Ou melhor, estou torcendo para que você esteja aí, já que falou que estaria aí no dia 27. É o seguinte: viajamos e esquecemos em cima da mesa da sala o documento para pagar o condomínio. Já lhe enviamos pelo correio, há três dias, uma cópia da chave do apartamento. Se você estiver aí até o dia 30, poderia pagar no Banco para nós? Só voltaremos dia 10. Se esperarmos a volta, pagaremos com multa. Liguei várias vezes para o seu celular e estava sempre desligado ou fora de área. O telefone dos seus pais está anotado na agenda do consultório.

Espero não estar lhe dando muito trabalho. Ficaremos sempre agradecidos, na certeza de que sempre poderá contar conosco.

Um beijo grande dos amigos que torcem para você encontrar o que está procurando.

Jorge e Janete

Ângela ligou para o porteiro e perguntou se tinha chegado alguma encomenda pelo correio para ela.

- Tem sim, dona Ângela. Deixei para entregar assim que a visse.

- Deixe aí mesmo, vou sair daqui a pouco e pego com o senhor, obrigada.

Ângela vestiu um conjunto leve rosa-claro e perfumou-se de Colônia de Magnólia, como de hábito, colocou o recado do fax com o endereço, informado dentro da pequena bolsa e desceu até o térreo. Pegou a encomenda, abriu o envelope e retirou duas chaves que vieram acompanhadas de um chaveiro com uma estrela grande, azul, pendurada. Colocou-as na bolsa e foi pegar o seu carro. A caminho da garagem, calculou que, se fosse de táxi, iria mais rápido e de

forma mais segura do que sozinha dirigindo àquela hora. O endereço era relativamente perto dali, mas o percurso ia ser complicado, pois a avenida tinha duas mãos de direção, era muito longa, teria que procurar o endereço, e já era noite. Um táxi realmente era mais viável. Pediu ao porteiro que chamasse um radiotáxi.

Parou em frente ao prédio, pagou e desceu. Pegou a chave menor e abriu a portaria, entrando em seguida e sendo cumprimentada pelo funcionário que estava ali, discretamente.

Tomou o elevador e, finalmente, chegou ao apartamento de Janete e Jorge. Não sabia porque, mas estava nervosa, sentia-se invadindo... Uma sensação esquisita. Olhou o apartamento rapidamente, achou-o muito elegante, pegou o documento sobre a mesa, colocou-o na bolsa e saiu. Chamou o elevador, que demorou um pouco a chegar. Mas quando a porta se abriu, e ela entrou, sentiu-se paralisada, emudecida, e estática, diante de ninguém menos que:

- João Marcos!

- Alma!

Ficaram de olhos arregalados olhando um para o outro, sem acreditar no que viam, sem falar nem se mover, até que o elevador continuou a descer. Parou no térreo e os dois continuaram se olhando, sem coragem de se tocarem nem falarem, com medo de quebrarem o encanto e que fosse mais um sonho e eles não queriam acordar. Um senhor entrou, cumprimentou-os e eles nem responderam, fixos um no outro. O elevador parou em algum andar onde o homem desceu e logo tornou a movimentar-se, parando logo abaixo, onde entrou um garoto. E os dois finalmente se abraçaram, chorando em silêncio, assistidos pela indiscrição do garoto que, ao sair, ainda os avisou que já tinham chegado ao térreo. Eles sorriram abraçados e saíram do prédio caminhando pela calçada, acobertados pela noite de verão. Repetiam os nomes um do outro se abraçavam e se olhavam apaixonadamente, derretidos em lágrimas e sorrisos. Beijavam-se e sorriam, sem acreditar que chegara o tão esperado momento; o momento do encontro, ou melhor, do reencontro. Pararam na frente de um barzinho discreto, com pouca gente, e resolveram entrar. Sentaram-se a uma mesa de canto, bem no fundo e se olhavam, se abraçavam, e se beijavam, acariciando-

se sem parar, como se nada mais houvesse a dizer um para o outro. O garçom foi solenemente ignorado em várias tentativas de oferecer seus serviços até que eles resolveram pedir alguma coisa, em que nem tocaram. Num dado momento, o garçom pediu desculpas e avisou que iriam fechar o estabelecimento comercial e eles precisavam se retirar. O dia já clareava, e eles nem se deram conta de que as horas tinham passado. Estavam um com o outro desde a noite passada e era só o que importava. Saíram do bar banhando-se num sol que se abria para mais um lindo e radioso dia de verão e prometia ser o mais lindo de suas vidas. Caminhavam sem rumo, abraçados e apaixonados, chorando, rindo e contando um para o outro os seus sonhos e lembranças. Tinham tanto para falar, para contar e se amar, que até doía. Caminharam até o final da rua até uma pequena praça, devagar, como se o tempo não existisse, como se não houvesse relógio. Sentaram-se num banco para ver o Sol acabar de se levantar à beira de um pequeno lago e ali ficaram mais um pouco, calados, olhando-se, sem ainda acreditarem naquele presente de Deus que era o de permitir se encontrarem novamente. Até que Leon perguntou:

- Você mora naquele prédio? Como é que nunca nos encontramos, nunca a vi por lá, nem de longe?

- Não, eu não moro lá. Quem mora lá são meus amigos, que esqueceram um documento para ser pago, então, mandaram-me um fax, pedindo para que eu fosse até o apartamento e resolvesse isso para eles. E você, mora lá?

- Sim; eu moro lá desde o começo deste ano. Gosto muito, agora mais ainda, por morar perto dos seus amigos, o que me possibilitou encontrá-la. Abençoado documento esquecido. Deveríamos colocá-lo numa moldura.

- É mesmo. E por falar nisso, ainda preciso pagá-lo hoje, sem falta. Hoje é o último dia sem multa, depois, só no ano que vem...

- É o primeiro dia do nosso reencontro depois de tanto tempo...

- Uma eternidade quase insuportável - falou ela, aconchegando-se mais ao peito dele.

Nesse momento, Leon, inspirou profundamente e disse:

- Sabe, Ângela, tinha certeza de que quando a encontrasse, iria sentir esse perfume.

- Perfume de Magnólia, não é? Nunca deixei de usá-lo. Tenho uma coleção: perfumes, cremes, loções, águas.

E riram muito enquanto o rapaz não se fartava de sentir aquele suave aroma. De repente, sugeriu:

- Vamos fazer o seguinte: vamos a uma padaria, que estou morrendo de fome. Eu nem jantei ontem; era o que ia fazer quando a encontrei no elevador, a gente come, você também com certeza está com fome, e depois vamos pagar este bendito documento antes que o Banco feche.

- Só agora é que estou me dando conta de que também estou com fome, pois não jantei ontem. Quando saí para ir até o apartamento, pretendia, na volta, passar num supermercado e comprar algumas coisinhas.

- De hoje em diante, faremos todas as refeições juntos, e sabe de uma coisa que ainda não perguntei?

- O quê?

- O seu nome de agora ou você se chama Alma de Luz outra vez?

- Graças a Deus, desta vez, não. Eu me chamo Ângela, e você?

- Eu me chamo Leon de Alencar Montini.

- Bonito nome, e olhe que interessante: eu tenho um grupo de amigos que vivem falando de um novo amigo que entrou para a turma, que se chama Leon. Como não é um nome muito comum, não seria você?

- É possível. Eu conheci novos amigos este ano, que sempre falam de uma Ângela que nunca está quando eu estou, será? Como se chamam seus amigos?

- Janete e Jorge, os donos do apartamento que visitei no prédio em que você mora, Salete e Luiz Alfredo, Marta e Mauro, Deise e Jamil, Néli e Álvaro...

- Que estão grávidos e felizes, tanto quanto os outros.

- Então são os mesmos! Que bom, João Ma... Quer dizer, Leon. Que interessante, não é? Nós dois, envolvidos com as mesmas pessoas, e tivemos outras chances de nos encontrar, já que, como você mesmo falou, quando você estava eu não estava, e vice-ver-

sa. Perdemos mais um pouco de tempo de estarmos juntos, mas como diz a Deise, tudo tem sua hora de acontecer e, com certeza, a nossa hora era essa. E foi tão especial, tão lindo o nosso encontro, que pareceu uma cena de filme, não foi? Seria muito diferente se os outros estivessem por perto. Foi melhor assim.

- É, foi lindo, está lindo. A nossa história dá um romance - e ficaram se olhando, quase hipnotizados de amor.

- Eu contava meus sonhos para as minhas amigas e elas não acreditavam muito em mim quando eu afirmava que ia encontrá-lo um dia. Achavam que era fuga da realidade. Acho até que estavam achando que eu estava perdendo o juízo. Só uma delas, que é a Deise, você a conhece, é que acreditava em mim de verdade, me dava a maior força e compreendia a minha aflição.

- É, sim, eu a conheço e gosto dela também. No meu caso, o sofredor foi o Mauro. O que aquele meu amigo aguentou... Tenho certeza de que, por vezes, me considerou desequilibrado, maluco mesmo. Ele nem vai acreditar que encontrei a minha Alminha, era assim que eu a chamava. Certo dia, eu briguei com ele

porque me disse que eu amava uma alma penada. Fiquei tão louco, que levei dias para voltar a falar com ele e perdoá-lo.

Tomaram o café da manhã tranquilamente, depois foram ao Banco pagar o documento e saíram outra vez, abraçados, apesar de todo o calor de dezembro. Da padaria foram ao jardim botânico e passearam por horas naquele lugar fresco, florido e tão agradável. Um lugar perfeito, que combinava perfeitamente com o momento deles.

Sentaram-se à beira do lago, apreciando as carpas que vinham até a borda. Num dado momento, observaram que um homem caminhava contornando o lago, vindo em direção a eles. Vestia uma roupa surrada - a sobra do que tinha sido uma autêntica capa inglesa, acompanhada de um chapéu preto desbotado; ele parecia um nobre ao andar. Ao se aproximar, tirou o chapéu fazendo uma reverência exagerada e, num tom solene, falou com elegância:

Ninguém precisa de nada mais, além do amor para viver.

O amor é a própria vida, o amor do corpo e da alma.

Amar também foi o maior mandamento que nos deixou Jesus Cristo.

Para sobreviver, temos o Sol que nos aquece, a água que nos mata a sede, os frutos que nos alimentam e nascem em qualquer lugar. O manto da noite bordado de estrelas para nos encantar. O homem é rico e não sabe. Ele possui a virtude mais preciosa que Deus lhe deu e não usa, que é o amor em todas as suas formas. O amor multiplica os ganhos. Quanto mais se dá, mais se recebe. Nunca faz falta a quem dá e enriquece um pouco mais a quem recebe. O amor consegue tudo. Por que fazer a guerra?

Vocês são felizes porque se amam de verdade. Eu posso ver isso nos seus olhos.

Eu já amei muito e agora estou me penitenciando porque desbaratei o meu amor. Não soube compreender o verdadeiro valor do amor e hoje estou aprendendo a amar de novo, para poder merecer reencontrá-lo algum dia, em algum lugar no futuro.

O que é o tempo? Ele não existe.

Onde estiver o amor, eu lá estarei, disse Jesus.

Por isto estou aqui dando o meu testemunho.

Sejam felizes, vocês são merecedores dessa bênção.

Fez este breve discurso para os dois, que o olhavam com espanto e, em seguida, recolocou o chapéu na cabeça fazendo um discreto cumprimento e seguiu seu caminho, indiferente a tudo ao redor. O que o movia eram suas convicções. Como um nobre, de cabeça erguida, seguiu seu caminho, sumindo pouco adiante entre as árvores. Foi um momento estranho, pois até o homem parecia fazer parte daquele cenário surreal, enaltecendo o amor maior, incondicional, que só as pessoas como eles conheciam.

Os dois se aconchegaram mais, sentindo que tinham recebido uma trégua para o seu sofrimento, pela perseverança do amor sincero e entenderam a mensagem de que o homem se fizera portador. Deus sempre usa de muitos meios e de diversas formas para enviar suas mensagens. E aquele homem estranho foi o mensageiro que Deus usou para enviar a Sua mensagem. Aquele homem, como muitos que perambulam pelo mundo, são almas resignadas em aprendizado e espera. Tudo fazia parte do cenário e da moldura do seu reencontro - raciocinou Ângela, enquanto olha-

va ao seu redor. Será que Leon teria o mesmo ponto de vista que ela com relação à essência da vida? Parece que ele lia os seus pensamentos, porque a olhou profundamente nos olhos, sorriu e balançou a cabeça num gesto afirmativo, aconchegando-a, sorridente, junto ao peito. Fechou os olhos e pensou: Teriam muito tempo para conversar e "filosofar" à vontade. Em algum lugar do mundo, pessoas assim como eles aprendiam a duras penas a valorizar o amor. Tinham aprendido uma grande e bela lição: a da imortalidade da alma e, portanto, o respeito à vida. O amar incondicionalmente e confiar infinitamente em Deus, que cedo ou tarde encontraremos a nossa "alma gêmea" para um importante propósito.

- Vamos andando, meu amor?

- Para onde?

- Ao meu apartamento e depois ao seu, está bem? - perguntou Leon com carinho.

Saíram em direção a um táxi estacionado na saída do parque.

Chegaram ao apartamento de Leon, que era grande, arejado, com grandes janelas e sacadas com

vista para uma boa parte da cidade. O panorama dali era fantástico àquela hora, quase final da tarde, e logo viria o pôr do sol. Era um espetáculo maravilhoso apreciá-lo dali.

Ângela entrava e saía de cada ambiente como uma criança curiosa, descalça, observando que o apartamento estava quase vazio. Uma grande cama de casal no meio de um dos quartos, uma mesa com um computador e todos os aparelhos afins conectados. Na sala, um sofá confortável e um aparelho de som, televisão, CDS e alguns livros espalhados.

- Pelo jeito, você gosta muito de ler, como eu.

Numa estante, alguns porta-retratos com fotos do que parecia uma família e mais algumas coisas. Em suma, uma casa quase desprovida.

- Por que sua casa é tão vazia, é seu estilo minimalista?

- Que nada, eu sou é preguiçoso. Como vê, até agora não tive motivação para colocar nada que não fosse estritamente necessário. Mas venha até aqui, que quero lhe mostrar um dos motivos que me levou a comprar este apartamento.

Tomou-a pela mão e levou-a até o banheiro, que era amplo, bonito e tinha uma banheira.

- O que você acha?

- Realmente, uma banheira é um irresistível argumento para se comprar um imóvel.

Capítulo 17

CONHECENDO AS FAMÍLIAS





Á anoitecia e Ângela saiu do quarto, enrolada num roupão de Leon e foi andando pelo apartamento, descalça, olhando o anoitecer pela janela, apreciando o acender das luzes da cidade, quando reparou que no fax, que estava meio escondido e não havia reparado quando chegou, tinha uma mensagem. Voltou ao quarto e acordou Leon, que dormia tranquilamente. Com carinho e cuidado para não assustá-lo, Ângela chamou-o e entregou o fax em sua mão. Ao ler as primeiras frases, ele sentou-se na cama, assustado.

- Minha avó não está passando bem e foi internada no hospital. Preciso ir até lá. Você vem comigo? É no interior, em Ribeirão. Vamos tentar ir de avião, táxi aéreo, carro, ônibus ou qualquer outra coisa, mas tenho que ir. Minha avó é uma pessoa muito querida, não só para mim, mas para toda a nossa família.

- Fique calmo, meu amor. Tenha fé, que sua avó estará boa logo. Pessoas de idade sempre têm essas alterações de saúde, mas se recuperam. Não há de ser nada grave, acredite nisso. Confie em Deus, meu amor. Eu o acompanho, claro, mas antes preciso passar em casa; necessito apanhar algumas roupas; saí ontem e não voltei mais para casa, lembra-se? Eu não moro muito longe daqui, vai ser rápido, prometo não demorar nem um pouquinho. Enquanto me visto, telefone para a sua família e fale com os seus parentes para ficar mais tranquilo e pedir notícias. Você vai ver que, quando chegar, ela já vai estar bem - falou Ângela com um sorriso confiante para encorajá-lo. - Estamos tão felizes, meu amor, que nada vai acontecer para empanar esse brilho. Sua avó ainda vai partilhar conosco dessa felicidade por muito tempo ainda, você vai ver.

- Está bem, vou ligar para casa, deixe-me ver quando chegou esse fax. Não dá para ler... Nem reparamos se já estava aí quando chegamos... Vou saber como estão as coisas. Ih, meu celular ficou sem bateria, está descarregado, deve estar mudo desde ontem. Vou ligar do outro aparelho e vou ligar também para o

aeroporto. Se não tiver mais passagens, pegaremos um táxi aéreo, fim de ano fica tudo congestionado: aeroporto, rodovias, tudo.

- Onde mora exatamente a sua família?

Ângela falava com Leon, para tranquilizá-lo, enquanto se vestiam rapidamente.

- Numa fazenda perto de Ribeirão Preto. Minha avó mora na cidade com duas empregadas, que lhe fazem companhia há muitos anos... - respondeu, no momento em que conseguia falar com a empregada da casa, que lhe informava que todos estavam no hospital acompanhando a avó.

- Que coincidência, minha família também é fazendeira. Temos uma propriedade em Minas, próxima à divisa de São Paulo, minha família é meio paulista e meio mineira. Mas eu adoro o litoral. Pretendo, ainda, comprar um imóvel à beira-mar. Gosto de olhar o mar todos os dias, principalmente pela manhã, sentir o cheiro da maresia e ouvir os seus marulhos que assim, como a cor, mudam com o tempo e a temperatura.

- Ângela, o seu apartamento é muito bonito e

aconchegante. Dá vontade de não sair daqui... Ele é todo você, é romântico.

- Só que não tem banheira e nem espaço para instalar uma. Este apartamento ainda é do tempo da faculdade. Só mudo a decoração de vez em quando, a posição dos móveis e objetos, as cortinas, essas coisas. Eu adoro fazer isso.

- Então você vai se divertir muito arrumando e decorando o meu para nós dois.

- Vai ser um prazer, aliás, para lhe falar a verdade, enquanto você dormia, andei olhando e tive algumas ideias. Eu sou metida, sabia?

- Sei, esqueceu que eu a conheço há muito tempo? Mas eu adoro que me cuidem, e principalmente, amo você demais para me preocupar com coisas tão pequenas. Vamos andando? Está pronta? Consegui um táxi aéreo, assim chegaremos mais rápido.

Algum tempo depois, voavam abraçados. Ângela sentia a preocupação de Leon pela avó e ficou comovida... Como ele era carinhoso!...

No Vale do Amanhecer, todos se preparavam para as orações do entardecer.

Deise e Jamil, de mãos dadas, vestindo roupas de seda coloridas, seguiam com outros para o lugar destinado ao ritual das orações, um templo a céu aberto, tendo por atração central uma estrela de seis pontas de espelho d'água. Colocaram-se de frente para o sol alaranjado, quase vermelho, que estava praticamente todo mergulhado no horizonte de um maravilhoso pôr do sol de dezembro enquanto algumas estrelas já compareciam no céu prenunciando uma noite quente, de paz e de muitas vibrações positivas.

Estenderam suas mãos espalmadas em direção ao horizonte e depois ficaram frente a frente de mãos dadas, na certeza de que cada dia estava sedimentando mais o seu amor. O amor que os unia e que se alojava plácida e em seus corações para ficar. Quando saíram dali, um céu azul-marinho, coberto de estrelas brilhantes de muitos tamanhos os acobertava totalmente, trazendo vibrações inspiradoras. Naquele momento, Deise conteve um grito, que foi percebido por Jamil;

- O que foi, meu amor?
- Espere, deixe eu me concentrar para confirmar

a visão-intuitiva que recebi. E **f**icou por uns momentos estática. Parecia em transe, e as mãos) levemente trêmulas e frias, confirmavam aquele **m**omento especial. Jamil, preocupado com o inusitado, aguardava ansioso e cheio de curiosidade em silêncio. Fazia algum tempo que Deise não recebia uma mensagem assim tão forte. Em seguida, ela abriu os olhos e sorriu para ele, que perguntou aflito:

- O que foi? Algum aviso?

- Uma boa notícia! Não, uma ótima notícia!

- Não me deixe curioso...

- Ah, pensei que curiosidade fosse atributo só das mulheres. Mas a boa notícia é que Ângela encontrou a sua "alma gêmea" tão esperada.

- É sério? Como você sabe?

- Eu fui avisada pelos meus amigos Espíritos.

- E o que eles lhe contaram?

- Que Ângela encontrou a sua "alma gêmea", e sabe quem é ele?

- Não faço a menor ideia...

- O Leon.

- O Leon? Aquele... O nosso amigo?

- Sim, ele mesmo, e estão juntos. Mas não sei por que, estão viajando para algum lugar de avião. Mas senti também uma preocupação com alguém doente. Não é uma viagem de passeio, é um caso de urgência.

- Um deles está doente?

- Não, um deles está com um parente doente, será que é o pai da Ângela? Certa vez, sonhei que ela chorava muito e me dizia que uma pessoa estava muito doente, muito mal, só que no sonho eu não entendia quem era essa pessoa. Foi quando o pai dela adoeceu seriamente. Bem, se houver alguma coisa séria, a gente logo vai ficar sabendo; mas agora, o mais importante, é que a minha amiga encontrou o amor com quem já viveu muitas vidas, muitas encarnações juntos.

- É mesmo?

- Não lhe contei?

- **Meio** por alto, eu acho...

Finalmente, Leon e Angela desceram no aero-

porto e de táxi foram rapidamente até a cidade, onde esperava por ele toda a família reunida na sala de espera do hospital.

- Oh, meu filho, por que não telefonou, que iríamos buscá-lo no aeroporto?

- O que houve com a vovó? Infelizmente, não deu para chegar antes - perguntou com apreensão a todos que o olhavam.

- Vovó teve tonturas e um desmaio. Ficou tão branquinha, que parecia que iria morrer - falou a irmã, abraçando-se a ele.

- Agora ela já foi medicada e está numa sala de observação esperando o resultado de alguns exames.

- Leonora está com ela - falou o pai, abraçando-o também, referindo-se à sua mãe, que acompanhava a sua avó lá dentro com os médicos.

Sua tia Maura também estava sentada e pensativa, juntamente com suas duas primas gêmeas, adolescentes - Marina e Marília, que se levantaram e vieram cumprimentá-lo. Depois de algum tempo, Leon lembrou-se de que não viera só e, pedindo mil desculpas, apresentou Ângela. Todos a olharam

com admiração, já que, poucas horas atrás, praticamente, na festa de Natal, ele estava só e não falou de uma possível namorada e até se esquivou do assunto. Ângela ficou um pouco constrangida, já que aquele era um momento muito íntimo para aquela família que ela ainda desconhecia. Leon, percebendo o seu constrangimento, pediu licença a todos e se retirou com ela para o canto da sala perto da janela. Ângela o abraçou em silêncio, um pouco para tranquilizá-lo e um pouco para se tranquilizar e ali ficaram um bom tempo em silêncio, como todos os outros, meio sonolentos, esperando o retorno da avó.

Ângela, calada, repensava os últimos acontecimentos. Foi uma virada e tanto na sua vida, mas a sua felicidade era tão grande, que até saía pelos poros. Seu coração ainda trepidava de vez em quando de emoção. Naquelas últimas horas, tudo mudou para ela, ou melhor, para eles.

Estavam ali, silenciosos e abraçados, ouvindo bater seus corações, olhando o dia clarear pela janela, quando ouviram o barulho da cadeira de rodas e das vozes das pessoas que acompanhavam a vovó Rosita.

Todos pararam ao redor deles no meio da sala. Vovó Rosita pediu, então:

- Deixe-me beijar e abençoar meu neto querido. Por que foram assustá-lo? Disseram-lhe que eu estava morrendo? Ainda não foi desta vez. Ainda vou ao casamento dele antes disso, podem ter certeza.

Todos riram, aliviados com o sempre bom humor da avó.

Abraçou o neto com ternura, dando-lhe um beijo de cada lado, como sempre fazia. Sua mãe também o beijou, parando todos para olhar Ângela, que se sentia cada vez mais observada e um tanto constrangida.

- Essa é a Ângela, vovó...

- Bem, se me dão licença... - falou o médico, interrompendo os cumprimentos.

Todos pediram desculpas e ele explicou que a vovó teve apenas uma alteração da pressão arterial, ocasionando uma arritmia cardíaca, o que lhe provocou o mal-estar. Foram feitos os exames de eletrocardiograma e ecocardiograma, foi corrigida a pressão e a medicação, e logo ela estaria bem e até poderia ir para casa, desde que observasse o repouso e a medicação.

Todos ficaram muito contentes e a vovó não escondia a alegria de rever seu neto querido. Ao chegar em casa, foi logo perguntando a ele por que tinha vindo no carro da irmã e não junto com ela no carro de Leonora e Ricardo, pais de Leon. Quando chegaram à antiga casa senhorial, no centro da cidade, encontraram uma farta mesa de café da manhã, à moda da fazenda, à espera deles. Os empregados vieram dar boas-vindas à vovó Rosita, que era muito querida por todos. Enquanto se acomodavam à mesa, vovó contagiava a todos com sua alegria quase infantil ao ver toda a família reunida ao seu redor.

- Meu querido, não vai me apresentar esta linda moça direito? Mãe vai me dizer quem ela é? Você SÓ me disse que ela tinha nome de anjo, bem na hora que O Dr. Sebastião interrompeu; como é mesmo o nome dela?

- Desculpe, vovó, fiquei tão nervoso de vê-la no hospital, que nem conseguia raciocinar direito. Esta é Angela. Ângela, essa é a minha mulher favorita, vovó Rosita. Não sei se você notou, mas nesta família só tem dois homens. Eu e meu pai. Ah, e o meu cunhado Maurício, marido de minha irmã Rosana, mas esse,

não conta - falou piscando para a irmã, enquanto todos riram da piada.

- É, mas eu perco longe para ele - retrucou seu Ricardo, com uma ponta de ciúme.

- Olha só o ciúme. Como não moro aqui, ele reina sozinho entre elas o tempo todo e ainda reclama...

- provocou.

- Sim, mas o tempo todo elas só me dizem que morrem de saudades suas. De que **adianta?**

Dali a pouco, todos estavam calmos e **tranquilos**, brincando uns com os **outros**. O susto havia passado e até Angela já estava mais à vontade. Todos, porém, estavam considerando Ângela mais **uma** das muitas namoradas que Leon apresentara à família. Só a sua avó Rosita não se enganou. **Tinha** certeza de que **Ângela** era muito especial **para** ele e agora estava ansiosa para saber mais detalhes daquele namoro. Todos se recolheram aos seus quartos para descansarem da noite maldormida, e principalmente para convencermos a vovó a fazer o mesmo até, pelo menos, à hora do almoço.

Passava das doze e trinta quando todos se encon-

traram para o almoço na sala de refeições e vovó, antes de se sentar à cabeceira da enorme e antiga mesa, chamou Leon de lado e lhe falou junto ao ouvido:

- Tenho certeza de que esta é a sua "alma", não é? Vejo isso nos seus olhos, meu querido.

- Vovó, a senhora é uma sábia, que me conhece muito bem.

- Era por ela que você suspirava no Natal, não era?

- Era sim, mas agora eu a encontrei, ou melhor, eu a ~~reencontrei~~ e não vou deixá-la nunca mais. Mais tarde eu vou ~~contar para~~ vocês a nossa história, minha e de Ângela.

Foi até onde Ângela estava conversando com sua mãe e sua irmã e a trouxe para perto de sua avó. Fazia questão que elas se conhecessem melhor.

Sentaram-se todos à mesa e ali ficaram conversando até muito depois de ser servida a sobremesa, o licor e o café. Foi então que, com toda a naturalidade, vovó perguntou o que todo mundo queria saber: Quem era Ângela? - que todos perceberam naquelas poucas horas que ali estava, ser uma pessoa tão especial para Leon.

- Ângela é a minha mulher das minhas vidas, sim, ouviram bem, das minhas vidas, das muitas vidas, que vivi com ela. Vou contar desde o início...

E toda a família ficou **pasma com** a história que ouviram e que, olhando **os dois, dava** para sentir a vibração deles, a energia serena **que emanavam** e que era quase possível tatear. Dava para **ver** que era tudo verdade. Todos estavam muito felizes e festejaram também aquele grande momento. Então, a pedidos, Leon e Ângela resolveram ficar e festejar a entrada do ano dois mil, junto daquela família harmoniosa e feliz.

* * *

Ângela e Leon voltaram para casa dois dias depois e logo viajaram para o litoral para a mesma pousada em que ela costumava ficar hospedada nos finais de semana.

Certa manhã, em que caminhavam descalços pela praia, sentindo as delícias de pisar na água e na areia, sentindo o mar nos pés, indo e vindo, Ângela falou:

- Agora, meu amor, preciso levar você para conhecer a minha família. Como lhe falei, meu pai este-

ve muito adoentado uns tempos atrás, e não gosto de ficar sem dar ou ter notícias e também sem ir visitá-lo por muito tempo. Gostaria que vocês se conhecessem. Minha mãe é uma pessoa muito amorosa. Fala o tempo todo, é muito religiosa e muito ativa. Está sempre resolvendo alguma coisa para alguém lá na fazenda. O problema de todos é sempre, também, problema dela. Meus dois irmãos, que têm diferença de um ano só, não se largam. Parecem gêmeos. Até as esposas são muito parecidas, você vai ver, que coisa curiosa. Escolheram serem agrônomos e trabalham juntos o tempo todo. Agora eles tomaram nas mãos a administração da fazenda, que já estava ficando muito pesada para os meus pais

- Você gosta da vida rural, minha querida?

- Não desgosto, mas prefiro a vida na cidade e à beira-mar. Sinto mais de perto a liberdade e a **vida**. Olho para a linha do horizonte e vejo um **barco entrando por ela**, mostrando que o mundo não acaba ali. Já no campo é diferente: os olhos param numa montanha e, se você sobe a montanha até o topo, se depara com outra montanha e mais outra, como acontece em muitas fazendas como a nossa, por exemplo.

- Eu também prefiro viver à beira-mar, não é interessante? Até pensamos da mesma forma.

Continuaram andando pela praia e finalmente Leon falou:

- Que pena, temos que sair deste paraíso e voltar para a nossa realidade, o trabalho, o trânsito, mas o melhor é que eu sei que você estará pensando em mim, como eu em você e contando cada hora e cada minuto para nos reencontrarmos, não é, amor?

Beijaram-se enquanto o Sol mergulhava na imensidão do mar e as gaivotas davam seus gritos de despedida daquele dia que se findava. Tudo era paz.

De repente, Ângela começou a rir sem parar, deixando Leon com cara de bobo, sem entender o que se passava:

- O que foi, está rindo de quê?

- Acabei de me lembrar que deixei uns trabalhos pendentes, daqueles que não se pode deixar para depois, para terminar no dia em que nos encontramos e me esqueci completamente. Simplesmente mandei o mundo parar para eu viver meu grande amor e ser feliz, pode?

- E agora você vai ter que ir ao escritório?

- Nem pensar, o que eu tenho para fazer vai esperar, sim. É pouca coisa e nem teria cabeça para me concentrar nele agora. Não vou deixar você de lado por coisa nenhuma nesse momento, meu amor, não sem antes matar esta saudade que já estava me matando.

* * *

Tinham chegado na noite anterior do litoral e estavam no apartamento dele, arrumando uma bolsa de roupas para tomarem a estrada que os levaria à fazenda da família dela.

- É só esta bolsa de roupas que você vai levar, meu querido?

- Por que, você pretende ficar por lá muito tempo? Quero conhecer a sua família, mas quero voltar logo, sinto muita saudade de você ainda, sabia? Depois começaremos a trabalhar e teremos menos tempo ainda juntos - falou, fazendo um ar de desprotegido, o que a enteneceu e a fez sorrir.

- Ah, meu amor, você está sofrendo por antecipação, não vê? Pretendo ficar provavelmente só

este final de semana. Mas é que, às vezes, à noite, faz um pouquinho de frio na fazenda. Eu sou friorenta; você é friorento? E depois eu preciso apresentar você direito à minha família, assim como você fez comigo. Não podemos chegar lá e voltar correndo no dia seguinte. Você vai gostar deles e da fazenda, tenho certeza.

- Será que eles vão gostar de mim?

- Na verdade, vão odiá-lo, por terem que me dividir com mais um, pode ter certeza - afirmou, dando risada, o que fez com que ele se desse conta do papel ridículo de ciúme infantil que estava fazendo. Queria ela só para ele.

- Desculpe, ainda tenho um medo enorme de acordar e ter sido mais um sonho. Até dói só de pensar, mas tudo bem. Vou pegar mais alguma coisa e já vamos indo.

Chegaram à fazenda quase ao anoitecer. Os pais de Ângela ficaram surpresos com a visita inesperada da filha, que voltou para casa acompanhada daquele homem, desconhecido para eles.

- Papai, mamãe, Toninho, Augusto e minhas

cunhadas Isaura e Inês; quero lhes apresentar o homem da minha vida. A minha "alma gêmea", de quem lhes falei algumas vezes que um dia encontraria e encontrei, aliás, reencontrei. Este é Leon, o homem que me faz a mulher mais feliz do mundo.

Leon, meio encabulado, foi cumprimentando a todos com simpatia.

- Ora, maninha, que discurso é esse de "alma gêmea"?

- Augusto, calma, já vou explicar. Só que agora estamos morrendo de fome. Enquanto comemos, contaremos a nossa história, que é linda, e tão antiga quanto o mundo.

Falava eufórica e feliz, para a incredulidade dos que a observavam.

- O jantar será logo servido, pois já mandei providenciar, querida. Costumamos fazer as refeições mais cedo aqui na fazenda e não sabíamos que estavam vindo para cá, minha filha. Você poderia ter-nos avisado e teríamos esperado para lhes fazer companhia. E você, Leon, fique à vontade, temos muito prazer em recebê-lo - falou a mãe e, em seguida, o pai, que de-

monstravam real contentamento pela inesperada visita da filha. Eles a olhavam com admiração, enquanto Ângela contava com riqueza de detalhes a sua história de amor.

- Por isso aquela misteriosa conversa antes de viajar da última vez?

- Mais ou menos, mamãe, eu já sabia que ia encontrá-lo mais cedo ou mais tarde e estava esperando por isso para qualquer hora. Agora vamos nos casar o mais breve possível, não é, meu amor?

- Sim, mas antes, gostaria de pedir formalmente a sua mão para seus pais. Mesmo que pareça precipitação de nossa parte, temos certeza de nossos sentimentos e do nosso desejo de casar. E já que estamos aqui diante dos senhores, quero pedir a mão de Ângela...

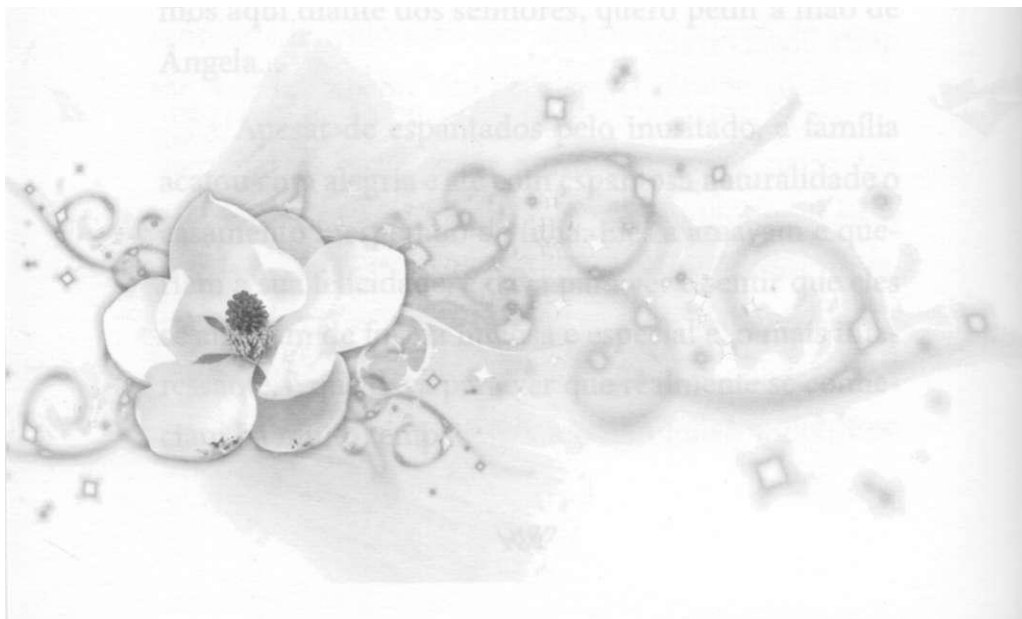
Apesar de espantados pelo inusitado, a família acatou com alegria e até com espantosa naturalidade o casamento inesperado da filha. Eles a amavam e queriam a sua felicidade, e dava para ver e sentir que eles se amavam de forma intensa e especial e, o mais interessante, é que dava para ver que realmente se conheciam há muito tempo.

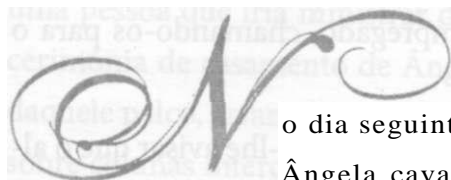
- Viva! Agora podemos jantar? Estou morrendo de fome.

- Até parece que ela come; é um passarinho para comer - comentou a mãe, enquanto se dirigia à cozinha para mandar servir o jantar, provocando risos.

Capítulo 18

PARA CONCLUIR





o dia seguinte pela manhã, Leon e Ângela cavalgavam pelos campos da fazenda e depois seguiram em direção ao recanto preferido dela, perto do rio, onde ela regredira várias vezes.

- Veja este lugar, não é maravilhoso? Foi nesta pedra que, pela primeira vez, encontrei você no meu sonho. Vi-me no meu quarto, lá na Espanha, me vestindo para o nosso casamento. Minha mãe arrumava a mantilha que cobria os meus cabelos, que estavam presos no alto da cabeça por um pente que tinha sido de minha avó e que minha mãe, e minhas tias, também usaram quando se casaram. Depois entrei na igreja onde você me esperava no altar, rodeado de muitas flores brancas. Foi linda a cerimônia do nosso casamento. Duas vezes eu tive este sonho aqui neste lugar. Venha, sente-se aqui comigo. Não precisamos sonhar, pois agora estamos juntos. Vamos ouvir o rio que nun-

ca para de correr, como o nosso amor, que corre para o infinito.

Ficaram ali de olhos fechados, abraçados, ouvindo o rio, até que um galope ali perto os despertou para a realidade - era o empregado, chamando-os para o almoço.

- D. Ângela, sua mãe manda-lhe avisar que o almoço vai ser servido.

- Está bem, Duílio, já vamos indo, obrigada. Suba rápido no cavalo e vê se me alcança, Leon.

E saiu em disparada como uma garotinha levada, com Leon galopando atrás, assim como ela fazia com Duílio, que ficou para trás sorrindo ao ver os dois brincando como duas crianças cheias de felicidade. E deu graças, que desta vez ele tinha escapado da correria que D. Ângela gostava de fazer com ele desde menina. Não tinha mais idade para isso.

E assim, antes de voltarem para a cidade, já tinham marcado para breve os preparativos de uma linda festa, lá mesmo, na fazenda dos pais de Ângela.

Amanheceu um daqueles belíssimos e maravilhosos dias de outono. Céu limpo, ar puro e fresco,

pássaros e borboletas voando para todo lado. A fazenda estava arrumada para a grande festa. Uma enorme passarela contornada de flores terminava num altar onde aguardavam padrinhos e familiares, ladeando uma pessoa que iria ministrar de forma ecumênica a cerimônia de casamento de Ângela e Leon. Ao redor daquele palco, arranjos magníficos de flores do campo sobre colunas intercalavam algumas mesas com guarda-sóis brancos, cadeiras confortáveis se espalhavam pelo gramado e ao redor da enorme piscina. Completavam o cenário as compridas mesas de comidas, doces e salgados, tendo por cobertura enormes toldos brancos. Frutas variadas, arranjadas com esmero, intercalavam as flores que decoravam as mesas de comidas. Uma pequena orquestra foi contratada para tocar praticamente todos os ritmos e estilos a festa inteira, sob um lindo caramanchão florido. Era uma festa de filme, inesquecível.

A maioria dos convidados estava hospedada na própria fazenda, possibilitando a continuidade da festa por todo o final de semana. As mães dos noivos pareciam velhas amigas. Afinal, as duas eram fazendeiras, partilhavam o mesmo universo. Vovó Rosita não cansava de agradecer a Deus a felicidade de poder

participar com saúde daquela festa, daquele momento especial de alegria e felicidade do seu neto querido. Ângela entrou na passarela pelo braço do pai, que ainda precisava de uma elegante bengala de apoio. Mas estampava no rosto a alegria e a emoção daquele momento tão esperado por tanto tempo e pela felicidade de ainda poder assistir ao casamento de sua filha. Ângela vestia uma roupa muito bonita, à moda cigana, de cor rosa-chá, trazia nos cabelos uma mantilha de renda muito fina nos cabelos, arrematada com flores do mesmo tom. Exatamente como ela usara como Alma de Luz, a pedido de Leon. Queria vê-la como no sonho ali, diante dele e de todos aqueles que os amavam e os queriam tão bem.

Néli já ostentava uma barriguinha bem visível, para orgulho de Álvaro, que não se cansava de paparicar mãe e filho, ao lado de Antonio e Augusto, irmãos de Ângela, com suas esposas, padrinhos da noiva. A irmã de Leon, Rosana e seu marido Maurício, cochichavam o tempo todo lá na frente, trocando beijinhos discretos e segredos no lugar de padrinhos do noivo. Eles tinham acabado de receber a notícia de que iam ser pais e isso só aumentou a alegria da família. Ao lado dos dois, estavam Marta e Mauro, com as filhas

vestidas iguais e com flores nos cabelos, para serem as damas de honra. Janete e Jorge tinham um sorriso cheio de felicidade no rosto. Anunciavam a todos que seriam pais também e estavam muito felizes. Salete e Luiz Alfredo não quiseram perder tão bela festa e, apesar de chegarem um pouco constrangidos, foram deixados bem à vontade pelos donos da casa, que os receberam com toda a naturalidade. Deise e Jamil, que também tinham se casado uma semana antes, interromperam a lua de mel e apareceram de surpresa no meio da festa. Não tinham confirmado presença, mas vieram. Não poderiam perder a festa por nada deste mundo.

A alegria era geral e contagiava a todos. Pura felicidade. Deise pediu permissão para falar logo depois da cerimônia e diria, entre outras palavras, que Espíritos do Bem estavam presentes, abençoando aquele casamento que já estava escrito nas estrelas, como a união perfeita de duas almas afins. Um amor verdadeiro e abençoado, que ultrapassou muitas barreiras no tempo e no espaço e que, com certeza, corria para o infinito. No que foi muito aplaudida alegremente por todos, dando continuidade à festa.

Alguém filmava tudo, tomando depoimentos dos presentes que, com muita alegria, contavam com detalhes um pedacinho da história dos noivos, agora mais conhecida ainda e que provavelmente iria acompanhar o desenrolar dali para a frente dessa trajetória romântica e, com certeza, contar para alguém, que conheceram pessoalmente "almas gêmeas" de verdade. O amor verdadeiro, aquele que transcende a barreira da morte.

A lua de mel foi numa ilha banhada de muito Sol e gritos de gaivotas, numa pousada quase isolada do mundo. À noite, a Lua comparecia serena e luminosa ao som do vai e vem das ondas na areia branca. Era o paraíso. Certa noite, os dois tiveram o mesmo sonho. Um sonho especial, já parcialmente sonhado. Caminhavam pela praia à noite, onde a Lua gloriosa parecia maior que nunca. As saias fartas da cigana grudavam-se molhadas em suas pernas enquanto Leon a abraçava, carinhoso, tão junto ao peito, que podia sentir o seu coração bater em compasso com as ondas que quebravam suaves na areia. Andavam em direção à ponta de uma praia onde de longe podia se ver um imenso barco atracado a um ancoradouro. Foram andando naquela direção e entraram no barco

que, no mesmo momento, misteriosamente começou a flutuar no espaço, voando para longe dali como uma nave. Lá dentro, seguiram por um corredor até chegarem a uma sala muito iluminada onde alguém, de pé, no centro, os aguardava em silêncio. Com a mão direita, ele fez um gesto em direção às cadeiras à sua frente, que formavam um semicírculo, convidando-os a se sentarem. Uma suave melodia tocava ao fundo enquanto um leve e delicado perfume refrescante de flores se espalhava pelo recinto, completando aquele ambiente de paz. Ao pararem diante daquela pessoa, que irradiava uma intensa luz, abaixaram a cabeça em respeitosa reverência. Em seguida, após se sentarem, foi dado início à conversa.

- Deus os abençoe, meus filhos. Finalmente o grande dia do nosso reencontro chegou. Para quem está vivendo a vida na Terra, é um período longo, para quem está deste lado, é um lapso de tempo. Tenho certeza de que aprenderam muitas lições ao passarem por tantas situações de sofrimento e dificuldades por estarem separados, mas o amor de vocês prevaleceu como era de se esperar. O aprendizado foi bem dolorosa e rigoroso, é verdade, mas a lição que fica é que o amor é imortal porque é vida e, principalmente, que este sentimento

*não deve ser compartilhado só entre duas pessoas egoisticamente. Por mais oportunidades que vocês tenham de estarem juntos para vivenciarem este amor, lembrem-se de que sempre faltará algo muito importante e especial. Faltará sempre dividir e distribuir esse amor de forma incondicional, como sementes espalhadas ao longo do caminho, que florescerão amanhã e darão novas sementes. Só assim ele, o amor, se multiplicará eternamente pela humanidade, exemplificando a paz e a harmonia entre os seres, renascendo a cada momento e permanecendo vivo para sempre como uma chama. O ódio e o amor não conseguem viver juntos e, se conseguirmos espalhar o amor pelo mundo, o ódio se extinguirá definitivamente da face da Terra. O amor verdadeiro é o remédio para tudo, pois compreende, perdoa, redime e faz feliz a todos que o cultivam. E não esqueçam também, que "o amor cobre uma multidão de pecados."**

Fez uma pequena pausa e continuou:

A felicidade não é um bem pessoal, particular e de poucos, é uma bênção de Deus para a humanidade, é um sentimento Divino distribuído incondicionalmente aos seus filhos, suas criaturas, é um direito de

(*) I Pedro, 4:8

todos. Não podemos esquecer que, se não a repartirmos sempre, ela não se multiplicará e com o tempo se extinguirá tristemente, dando lugar ao egoísmo, ao isolamento, à tristeza. Distribuir e exemplificar o amor e a alegria em todos os momentos e oportunidades é imprescindível, para que um dia a Terra seja um mundo pleno de felicidade e paz. Assim como vocês, muitos outros casais, em várias partes do mundo, que já se identificaram por várias encarnações, como costumam dizer na Terra, como "almas gêmeas", também foram contatados para a missão de espalhar e exemplificar o amor e a felicidade entre os homens até que todos se encontrem uns com os outros novamente, para viver a plenitude do amor, numa era de Regeneração. Todos têm um amor como o de vocês em algum lugar. Muitos estão separados por incontáveis motivos e algumas vezes motivados por atitudes impensadas que tomaram em determinadas circunstâncias, como foi o caso de vocês, e que lhes modificaram as vibrações espirituais, fazendo com que se distanciassem cada vez mais pela diferença de sintonia, afastando-os pelas próprias vibrações divergentes. Uns se sintonizam com o bem, o amor, e outros se sintonizam com o mal, o rancor. Mas os que se adiantam espiritualmente estão sempre aju-

dando os seus amores, quando estão encarnados ou na espiritualidade, para que alcancem um bom nível de evolução e poderem juntos viver a plenitude do amor novamente. A lição maior que fica destes momentos de vidas passadas que tiveram permissão para recordar e serem revelados às pessoas de seu convívio é que a vida é o bem mais sagrado. Que precisamos respeitar cada segundo da vida na Terra, pois a encarnação é uma bênção para evoluirmos e desfrutarmos do amor que só é válido quando é incondicional e fartamente distribuído a todos. Quando conseguirmos nos amar e multiplicar infinitamente esse amor que consideramos nosso, ele se eternizará e a felicidade e a paz reinarão entre os da Terra. De que adianta isolar o amor, como se pode ser feliz quando os que estão ao nosso redor não o são? Quando conseguirmos realmente entender isso, então teremos encontrado a chave da felicidade eterna.

Houve uma breve pausa outra vez, e Ângela aproveitou para perguntar:

- E como podemos distribuir de uma forma mais abrangente este amor que sentimos um pelo outro, que conhecemos tão bem, e que nos deixa plenos

como se fôssemos um só a ponto de, quando estamos juntos, não sentirmos falta de nada e de ninguém?

- *Este é um problema que vai ser resolvido com o tempo. Para facilitar a tarefa nessa encarnação, vocês foram aquinhoados com famílias felizes e as benesses terrenas proporcionadas pelo dinheiro. Utilizem-no da melhor forma em benefício daqueles que estão aprendendo a lição da maneira mais dolorosa e mais difícil, onde falta tudo para o corpo e, principalmente, o amor e a compreensão para a alma, ficando sem sustento físico e emocional para lutarem. Não é necessário que eu enumere, é só deixarem de se olhar nos olhos um do outro o tempo todo e olhar para a frente e para os lados com atenção. Observem o que acontece a seu redor e verão que as oportunidades de ajudar ao próximo são muitas e, quando alcançarem o objetivo a que se propuseram que é partilhar, poderão ver o amor de vocês multiplicado nos olhos daqueles a quem ampararem, como se fossem estrelas, e isso os inundará cada vez mais de amor no final de cada dia, a cada vitória alcançada. O amor não pode ser egoísta, tem de ser doado e distribuído para ser multiplicado, repito, e assim permanecerá até a sublimação.*

- Por que tantos sofrem tanto? - perguntou Leon, querendo entender melhor.

- Por causa do livre-arbítrio. Quando escolhemos nossos caminhos ou quando fazemos nossas escolhas, nossas opções, nem sempre acertamos, porque somos levados a agir conforme nossas virtudes ou nossas imperfeições. É assim que aprendemos e vamos evoluindo. Errando aqui para acertar ali adiante. Vocês também sofreram para aprender e custaram a se encontrar por causa das escolhas erradas no caminho, mas valorizaram sempre e em todas as épocas o amor que os unia em detrimento das demais coisas da Terra, daí a oportunidade de viverem juntos este amor em muitas encarnações e serem escolhidos para tão importante tarefa. Agora estão diante de um novo momento. O de entender a real importância da vida e do amor. A importância de ele transcender os seus corações e se estender para aqueles que necessitam. Partilhá-lo para ser um exemplo a ser seguido. Sublimado, que agasalha e alimenta os seus semelhantes. Vocês representam sementes do amor que brotarão por onde passarem. Muitos casais como vocês estão tendo a missão de semear exemplos de amor pelos quatro cantos do mun-

do. Sejam felizes e semeiem a Terra de amor para que possamos colher a paz. Que Deus os abençoe.

Quando amanheceu e o Sol entrou pela janela do quarto em que dormiam, Ângela abriu os olhos e deparou-se com Leon a olhá-la, sorrindo embevecido.

- Hummm.

- Bom dia, meu amor.

- Bom dia, minha vida, que lindo, não?

- Sim, e é muito importante que a gente não se esqueça de nada, precisamos ficar atentos ao nosso compromisso, à nossa missão de compartilhar...

Muitas vezes lembraram aquele desdobramento nítido em sonho, que tiveram juntos, sem encontrarem a oportunidade que consideravam adequada para começar a tarefa de dividir as alegrias e o amor. Às vezes se sentiam constrangidos, porque mesmo procurando ajudar aqui e ali, sendo voluntários de algumas instituições, parecia-lhes pouco em relação ao compromisso assumido. Alguma coisa dentro deles dizia que não era ainda aquilo. Mas sabiam que na hora certa saberiam o que fazer. Como bem falou aquele Espírito mentor, o tempo da Terra é

contado diferente do tempo da espiritualidade. Certa noite, ao saírem alegremente do cinema, resolveram ir até a casa de Álvaro e Néli visitar os amigos, de surpresa. Uma esquina antes de chegarem ao endereço, foram abordados num semáforo por uma mulher grávida, que pedia ajuda para comer. Ao se aproximar da janela do carro, puderam notar que se tratava de uma adolescente. Os dois se olharam profundamente e convidaram a menina mãe a entrar no carro e a levaram para casa. Enquanto ela comia avidamente, ficaram sabendo que ela ainda nem tinha completado quinze anos, e que o pai a tinha posto para fora de casa quando ela engravidou do namorado, da mesma idade.

"Pobre menina", pensaram os dois, ao mesmo tempo em que a olhavam e se comoviam. Naquele instante, conversando com o olhar, se propuseram a ajudá-la. Mais tarde, depois de um banho demorado, a menina foi acomodada no quarto de hóspedes, enquanto Ângela continuava observando-a e, conversando, perguntou quando nasceria a criança.

- Não sei, não. Minha mãe, quando me levou no posto de saúde e o médico disse que eu ia ter um nenê,

ele falou que ia nascer perto do Natal; acho que já está perto, não?

- Você nunca mais voltou ao médico?

- Não. Meu pai me botou pra fora de casa naquele dia mesmo, e minha mãe não pôde fazer nada, não, senão ela ia também. Aí eu fui para a casa da minha madrinha, mas o namorado dela disse que não ia sustentar mais uma boca, e muito menos duas bocas. Que sou eu e meu nenê, aí eu estou na rua até hoje, me virando. Mas eu sabia que hoje era o último dia que eu ia dormir na rua, sabe por quê?

- Não, por quê?

Porque antes de vocês passarem naquela esquina, eu estava dormindo lá no meu cantinho quando sonhei de novo.

- Que sonho você teve? - perguntaram Ângela e Leon ao mesmo tempo.

- Eu sonhei de novo com um anjo iluminado. Ele mora num barco branco bem luminoso.

Os dois se olharam admirados.

- O que o anjo lhe falou?

- Ele falou que eu não ia mais precisar morar na rua e que eu ia para uma casa nova e não ia mais passar fome e nem frio, e que o meu nenê é uma menina, e que é para eu botar o nome dela de Alma de Luz - revelou a menina, com toda a simplicidade dos seus poucos anos de vida tão sofridos. Ângela e Leon ficaram comovidos até as lágrimas com a mensagem recebida e, dali em diante, começou a tarefa de espalharem a felicidade e o amor a partir daqueles dois seres em tarefa de aprendizagem que vieram até eles para dar início a uma missão muito especial. Algum tempo depois, era inaugurada a Fundação Alma de Luz, entidade beneficente que atendia os excluídos e os desabrigados, com roupas e alimentos e, muitas vezes, com empregos, mas principalmente, abrigava as mães meninas, dando-lhes todo o amparo para elas e para os bebês, além de estudo profissionalizante. Depois de a criança nascer, ficava na creche da própria instituição enquanto a mãezinha estudava e aprendia algum ofício. O trabalho começou devagar, mas assim que se organizaram e montaram a casa de amparo, quase todos os dias apareciam novos casos precisando de solução, na maioria urgentes. E, como num passe de mágica, Ângela recebia sempre, através da intuição

e orientação dos amigos espirituais, a solução para resolvê-los. Trabalhavam muito, suas vidas tinham mudado completamente, mas a cada dia, a cada desafio solucionado, eles se sentiam mais felizes e unidos, confiando sempre em Deus e nos mentores para conduzirem a nobre tarefa que a eles fora confiada. E como numa corrente do bem, sempre se apresentava mais um voluntário para lutar junto deles por aqueles que ainda não reencontraram o amor verdadeiro e um sentido para uma vida digna e feliz. Todos os amigos abraçaram a causa e trabalhavam nas horas vagas, empolgados e felizes, revezando-se em ajudar a solucionar alguns problemas dessas pessoas, como alojamento, emprego, etc. E, à frente de tudo isso, dessa instituição, estava o casal mais apaixonado de que se teve notícia, para dirigi-la; Leon e Ângela ou seria João Marcos e Alma de Luz? Ou talvez... Não; eram Ângela e Leon, porque o Espírito como princípio inteligente é sempre o mesmo, mas para cada vida um novo corpo, uma personalidade amalgamada na educação e nos exemplos familiares, uma nova roupagem a distinguir uns dos outros para um novo aprendizado sob os parâmetros da Terra. Mas o nosso conteúdo de valores essenciais, estes, na realidade, somos nós mes-

mos e estamos sempre indo à busca da nossa evolução pela eternidade.

A felicidade de Ângela e Leon se espalhava por onde passavam porque, além de fazerem benemerência, distribuíam amor sincero. Descobriram que quanto mais dividiam o seu amor e ajudavam os seus semelhantes, mais se amavam, mais felizes se sentiam, realmente.

Exemplificavam a confiança em Deus, a certeza de que todos, no futuro, serão felizes e se reencontrarão para continuarem a lutar por um planeta melhor, cheio de paz, amor e onde todos possam viver com dignidade, sem dores, nem sofrimento.

FIM

Perfume de Magnólia conta a história de um amor tão intenso e arrebatador, que teve o poder de atravessar as fronteiras dos séculos, das épocas e das vidas na Terra.

Mesmo em meio a tantos obstáculos, o poder desse amor entre Leon e Ângela, foi suficiente para penetrar no mais íntimo de suas almas, trazendo à tona recordações e emoções de um passado, até então, desconhecido.

Esta obra, caro leitor, nos descreve como esses dois Espíritos se reencontraram e escolheram novamente viver esse profundo sentimento, libertando-se, agora, dos perigos do egoísmo e do exclusivismo, dedicando uma nova trajetória de vida aos menos favorecidos pelo afeto.

E todo esse poder maravilhoso que restaura e resgata a existência dos personagens deste livro, encontra-se acompanhado por uma suave brisa de amor...
O delicado aroma da magnólia.

